



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**INSTITUTO DE ARTES – IDA**  
**DEPARTAMENTO DE MÚSICA**

**ROBERTO GILSON CARDOSO DE OLIVEIRA**

**TRAJETÓRIAS DE INICIAÇÃO A CLARINETA DE CRIANÇAS DE SEIS A DEZ  
ANOS**

**BRASÍLIA**  
**2024**

**ROBERTO GILSON CARDOSO DE OLIVEIRA**

**TRAJETÓRIAS DE INICIAÇÃO A CLARINETA DE CRIANÇAS DE SEIS A DEZ  
ANOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música do Departamento de Música da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Música.

**Área de Concentração:** Música em Contexto.

**Linha de Pesquisa:** Processos de Formação em aprendizagem musical na infância.

**Orientador:** Prof. Dr. Ricardo José Dourado Freire.

**BRASÍLIA**

**2024**

Nome: DE OLIVEIRA, Roberto Gilson Cardoso.

Título: Trajetórias de iniciação a clarineta de crianças de seis a dez anos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música do Departamento de Música da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Música.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr.: Ricardo José Dourado Freire (Presidente)

Instituição: Universidade de Brasília

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: Joel Luís Barbosa (Examinador)

Instituição: Universidade Federal da Bahia

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr.: Delmary Vasconcelos de Abreu

Instituição: Universidade de Brasília

Julgamento: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho acadêmico em especial à minha amada esposa, Iolanda Dourado, e ao meu querido filho, Gabriel Dourado, cujo amor incondicional e constante apoio foram pilares essenciais durante toda esta trajetória.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente ao Criador por me fortalecer ao longo desta jornada acadêmica. Expresso minha profunda gratidão aos meus pais, Luiz Gonzaga e Mercês de Moraes, cujo apoio e incentivo foram fundamentais em todas as etapas deste percurso.

Não posso deixar de agradecer, mesmo que em memória, ao mestre Luiz Gonzaga Carneiro: sua amizade, seus ensinamentos valiosos e sua habilidade como clarinetista são fontes inesgotáveis de inspiração. Sua generosidade como professor deixou uma marca indelével em todos aqueles que tiveram a honra de conhecê-lo e aprender com ele. Que sua memória continue a iluminar nosso caminho no mundo da música e da educação.

Agradeço imensamente a meus amigos, cuja presença e apoio nos momentos mais desafiadores foram verdadeiramente reconfortantes. Agradeço a Marcilio Marcelino, Carlos Gontijo, Guilherme Bose, Abelardo Ferreira, Elias de Andrade, Elias Miranda, Karla Cristian, José Ítalo, Eliana Costa, Elaine Cristina, Hudson Onofre, Israel Lima, David Ângelo, Marcos Taveira, Marcos Cohen e Anderson Alves por estarem ao meu lado e compartilharem sua solidariedade.

Por fim, expresso minha sincera gratidão ao meu orientador, Prof. Dr. Ricardo Dourado, cuja orientação e apoio foram indispensáveis para a realização deste trabalho. A todos mencionados e não mencionados, meu mais profundo obrigado pelo suporte e incentivo ao longo desta jornada acadêmica.

## RESUMO

A presente pesquisa descreve os processos de aprendizagem da clarineta na terceira infância, assim como os fatores determinantes para a construção da aprendizagem instrumental de crianças, levando em conta suas capacidades físicas. A Clarineta em Si Bemol é o modelo tradicionalmente utilizado na inicialização ao estudo do instrumento, seu peso e tamanho são incompatíveis na iniciação instrumental de crianças na terceira infância. Com foco na aprendizagem instrumental e utilizando quatro instrumentos de proporções diversas, propõe-se uma sequência de utilização de forma a atender às necessidades ergonômicas das crianças. Os processos de aprendizagem da clarineta estão relacionados à emissão do som, manuseio do instrumento, equilíbrio e sustentação. Este estudo de caso contou com três participantes que iniciaram seus estudos na clarineta com instrumentos de menores proporções, avançando para clarinetas maiores à medida que suas condições físicas e motoras os permitissem. A análise dos resultados foi realizada a partir das observações de aulas, vídeos e entrevistas. Foi constatada a evolução das crianças no estudo da clarineta e a viabilidade da utilização de clarinetas de tamanhos diferentes durante o ensino do instrumento.

Palavras-chave: Iniciação à clarineta; *clarinéo*; *dood*; *chalumeau*; trajetórias; crianças.

## **ABSTRACT**

The present research describes the processes of learning the clarinet in third childhood, as well as the determining factors for the construction of instrumental learning to children, considering their physical capabilities. The B-flat clarinet is the model traditionally used to initiate the study of the instrument, its weight and size are incompatible in the instrumental initiation of children in their third childhood. Focusing on instrumental learning and using four instruments of different proportions, a sequence of use is proposed to meet the ergonomic needs of children. The clarinet learning processes are related to sound emission, instrument handling, balance and sustain. This case study included three participants who began their studies on the clarinet with smaller instruments, progressing to larger clarinets as their physical and motor conditions allowed. The analysis of the results was carried out based on observations of classes, videos and interviews. The children's progress in studying the clarinet and the feasibility of using clarinets of different sizes when teaching the instrument were noted.

**Key words:** clarinet introduction; clarinéo; dood; chalumeau; trajectories; children.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Chalumeau</i> .....	37
Figura 2 – <i>Dood</i> .....	37
Figura 3 – <i>Clarinéo</i> .....	45
Figura 4 – Clarineta em C.....	53
Figura 5 – Clarineta em Bb.....	64

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
Interesses e motivações pela pesquisa .....	12
Problematização (ergonomia <i>versus</i> instrumentos) .....	14
Justificativa .....	16
Questões de pesquisa .....	17
Objetivos .....	19
Objetivos específicos.....	20
<b>CAPÍTULO I – PANORAMA HISTÓRICO</b> .....	22
Estratégias para a emissão do som e formação da embocadura .....	25
Contextualização histórica da clarineta .....	26
<i>Dood</i> .....	26
<i>Clarinéo</i> .....	27
Clarineta em Dó .....	28
Clarineta em Sib.....	28
<b>CAPÍTULO II – METODOLOGIA</b> .....	30
<b>CAPÍTULO III – TRAJETÓRIA DAS CRIANÇAS</b> .....	36
Parece uma flauta doce.....	37
A história de Teresa e seu <i>Dood</i> .....	38
A história de Diego e seu <i>Dood</i> .....	42
A história de Lucas e seu <i>Dood</i> .....	43
Uma clarineta de brinquedo .....	45
Teresa e a clarineta de brinquedo.....	45
Diego e a clarineta de brinquedo .....	48
Lucas e a clarineta de brinquedo .....	50
<b>CAPÍTULO IV – ENTREVISTAS COM AS CRIANÇAS E PROFESSORES</b> .....	69
<b>CAPÍTULO V – ENTREVISTAS COM OS FAMILIARES DAS CRIANÇAS</b> .....	85
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	93
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	96

## INTRODUÇÃO

Ao longo de mais de uma década lecionando clarineta, tanto para adultos quanto para crianças, uma lacuna persistente tem sido evidente: a escassez de material específico para as várias etapas iniciais do ensino do instrumento destinado às crianças na faixa etária da terceira infância, entre seis e onze anos. Esta lacuna motivou a busca por adaptações de materiais, incluindo instrumentos, acessórios e partituras, que tradicionalmente não contemplavam as necessidades e características físicas das crianças na faixa etária mencionada.

Os processos de aprendizagem da clarineta envolvem etapas fundamentais, como a emissão sonora, a sustentação, o equilíbrio do instrumento e o seu manuseio. Como professores de clarineta, nossa preocupação central é garantir que os alunos alcancem as competências e habilidades adequadas para seu desenvolvimento musical. No entanto, o modelo de Clarineta em Si Bemol, tradicionalmente utilizado na iniciação instrumental, revela-se inadequado para a realidade física das crianças, sendo demasiadamente grande e pesado para sua idade e estrutura física em desenvolvimento.

Essa constatação levanta questionamentos sobre a viabilidade da utilização desse modelo de clarineta na etapa inicial do estudo do instrumento. Surge, então, a necessidade de explorar alternativas que atendam às necessidades específicas das crianças que desejam iniciar ou já estão estudando clarineta, e que se deparam com condicionantes físicas que podem comprometer seu progresso no instrumento.

Com o objetivo de buscar por soluções plausíveis que permitam que crianças entre seis e onze anos comecem a estudar clarineta e desenvolver seu potencial musical, a presente pesquisa propõe a investigação e o desenvolvimento de ferramentas que irão auxiliar os professores nos processos de aprendizagem instrumental infantil. O foco está em oferecer à criança um leque de instrumentos que se adaptem às suas necessidades físicas, possibilitando uma experiência de aprendizado mais eficaz e prazerosa.

No ano de 2015, este pesquisador foi convidado a fazer parte do corpo docente do projeto Música Para Crianças, da Universidade de Brasília (UnB), no qual muitas vezes as crianças iniciavam sua vida musical ainda no útero, e seguiam as próximas etapas aos seis meses de idade, cantando e dançando com seus pais e professores em um processo lúdico e contínuo de iniciação musical.

Por volta dos seis anos de idade as crianças chegam ao momento de escolher um instrumento para dar sequência ao processo de aprendizagem musical, ocasião em que algumas crianças optaram por apreender a clarineta, começando seus estudos com o *Dood* e

posteriormente com o *Clarinéo*, para algumas crianças o *Clarinéo* se mostrava demasiadamente grande, o que as impulsionava a escolher um segundo instrumento que pudessem manusear sem grandes dificuldades.

Isso motivou a reflexão a respeito do tempo de permanência de cada criança nos referidos instrumentos, de modo que, na passagem para um instrumento maior, a criança o faça com o mínimo de esforço, pois essa transição deve ser gradual e prazerosa. As crianças que iniciaram com o *Clarinéo* posteriormente migraram para a Clarineta em Si Bemol, momento em se observava a dificuldade dos alunos em sustentar e manusear o instrumento, em alguns casos desmotivando e posteriormente gerando desistência em aprender o instrumento.

Neste momento, optou-se por um instrumento intermediário, que estivesse entre o *Clarinéo* e a Clarineta em Si Bemol, que a crianças pudessem sustentar e manusear de forma compatível a sua realidade física. A partir dessa trajetória, foi escolhida a Clarineta em Dó como objeto facilitador no processo de aprendizagem da Clarineta na infância.

### **Interesses e motivações pela pesquisa**

Iniciei minha trajetória no universo da música no ano de 1985, com a flauta doce, tocando de ouvido e, posteriormente, foram ofertadas pela escola onde eu estudava aulas de música com a professora Maria Eduarda dos Anjos, que ensinava violão, canto coral e flauta doce, tudo muito simples, com pouca teoria e nada de partituras convencionais. Em 1987, incentivado por meu pai, passei a frequentar o curso de música do Serviço Social da Indústria (SESI), em Ceilândia, onde após alguns meses de aulas teóricas e uma prova de leitura musical, tive meu primeiro contato com a clarineta. A escolha pelo instrumento foi simples e democrática: meu pai disse para escolher a clarineta. Ele acreditava que seria mais fácil ingressar em uma banda militar tocando clarineta, pois, em tese, seria o maior naipe do grupo.

Em 1991, ingressei na Polícia Militar do Distrito Federal, após aprovação em concurso público, para o cargo de 3º Sargento Músico, onde ao longo de mais de trinta anos desempenhei diversas funções como instrumentista, professor em cursos de formação, arranjador, regente e coordenador do curso de musicalização inclusiva para crianças.

Minha formação acadêmica teve início no primeiro semestre de 1996, ao ingressar na UnB como aluno especial e, posteriormente, como aluno regular. Em abril do mesmo ano houve o I Encontro Brasileiro de Clarinetistas, foi uma experiência ímpar participar de um evento com clarinetistas de todo Brasil, fazer amizade com boas pessoas e conhecer outras realidades do mundo da clarineta. Em 1997 houve a segunda edição do Encontro Brasileiro de Clarinetistas,

na oportunidade, pude participar do recital dos alunos tocando as Três peças para Clarineta Solo, de Claudio Santoro. Ainda em 1997, recebi convite para estagiar no SESI – Sobradinho, ministrando aulas de teoria musical e flauta doce para crianças e jovens, sob a supervisão do professor Luiz Gonzaga Carneiro. Concomitante ao curso de Educação Artística, cursava as disciplinas do curso de Bacharelado em Clarineta, sendo orientado pelo professor Ricardo Dourado Freire.

Em 2001, designado pela Polícia Militar do Distrito Federal, dei início a um projeto de musicalização para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, que na época acontecia no 4º Batalhão de Polícia Militar do DF, situado na Região Administrativa do Guará. O batalhão cedia suas instalações para o COSE (serviço de convivência e fortalecimento de vínculos) e o projeto ficou ativo por cerca de dois anos. Foram ministradas aulas de flauta doce, um pouco de teoria musical e canto coral. No final do segundo semestre, montamos um pequeno coral e chegamos a nos apresentar num evento onde foram reunidos os demais COSEs, e as crianças ficaram muito felizes por poderem se apresentar e serem reconhecidas por outras crianças.

No segundo semestre de 2003, concluí o curso de Educação Artística/Bacharelado em Clarineta pela Universidade de Brasília. No ano seguinte, surgiu a oportunidade de participar do Curso Internacional de Verão de Brasília (CIVEBRA), nas seguintes disciplinas: oficina de arranjo, com o professor Vitor Santos; prática de orquestra, com o maestro Claude Villaret; e clarineta com o professor Joel Barbosa (UFBA). Nas aulas de clarineta surgiu a admiração pela postura do professor, seu comprometimento em compartilhar o conhecimento, a forma igualitária com a qual dividia sua atenção entre todos os alunos, não importando se o aluno era avançado ou iniciante. Uma lembrança marcante foi a de uma aluna que havia começado os estudos de clarineta há um mês e, sempre que necessário, ela tinha a atenção do professor, este exemplo de entrega despertou em mim uma nova perspectiva com relação ao processo de aprendizagem musical, pois todos são capazes de aprender.

Nos anos seguintes, participei de outras edições do CIVEBRA, ora como aluno regular, ora como músico convidado. Participei também da Orquestra Filarmônica de Brasília e ministrei aulas particulares de clarineta e saxofone. No ano de 2015, houve o convite para fazer parte do corpo docente do projeto Música Para Crianças, da UnB, e no mesmo ano surgiu um segundo convite para ser professor de clarineta da escola de ensino musical Espaço das Sete Notas, onde a maioria de nossos alunos estão na faixa etária de seis a onze anos, além de alunos adultos e adolescentes.

O desejo de ingressar no Mestrado era um anseio antigo desde a graduação, porém, neste período, o Departamento de Música da UnB não tinha ainda o programa. Em 2021, motivado pelo trabalho que desenvolvemos com as crianças, incentivado pelos amigos e desejando dar prosseguimento aos estudos, ingressei no Mestrado da UnB.

### **Problematização (ergonomia versus instrumentos)**

Tradicionalmente, há pouca disponibilidade de material específico para as diversas etapas iniciais do ensino da clarineta na infância, o que levava professores a uma busca incessante por adaptações que pudessem dar suporte aos processos de aprendizagem do instrumento por crianças na terceira infância. Todavia, esses materiais não se adequavam à realidade das crianças que estudavam clarineta, pois, originalmente, tinham sido elaborados e desenvolvidos para estudantes com mais idade. Observou-se que as questões ergonômicas, físicas, psicológicas, motoras e cognitivas deveriam ser levadas em conta nos processos de ensino e aprendizagem, para que a criança pudesse chegar ao pleno desenvolvimento na performance da clarineta.

Este estudo pretende identificar a melhor maneira de organizar e adaptar clarinetas de diferentes tamanhos com base, também, nas necessidades ergonômicas das crianças, visando, assim, auxiliar os processos de aprendizagem instrumental. Segundo Tossini (2021, p. 81), “considerando as características do desenvolvimento corporal infantil, pressupõe-se que a ergonomia pode contribuir sobremaneira para o desenvolvimento de diversos artefatos específicos para crianças, incluindo os instrumentos musicais”.

O desenvolvimento físico da criança está ligado ao seu tamanho, força física e desempenho motor, que podem ser considerados pontos de partida para a escolha da clarineta a ser utilizada pela criança durante certo período do aprendizado. Para Capitão (2017, p. 01), “as condicionantes físicas estão relacionadas com o tamanho, o peso, a disposição das chaves, a disposição e diâmetro dos orifícios e da difícil emissão de som do clarinete, na aprendizagem do instrumento por crianças pequenas.” Segundo Machado (2017), é indispensável para a performance musical um nível elevado de concentração, coordenação motora, assim como resistência física e mental, o autor ainda afirma que a atividade musical pode ser comparada a uma atividade neuromuscular, devido ao grau de complexidade de atividades pertinentes ao executar uma performance.

A prática mental pode auxiliar na performance musical, pois consiste em executar, apenas em sua mente, atividades motoras sem a ativação muscular para sua realização,

imaginando como esta poderia se concretizar na realidade física, desta forma, antecipa e busca por alternativas para resolução de possíveis desafios propostos por qualquer atividade, conforme Marangoni e Freire (2015):

Assim como nos esportes, a prática mental possibilita várias aplicações ao campo da música, já que esta também exige uma alta demanda de aspectos motores e cognitivos. Como os músicos lidam diariamente com o desafio de aprender e aperfeiçoar habilidades musicais, é sempre importante desenvolver estratégias de prática conscientes e efetivas para um melhor aproveitamento musical (2015, p. 143).

A atividade musical, especialmente a performance de um instrumento como a clarineta, demanda uma série complexa de habilidades que devem ser desenvolvidas, especialmente durante a infância. Nesse contexto, é crucial considerar não apenas aspectos cognitivos, mas também a capacidade física da criança, uma vez que a execução musical envolve tanto ações motoras quanto cognitivas.

Um dos desafios enfrentados pela criança clarinetista está relacionado à capacidade de sustentar, equilibrar e manusear o instrumento. Além disso, ela precisa aprender a emitir som, buscar por qualidade sonora e executar melodias, seja lendo partituras ou tocando de memória. Essas tarefas exigem uma coordenação precisa de movimentos dos membros superiores, bem como uma compreensão do funcionamento do instrumento.

A emissão do som na clarineta é um processo complexo que envolve o aparato formado pela boquilha e palheta, que são manipuladas pelos lábios. Além disso, a mandíbula, a língua e a laringe desempenham papéis importantes na formação da embocadura e na produção sonora. Para que esse aparato seja funcional, são necessários o desenvolvimento e a manipulação adequada das estruturas físico-musculares que compõem o trato vocal. Segundo Alves (2013):

Mesmo que a manipulação de certas estruturas do trato vocal não ocorra de forma absolutamente explícita, a efetiva participação destas no processo de emissão é notória. Existe, ainda, a real possibilidade de manipulação consciente de certas estruturas, cujo sistema de acionamento e controle se daria de forma acoplada, ou seja, procedendo ajustes em certas estruturas, obter-se-iam alterações consequentes em outras (2013, p. 25).

Durante nossa trajetória de aprendizagem, é fundamental que os educadores e os pais compreendam as limitações físicas da criança e adaptem as práticas de ensino de acordo com suas capacidades individuais. Isso inclui a seleção de instrumentos adequados ao tamanho e à força da criança, bem como o desenvolvimento de exercícios específicos para fortalecer os músculos envolvidos na execução do instrumento.

Além disso, é importante incentivar uma abordagem gradual e progressiva no aprendizado, permitindo que a criança desenvolva suas habilidades motoras e cognitivas de forma integrada. Isso pode envolver a utilização de jogos e atividades lúdicas para tornar o processo de aprendizagem mais divertido e envolvente.

Os processos de aprendizagem da clarineta, como podemos observar, demandam uma gama de atividades que, como em qualquer instrumento, devem ser realizadas ao mesmo tempo. Frente a esses desafios, a criança se depara com a Clarineta em Si Bemol, seu peso e tamanho não são ideais ou compatíveis para o aprendizado de crianças na terceira infância. De acordo com Papalia, Olds e Feldman (2006, p. 351), o período compreendido entre os seis e onze anos de idade é denominado terceira infância. As autoras destacam ainda que, nesta etapa, há um aumento considerável da força física, desenvolvimento do pensamento lógico e ganhos cognitivos, atributos que irão permitir que a criança possa tocar a clarineta e desenvolver sua potencialidade.

A Clarineta em Si Bemol mede aproximadamente 63 centímetros, pesa cerca de 800 gramas e tem seu peso depositado sobre o polegar direito; o espaçamento entre os orifícios exigem que a criança abra bastante suas mãos e que permaneçam assim, o tamanho das chaves e sua disposição tornam difícil seu manuseio por crianças na faixa etária mencionada.

Diante do desafio de proporcionar uma experiência de aprendizagem eficaz e gratificante às crianças na terceira infância, a busca por ferramentas facilitadoras nos processos de aprendizagem da clarineta é essencial. A introdução de instrumentos de menores proporções revela-se como uma possível solução, oferecendo clarinetas adaptadas às necessidades físicas e ergonômicas das crianças. Fabricadas com materiais mais leves e equipadas com boquilhas e palhetas que facilitam a emissão do som, esses instrumentos diminuem as barreiras que poderiam desencorajar os jovens clarinetistas.

Ao priorizar o conforto no manuseio da clarineta, a acessibilidade de fechar os orifícios ou alcançar suas chaves, esses instrumentos podem auxiliar os educadores a minimizar as frustrações enfrentadas pelos alunos, garantindo que possam se concentrar no desenvolvimento de suas habilidades musicais. Ademais, a busca pela melhor organização das clarinetas em diferentes tamanhos, adaptadas às características físicas individuais das crianças, evidencia o compromisso em proporcionar um ambiente de aprendizagem inclusivo e personalizado.

## **Justificativa**

A necessidade de uma compreensão mais profunda e crítica dos desafios e fatores que impactam o processo de aprendizado da clarineta em crianças com idades entre seis e onze anos, considerando o estágio crucial de desenvolvimento que é a terceira infância. Este estudo busca preencher uma lacuna significativa na literatura acadêmica, uma vez que pouca atenção tem sido dada às especificidades do ensino da clarineta nessa faixa etária.

A escolha de investigar a utilização de clarinetas de diferentes proporções como uma estratégia para enfrentar os desafios específicos do instrumento é de grande relevância, uma vez que pode oferecer *insights* valiosos sobre como adaptar o processo de ensino para melhor atender às necessidades físicas e ergonômicas das crianças em desenvolvimento. Ao superar esses desafios, espera-se que o desenvolvimento instrumental dos alunos seja significativamente aprimorado, não apenas em termos técnicos, mas também em termos de motivação e engajamento com a música.

Além disso, ao enquadrar esta pesquisa no contexto da Performance Musical, sua contribuição é reconhecida para o avanço do conhecimento na área da educação musical. Ao compreender melhor os processos de aprendizagem da clarineta na infância, pode-se informar práticas pedagógicas mais eficazes e centradas no aluno, contribuindo assim para a formação de músicos mais competentes e apaixonados.

É importante ressaltar que esta pesquisa não se limita apenas ao âmbito musical, mas também tem implicações educacionais e sociais significativas. Ao oferecer uma abordagem mais inclusiva e sensível ao desenvolvimento infantil no ensino da clarineta, é possível promover uma educação musical mais acessível e equitativa para crianças de diversas origens.

Por fim, a relevância desta pesquisa é ainda mais destacada pela sua especificidade aos processos de aprendizagem instrumental no Brasil. Ao considerar as características culturais, sociais, esta dissertação pode oferecer *insights* valiosos que têm o potencial de informar práticas educacionais mais adequadas e eficazes no trato do ensino da clarineta para crianças.

Assim, diante da importância do tema e das lacunas existentes na literatura, esta dissertação representa uma contribuição significativa para o campo da educação musical, podendo beneficiar tanto educadores quanto alunos em sua jornada de aprendizado da clarineta na infância.

### **Questões de pesquisa**

As metodologias tradicionais de ensino de clarineta frequentemente são projetadas para alunos mais velhos ou adultos, que têm uma estrutura física e coordenação motora mais

desenvolvidas. Isso pode resultar em desafios significativos ao tentar aplicar essas metodologias para crianças com menos de doze anos. Os métodos tradicionais podem exigir uma destreza e força nos dedos que crianças mais jovens podem não ter desenvolvido completamente.

Crianças na terceira infância podem enfrentar dificuldades devido às diferenças fisiológicas e de anatomia em comparação com adultos. Por exemplo, o tamanho e a forma das mãos e dos dedos podem não ser adequados para manipular corretamente as chaves e os anéis da Clarineta em Si Bemol. Além disso, a capacidade pulmonar e a resistência física das crianças mais jovens podem ser limitadas, o que pode afetar sua condição de produzir um som consistente e sustentado no instrumento.

Diante dessas limitações, é necessário explorar abordagens pedagógicas alternativas que sejam mais adequadas para a iniciação à clarineta por crianças. Isso pode incluir o desenvolvimento de métodos de ensino específicos projetados para atender às necessidades e capacidades das crianças em idade entre seis e onze anos. Esses métodos podem incorporar jogos, atividades lúdicas, exercícios de respiração e técnicas de relaxamento para facilitar o aprendizado e o desenvolvimento das habilidades necessárias para tocar clarineta. É importante continuar explorando e desenvolvendo métodos de ensino que permitam que crianças mais jovens tenham acesso à aprendizagem musical de qualidade e à experiência enriquecedora de tocar clarineta.

No Brasil, as metodologias mais tradicionais não contemplam a iniciação apropriada à clarineta por crianças com idade inferior a doze anos, quando, em tese, a força física e tamanho de suas mãos iriam permitir que o jovem aprendiz conseguisse manusear a clarineta e emitir som. A exemplo de renomados músicos brasileiros, de acordo com o *site* CLARIPERU<sup>1</sup>, o clarinetista Paulo Sérgio Santos iniciou seus estudos aos doze anos de idade. Segundo matéria publicada no *site* do Museu da Imagem e do Som<sup>2</sup>, o compositor e instrumentista Abel Ferreira começou a tocar aos doze anos com uma Clarineta em Mi Bemol (requinta).

Capitão (2017), em sua pesquisa realizada em Portugal a respeito da iniciação ao clarinete, observa que os alunos mais novos sacodem a mão direita após tocar a clarineta para aliviar a dor no polegar, assim como tocam com o instrumento apoiado no joelho. “Estes comportamentos são estratégias que os alunos encontram para atenuar a dor e o desconforto

---

<sup>1</sup> CLARIPERU. *El clarinete en Latinoamérica*. Peru, 2006. Disponível em: [http://www.clariperu.org/Biografia\\_Santos.html](http://www.clariperu.org/Biografia_Santos.html). Acesso em: 10 de outubro de 2023.

<sup>2</sup> Museu da Imagem e do Som, 2007. Disponível em: <http://www.mis.rj.gov.br/colecao/abel-ferreira/>. Acesso em: 10 de outubro de 2023.

provocados pelo uso de um instrumento demasiado grande e pesado em relação às suas características físicas” (Capitão 2017, p. 24). Capitão também relata a utilização da flauta de bisel, Clarineta em Mi Bemol (requinta) além da Clarineta em Si Bemol na iniciação ao instrumento, mesmo não havendo consenso entre os professores de clarineta quanto a qual instrumento utilizar na iniciação instrumental.

O ensino tradicional da clarineta utiliza o modelo em Si Bemol, seu peso e tamanho não são ideais ou compatíveis para o aprendizado de crianças entre seis e onze anos de idade, que na sua maioria não reúnem condições físicas para sustentar, equilibrar, manusear e emitir som na clarineta, além de suportar seu peso que estará depositado sobre o polegar direito.

Ante o exposto, propõe-se investigar como o tamanho da clarineta influencia a habilidade técnica, a motivação e o engajamento de crianças na terceira infância durante o processo de iniciação ao instrumento. Ademais, procura-se identificar os fatores determinantes para a construção da aprendizagem instrumental dos participantes. Para tanto, é proposta a utilização de clarinetas de diferentes proporções, de forma a auxiliar na trajetória de aprendizagem por crianças na terceira infância.

## **Objetivos**

Os processos de aprendizagem da clarineta na infância trazem consigo desafios peculiares à execução do instrumento, a presente pesquisa que tem como ponto focal o respeito à condição física e motora das crianças, além de buscar por ferramentas que atendam as necessidades e auxiliem na superação dos desafios relativos ao manuseio da clarineta para que a criança possa maximizar sua potencialidade na performance instrumental. Sendo assim, é crucial a observância a esses aspectos, pois são determinantes para que as crianças deem sequência aos estudos, e não desistam de tocar o instrumento por não conseguirem executá-lo. A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a trajetória de iniciação à clarineta por crianças na terceira infância. Especificamente, será avaliado o impacto do tamanho do instrumento na habilidade técnica, na motivação e no engajamento das crianças no aprendizado da clarineta.

Com esse propósito, esta pesquisa se fundamenta no estudo de caso da trajetória de iniciação à clarineta de crianças que estudam música em duas escolas particulares, situadas em Brasília, onde este pesquisador também leciona. As crianças participantes iniciaram seus estudos de clarineta com instrumentos de menores proporções, avançando para clarinetas

maiores à medida que sua condição física e motora permitiam, e a ergonomia da próxima clarineta se alinhava às suas necessidades.

### **Objetivos específicos**

- Analisar as relações entre a utilização de clarinetas de diferentes proporções e seus efeitos na aprendizagem instrumental;
- Investigar como a utilização de quatro clarinetas de diferentes proporções pode influenciar o processo de aprendizagem instrumental por crianças na terceira infância;
- Investigar a necessidade de adaptações nas diferentes clarinetas para sua utilização nos processos de aprendizagem do instrumento; e
- Observar os fatores que contribuem para o sucesso da aprendizagem da clarineta na infância.

A presente pesquisa está estruturada com uma introdução, que traz em seu bojo o tema a ser examinado, assim como os interesses e motivações do presente trabalho e sua problematização, seguida de cinco capítulos de desenvolvimento e Considerações Finais. O primeiro capítulo descreve a revisão da literatura, que busca por referenciais teóricos que dialogam e sustentam a narrativa aqui proposta, objetivos, justificativa, bem como como um breve histórico a respeito da criação e desenvolvimento da clarineta.

O segundo capítulo trata da metodologia utilizada para a realização do presente trabalho, o estudo de caso possibilita a observação minuciosa de um ou poucos objetos, e para coleta de dados optou-se pela pesquisa de campo, uma vez que esta tem por objetivo reunir o máximo de informações a respeito de um problema em busca de respostas. O capítulo três, “Estudo de caso”, traz a narrativa da trajetória de três crianças que iniciaram seus estudos da clarineta aproximadamente aos seis anos de idade utilizando instrumentos de diferentes proporções, assim como reflexões a respeito da trajetória de aprendizagem das crianças.

No quarto capítulo — Entrevistas com as crianças e professores — as entrevistas têm como objetivo dar voz às crianças e professores que fizeram parte das trajetórias de iniciação à clarineta, trazendo à tona um olhar diferenciado sobre os caminhos trilhados pelas crianças clarinetistas. Esses depoimentos elucidam possíveis lacunas do processo de observação e levantam questionamentos plausíveis acerca das etapas de iniciação à prática instrumental por crianças na terceira infância.

No quinto capítulo — Entrevistas com os familiares das crianças — as entrevistas com os familiares oferecem uma perspectiva mais íntima e pessoal, proporcionando informações valiosas sobre a experiência da criança durante seus momentos de prática e estudo em casa. É nos lares que os pais testemunham de perto os esforços e progressos de seus filhos, seja durante apresentações informais para a família ou nos momentos dedicados à prática e criação musical. Os momentos de incentivo e apoio fornecidos pelos familiares se revelam como pequenos detalhes que desempenham um papel significativo no processo de aprendizagem da criança.

As entrevistas exploram a experiência dos pais ao acompanhar as transições entre as quatro clarinetas — *Dood*, *Clariné*, Clarineta em Dó e Clarineta em Si Bemol — destacando os desafios enfrentados e as conquistas alcançadas ao longo do caminho. Os discursos dos familiares oferecem uma visão única sobre os altos e baixos dessa jornada, revelando não apenas as dificuldades enfrentadas, mas também os momentos de orgulho e superação que permeiam o processo de aprendizagem da clarineta na infância.

Para as considerações finais, buscou-se compreender as trajetórias de três crianças clarinetistas que iniciaram seus estudos por volta dos seis anos de idade, explorando o impacto das clarinetas de diferentes proporções no processo de aprendizagem instrumental durante a terceira infância. Ao longo dessa análise, foi possível examinar os desafios únicos impostos por cada instrumento e como estes influenciaram as necessidades físicas e ergonômicas das crianças. A investigação também se estendeu à avaliação da adequação dos instrumentos propostos e sua ordem de utilização para suprir essas necessidades. Além disso, foram identificados os fatores de motivação e engajamento que impulsionaram as crianças em sua jornada desde o *Dood* até a Clarineta em Si Bemol.

## CAPÍTULO I – PANORAMA HISTÓRICO

É notório que nas últimas décadas o fenômeno da precocidade tem chegado a todas as áreas da evolução humana, e com a música não seria diferente, muitos pais buscam por centros especializados em musicalização para crianças, pois entendem os benefícios que trará para seus filhos. [...]” é possível constatar que a estimulação musical deve ser promovida desde a infância e é de fundamental importância para o desenvolvimento cognitivo, potencializando a imaginação, a atenção, a memória e habilidades musicais, contribuindo, também, de forma significativa, para ampliação dos saberes dos educandos no processo de ensino-aprendizagem” (Rambo, Almeida e Wolffenbüttel, 2018, p. 28).

O envolvimento com a música desde tenra idade pode promover o desenvolvimento cognitivo das crianças, a prática musical estimula áreas do cérebro responsáveis pela memória, linguagem, coordenação motora e habilidades auditivas. Além disso, a aprendizagem musical estimula a neuroplasticidade, a capacidade do cérebro de se adaptar e reorganizar em resposta a novas experiências. Como resultado, crianças que começam a aprender música precocemente tendem a ter melhor desempenho acadêmico, maior capacidade de concentração e habilidades de resolução de problemas mais desenvolvidas. A música oferece uma forma de expressão emocional que permite às crianças explorar e processar seus sentimentos de forma criativa e construtiva. Além disso, a prática musical em grupo, como participar de uma banda ou conjunto, promove habilidades de colaboração, comunicação e trabalho em equipe. Isso pode resultar em uma maior autoconfiança, empatia e habilidades sociais mais desenvolvidas.

Propiciar o mais breve possível o contato da música com a criança oferece uma série de benefícios significativos para sua vida. Além de promover o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, o envolvimento com a música desde cedo pode estimular a criatividade, expressão artística, autoestima e identidade das crianças. Portanto, é fundamental reconhecer e apoiar o potencial musical das crianças desde tenra idade, proporcionando-lhes oportunidades significativas de envolvimento com a música e suas diversas formas de expressão.

Segundo Capitão (2017, p. 20) verificou-se que o ensino da música deve se dar o mais cedo possível, e questiona se os professores de clarineta neste caso irão se sensibilizar e considerar as características físicas de crianças com menor idade. Tossini (2021, p. 26) relata que o clarinetista Martin Frost (Suécia) iniciou seus estudos na clarineta aos oito anos, e o clarinetista britânico Julian Bliss começou seus estudos aos quatro anos de idade tocando um *Clarinéo* (pequena clarineta confeccionada de plástico).

Para que se tornasse viável a utilização de clarinetas de diferentes proporções levando-se em conta a capacidade física de crianças com menor idade, as clarinetas passaram por algumas adaptações para que fosse possível sua execução, foram feitas adaptações em boquilhas, raspagem em palhetas — para que ficassem mais leves— assim como o uso de correia de sustentação para aliviar o peso do instrumento sobre o polegar da mão direita, em alguns casos se fez necessária a troca da peça de apoio do polegar por outra que pudesse receber a correia de sustentação, e a diminuição do diâmetro dos orifícios que recebem os dedos anelares, afim de evitar vazamentos, auxiliando a performance das crianças.

Segundo Pedriva e Tritão (2006, p. 84) a performance musical envolve movimentos físicos extremamente complexos, assim como experiência emocional e habilidades motoras e aurais. Tendo em vista os desafios que a performance musical impõe e as demandas inerentes à execução da clarineta, é natural que o professor busque por ferramentas que auxiliem nos processos de aprendizagem instrumental, para que seus alunos estejam motivados e ávidos por conhecimentos que irão permitir seu desenvolvimento ao tocar clarineta.

Pinto (2014) relata em sua pesquisa realizada em Portugal, a utilização da flauta de bisel, Clarineta em Mi Bemol (requinta), Clarineta em Dó, porém alguns professores revelam que há alunos que não se identificam com nenhum dos instrumentos citados, desta forma os professores opinam por esperar pelo crescimento das crianças para iniciar os estudos diretamente com a Clarineta em Si Bemol, o que vai ocorrer por volta dos nove ou dez anos de idade, dependendo do desenvolvimento físico de cada criança. Segundo Pinto (2014, p. 02):

O clarinete soprano em Si Bemol levanta alguns problemas na utilização com crianças de tenra idade, mais concretamente nos primeiros anos da iniciação, quando a maior parte ainda não está fisicamente desenvolvida para encarar as dificuldades impostas por este instrumento, pouco adaptado às suas características anatômicas (2014, p. 02).

Segundo Tossini (2021, p. 80), o instrumento musical deve atender a quesitos do ponto de vista da qualidade musical, acústica, e usabilidade, para alcançar sua plenitude utiliza-se do conhecimento de outras áreas em sua confecção. “Uma delas é a ergonomia, cujo objetivo é estudar os parâmetros das interações entre humanos e seus artefatos. A ergonomia se conceitua como uma disciplina científica que trata da compreensão das interações entre os seres humanos e outros elementos de um sistema”.

A utilização de clarinetas de diferentes proporções proposta pela presente pesquisa, busca possibilitar a interação entre criança e clarineta nas etapas iniciais dos processos de aprendizagem instrumental, buscando nas clarinetas envolvidas nos processos de iniciação instrumental maior funcionalidade, adaptabilidade e conforto. A utilização da Clarineta em Si

Bemol, como pode ser observado, exige da criança um grau elevado de coordenação motora, maior capacidade de vedação dos dedos sobre os orifícios da clarineta, assim como capacidade pulmonar e força física. Buscando possibilitar a melhora na qualidade da performance da clarineta por crianças na terceira infância, primou-se por respeitar sua capacidade fisiológica, seu tamanho, força física, capacidade pulmonar, desenvolvimento motor e cognitivo.

A educação musical infantil — mais especificamente a iniciação de instrumentos de sopro — tem apresentado desafios crescentes, pois encontra-se dificuldades em um contexto em que, o tamanho e o peso dos instrumentos, assim como as características físicas e motoras dos alunos, comprometem sobremaneira essa iniciação por crianças em idade pré-escolar. (Tossini, 2021, p. 189).

Visando promover a interação entre criança e clarinetas, foram utilizadas quatro clarinetas de diferentes tamanhos, de modo que a criança pudesse de fato executá-las, sem entraves por não conseguir segurá-las, manuseá-las ou emitir som, pois a impossibilidade da realização de quaisquer umas dessas tarefas podem causar desestímulo e, conseqüentemente, levar à desistência em tocar clarineta. Entende-se que todas as crianças são capazes de aprender um instrumento, e cabe ao professor propiciar oportunidades às crianças, de modo a experimentar e tocar o instrumento que seja compatível à sua condição física e motora, evitando assim qualquer forma de distinção, pois todas as crianças são ou serão capazes de tocar um instrumento musical.

Permanece ainda hoje, firmemente incrustado nos conservatórios e universidades, o modelo pedagógico do mestre e aprendiz, em que o virtuoso escolhe os pupilos “talentosos” que o irão substituir. Com a prevalência da transmissão oral do conhecimento no ensino da Performance Musical, muitos modelos pedagógicos foram perdidos ao longo do tempo ou deixou-se de avançar o conhecimento nessa área, mesmo após o advento do gravador e do videoteipe, pela simples falta do hábito de documentação (Lage *et al.*, 2002, p. 15).

Partindo da premissa, de que todos são capazes, entende-se que qualquer criança pode ou poderá tocar a clarineta. Respeitando o seu tempo, sua capacidade física, motora e cognitiva, compreendendo que cada criança tem seu ritmo, e mesmo que por caminhos diferentes, o professor deverá promover oportunidade de ensino e aprendizagem, possibilitando a aquisição de habilidades motoras que irão lhes permitir atingir metas e objetivos de forma progressiva, e interagir com a clarineta, tendo em vista que o instrumento deve se adaptar à realidade da criança e não o contrário.

## **Estratégias para a emissão do som e formação da embocadura**

A emissão sonora na maioria dos instrumentos musicais traz consigo seus desafios, seja posicionar as mãos sobre um teclado, posicionar os dedos sobre a corda, a maneira de segurar o arco, a vibração dos lábios em um bocal. No caso da clarineta, se faz necessário excitar a vibração de uma palheta sobre a boquilha, dosar a pressão do ar e do maxilar e mandíbula, assim como ter domínio da musculatura que compõe a embocadura e controle da respiração, frisa-se aqui que o instrumentista de sopros passa toda carreira controlando entrada e saída de ar.

O contexto que envolve embocadura, bem como o controle geral sobre o fluxo de ar e o manuseio do trato vocal, além de especificidades relativas à coluna de ar e aos mecanismos globais envolvidos no processo, impactam inúmeros parâmetros relacionados à sonoridade (timbre, flexibilidade, controle, igualdade, equilíbrio, projeção, entre outros) e ao controle de dinâmicas, ataques, articulações, afinação, além de um universo amplo de nuances (Fuks e Fadle, 2002, *apud* Alves, p. 02).

Neste contexto, são claras as inúmeras ações que ocorrem no momento da emissão sonora, diante de tal cenário cabe lançar mão de estratégias que irão permitir que a criança possa adquirir e desenvolver tais habilidades de maneira lúdica, a exemplo de tais estratégias relacionadas a respiração, pode-se sugerir o desafio em prender um guardanapo de papel contra a parede utilizando apenas o fluxo de ar; encher um balão sem o auxílio das mãos segurando o balão apenas com os lábios contraídos; encher o balão o acoplado a parte posterior da boquilha; emissão do som apenas com a boquilha, brincadeira de pingue-pongue em que a bolinha é substituída pelo som, a ideia é de se começar lentamente e aumentar a velocidade gradualmente, sugar o ar pela parte posterior da boquilha e observar o comportamento da palheta, imitar o som da sirene apenas com a boquilha, soprando forte, fraco, curto, longo, apertando e relaxando os lábios, observar no afinador que notas estão sendo produzidas apenas com a boquilha. Estas são algumas das estratégias que poderão auxiliar na consolidação da embocadura. “Embocadura” é um termo concernente à forma de utilização da musculatura facial e lábios quando em contato com um bocal ou boquilha (Peyer, 1995, *apud* Alves, 2013, p. 25).

Entender como se dá a produção sonora no clarinete é fator primordial para que a criança possa consolidar sua embocadura, de forma que a emissão do som seja o mais natural possível, sendo apenas um reflexo espontâneo quanto ao desejo tocar a clarineta.

## Contextualização histórica da clarineta

A clarineta teve como precursor o *Chalumeau*, que se assemelhava à flauta doce, exceto pelo uso de palheta batente, sendo desprovido de chaves num primeiro momento. Em seus primórdios, as clarinetas foram construídas de diversos tamanhos e tonalidades e, com o passar do tempo, lhes foram aderidas chaves. Colin Lawson, em *The Early Clarinet — A Practical Guide*, aponta que o clarinetista que tocasse o repertório barroco deveria ter uma coleção de instrumentos, suas pesquisas apontam para obras que contemplam a utilização de quatro *chalumeaus* em diversas afinações, essa diversidade surge em consequência das obras de compositores como Handel, Vivaldi e Molter, que utilizavam em suas composições instrumentos em Dó, Ré e Lá. Mozart, no período clássico, utilizava instrumentos em Lá, Si Bemol e Dó, além de clarinetas *basset* em Si Bemol, Lá e Fá (Lawson, 2000, p. 6).

No primeiro século de existência da clarineta, seu precursor, o *chalumeau*, limitava-se ao registro grave, já a clarineta barroca compreendia o registro agudo; só anos mais tarde foi possível construir uma clarineta que contemplasse ambos os registros (Lawson, 2000, p. 11). Não restam dúvidas de que o novo instrumento aparece com destaque na aquarela de sons dos compositores da época, substituindo as partes de oboé em pastorais e ganhando pouco a pouco um lugar consolidado no universo da música, com solos inteiros dedicados à clarineta.

Com o passar do tempo, a evolução da tecnologia e o domínio de matérias primas mais leves e resistentes, e a demanda crescente por bens e serviços que contemplem uma parte cada vez maior da sociedade em anos de revolução industrial, os instrumentos musicais também evoluíram, sendo dotados de várias chaves e construídos com materiais sintéticos.

## ***Dood***

A fabricante de instrumentos NUVO<sup>3</sup>, que tem seu foco voltado para crianças, lançou um *chalumeau* moderno, o *Dood*, que tem funcionado como ferramenta de introdução ao estudo da clarineta para crianças na terceira infância. Confeccionado em material plástico e com ventosas em silicone para auxiliar no fechamento dos orifícios, com boquilha e palheta batente que exigem esforço mínimo para a produção sonora, pesa setenta gramas, mede trinta e cinco centímetros, os orifícios que são fechados pela mão esquerda se distanciam um do outro a uma

---

<sup>3</sup> **Nuvo Instrumental (Asia) Ltd.** All rights reserved. Copyright © 2024. Disponível em: <https://www.nuvoinstrumental.com/>. Acesso em: 14 de outubro de 2023.

distância de quatorze milímetros, e os orifícios que são fechados pela mão direita se distanciam um do outro a uma distância de vinte e um milímetros o que traz um conforto e adaptabilidade ergonômica entre criança e instrumento.

É possível tocar no instrumento uma oitava, a exemplo de seu ancestral, as notas cromáticas também são possíveis, pois as ventosas das notas Dó, Ré, Fá e Sol têm um pequeno orifício que, se vedada apenas sua metade, teremos o intervalo de um semitom acima da nota original, a posição dessas notas desta forma evita a utilização de forquilhas, que são o posicionamento dos dedos de forma não convencional ou desconfortável para a criança. O *Dood* é bastante leve e desprovido de chaves, e a fabricante ainda disponibiliza um pequeno método contendo figuras ilustrativas do instrumento com a posição das mãos e dos dedos para cada nota, além de várias pequenas melodias simples que incentivam a criança a tocar o instrumento.

Na pesquisa em questão, lançamos mão de músicas folclóricas e do cancionário infantil do Brasil, que proporcionam às crianças um ponto de entrada acessível e envolvente no mundo da música. Com melodias simples e letras cativantes, as canções infantis são uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento auditivo, melódico e rítmico, ao mesmo tempo em que promovem valores como a brincadeira, a imaginação e a identidade cultural, a descoberta do mundo da música abre uma janela de infinitas possibilidades criativas que transcende as barreiras linguísticas e culturais, proporcionando um meio universal de comunicação e interação entre seus participantes.

Como dito, o *Dood* tem se mostrado uma ferramenta promissora na iniciação ao estudo da clarineta por crianças na terceira infância, auxiliando no desenvolvimento de habilidades e competências para a iniciação do estudo do instrumento, habilidades que estão ligadas à emissão sonora e ao manuseio do instrumento, que está ligado ao desenvolvimento motor fino. Embora o *Dood* não seja dotado de chaves e sim de ventosas, as mesmas devem ser alcançadas pelos dedos da criança, e o abrir e fechar das mesmas resultam em sons diferentes, tudo isso associado ao soprar na boquilha para emitir som; são múltiplas tarefas associadas ao desenvolvimento cognitivo e motor.

### ***Clarinéo***

Todavia, com o desenvolvimento da coordenação motora fina e o aumento da força física da criança, alinhados ao desejo de se tocar a clarineta, se faz necessária a troca de instrumento, para que melhor se adequem às necessidades ergonômicas da criança. Em parceria com músico e pedagogo inglês Graham Lyons, a Fabricante NUVO desenvolveu o *Clarinéo*,

uma pequena Clarineta em Dó, construída de material sintético, resistente a quedas e à água, com peso aproximado de 250 gramas, medindo 58 centímetros e que foi lançado no mercado internacional em 2009. Além de boquilha e palheta batente, orifícios, chaves e anéis, o novo instrumento chama a atenção das crianças por ser fabricado em diversas cores e por se parecer com a clarineta tradicional, sonho de consumo dos pequenos clarinetistas.

### **Clarineta em Dó**

Em seguida ao *Clarinéo*, temos a Clarineta em Dó, instrumento de menor proporção que a clarineta tradicional, medindo aproximadamente 58 centímetros e pesando cerca de 678 gramas, confeccionado em madeira ou resina. Embora tenha o mesmo tamanho do *Clarinéo*, seu peso é muito superior. A Clarineta em Dó moderna conta com um sistema de chaves e anéis, que possibilitam ao instrumentista executar com perfeição obras orquestrais, peças solos, música de câmara, entre outras. A Clarineta em Dó foi utilizada por diversos compositores, dentre eles Vivaldi, Telemann, Handel, Molter, Rameau, Haydn e Beethoven.

### **Clarineta em Sib**

O mais difundido dentre os congêneres da clarineta é o modelo em Si Bemol, sua versatilidade permite que transite por diversos ambientes musicais, passeando desde a música clássica à popular, sendo comumente encontrado em grande número em bandas de música, sejam civis ou militares, em orquestras sinfônicas, *big bands*, grupos de choro e MPB, grupos de câmara nas mais diversas formações, sendo também comum sua atuação como solista; sua sonoridade ímpar tem encantado diversos compositores ao longo da história. Além disso, renomados fabricantes de instrumentos que contribuíram grandemente para o desenvolvimento da clarineta atual, o que permitiu ao clarinetista reduzir a quantidade de instrumentos que deveria ter para executar algumas obras. A nova clarineta, por ser cromática, era capaz de executar todo repertório destinado a ela. No Século XIX, a clarineta se configura como a conhecemos atualmente, e as inovações posteriores são menos frequentes.

Diante deste prisma, é possível vislumbrar a evolução da clarineta desde sua criação até os dias atuais, assim como o desenvolvimento dos processos de aprendizagem da clarineta para crianças na terceira infância. Instrumentos de diferentes afinações e por conseguinte de tamanhos diversos, que em um primeiro momento serviam às necessidades composicionais dos mais distintos artistas. Essa diversidade possibilitou um leque de opções para a iniciação ao

estudo da clarineta para as mais variadas idades, proporcionando assim que as crianças comecem seus estudos na clarineta cada vez mais cedo, pois as clarinetas na sequência proposta por esta pesquisa demonstram atender às necessidades ergonômicas das crianças, proporcionando um fazer musical satisfatório, pois as condições físicas das crianças são levadas em consideração, e suas necessidades são supridas por instrumentos que atendem às suas limitações em decorrência da terna idade. Dessa forma, os processos de aprendizagem da clarineta na infância se tornam viáveis para crianças na terceira infância.

## CAPÍTULO II – METODOLOGIA

### Participantes

Para a realização do presente trabalho, foram selecionadas três crianças na faixa etária de seis a onze anos, sendo duas do sexo masculino e uma do sexo feminino. As crianças iniciaram seus estudos na clarineta aos seis anos de idade, e estudam em duas escolas de música situadas em Brasília. A fim de preservar a identidades das crianças participantes desta pesquisa, foram utilizados os pseudônimos Teresa, Diego e Lucas.

Teresa, com dez anos de idade em julho de 2024, começou seus estudos com a clarineta aos seis anos de idade com este pesquisador, que leciona clarineta na escola Espaço das Sete Notas.

Diego, com onze anos de idade em julho de 2024, iniciou seus estudos aos sete anos de idade com a professora Elizabeth na escola Espaço das Sete Notas e posteriormente com o professor José Maia na escola MiFáSol-Lá.

Lucas, com oito anos em julho de 2024, iniciou seus estudos com a clarineta aos seis anos de idade com o professor José Maia na escola MiFáSol-Lá.

Todos os participantes iniciaram seus estudos com o *Dood*, passando pelo *Clarinéo*, Clarineta em Dó e Clarineta em Si Bemol.

### Metodologia

Nesta pesquisa, optou-se pela utilização do estudo de caso para avaliar com mais profundidade o processo de iniciação instrumental de cada criança e avaliar a viabilidade da utilização de clarinetas de diferentes proporções no referido processo.

A coleta de dados se deu por intermédio da pesquisa de campo, que é uma abordagem metodológica amplamente utilizada em estudos de caso, permitindo ao pesquisador explorar fenômenos em contextos reais e capturar uma gama diversificada de dados.

Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados: diário de campo, uma ferramenta fundamental na pesquisa qualitativa, permitindo ao pesquisador registrar observações e reflexões; vídeos das crianças tocando nas aulas ou em casa, uma oportunidade única de observar o desempenho e a evolução das crianças; entrevistas com os pais, professores e com as crianças, proporcionando uma compreensão mais aprofundada das motivações, desafios e conquistas das crianças no aprendizado da clarineta.

## Estudo de caso

O presente trabalho utiliza como estratégia de pesquisa o estudo de caso, que é uma abordagem qualitativa, cujo objetivo consiste em investigar e analisar fatos atuais que acontecem na vida real. Diferentemente de outras estratégias de pesquisa, o estudo de caso se concentra em um caso específico, permitindo uma análise detalhada e contextualizada do fenômeno em estudo. Esta característica singular do estudo de caso oferece uma visão aprofundada das interações e complexidades do caso, destacando suas particularidades e nuances.

Segundo Gil (2002, p. 54) o método supracitado “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados.” O autor destaca que o estudo de caso é o procedimento ideal para estudos de natureza exploratória e adequado para investigar fenômenos contemporâneos. Destaca, ainda, que o estudo de caso se caracteriza pelo propósito da investigação:

a) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; e c) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos. (Gil, 2002, p. 54)

No entanto, o estudo de caso também apresenta algumas limitações e desafios. Uma das principais críticas ao estudo de caso é a questão da generalização dos resultados. Devido à sua natureza focada em um caso específico, os resultados do estudo de caso não podem ser extrapolados para uma população mais ampla. Contudo, é possível realizar generalizações analíticas, nas quais os resultados do estudo de caso são aplicados a contextos similares com base em princípios teóricos ou conceituais.

Outro desafio do estudo de caso é a questão da subjetividade do pesquisador. Como o estudo de caso envolve uma interpretação e análise dos dados, é importante que o pesquisador esteja ciente de suas próprias perspectivas e preconceitos, a fim de evitar distorções nos resultados. A adoção de uma abordagem reflexiva e transparente é fundamental para garantir a validade e confiabilidade dos resultados obtidos por meio do estudo de caso.

Em suma, o estudo de caso é uma estratégia de pesquisa valiosa na investigação acadêmica, proporcionando uma compreensão detalhada e contextualizada de fenômenos

complexos. As contribuições de Gil (2002), destacam a importância do estudo de caso como uma ferramenta poderosa para a geração de conhecimento em diversas áreas do saber. No entanto, é importante reconhecer as limitações e desafios inerentes ao estudo de caso e adotar abordagens metodológicas rigorosas para garantir a validade e confiabilidade dos resultados obtidos.

### **Pesquisa qualitativa**

A presente pesquisa de caráter qualitativo, que tem como objetivo elucidar questões que motivaram este trabalho, visa também conhecer o cerne de uma realidade. Para tal, o mais indicado segundo Penna (2015) será a pesquisa qualitativa na forma de estudo de caso, pois se utiliza de entrecruzamento de dados bibliográficos e empíricos, buscando extrair o máximo da pesquisa, que se sustenta em fundamentação teórica — metodológica, [...] “ a fundamentação teórica não resulta de um efetivo conhecimento da produção já existente ou uma escolha consciente da perspectiva a adotar, pois tal escolha exigiria certa maturidade intelectual e acadêmica, nem sempre encontrada em estudantes de graduação” (Penna, 2015, p.66).

### **Pesquisa bibliográfica**

Embora existam poucas publicações acerca do tema em questão, a busca por literatura a este relacionada remete a pesquisadores portugueses e brasileiros que tratam a do assunto e que se depararam também com a escassez de material bibliográfico específico à temática, o que não foi impeditivo para a realização de suas pesquisas. Gil (2002), destaca que a pesquisa bibliográfica consiste na busca, seleção e análise de materiais escritos já publicados sobre o tema de interesse. Esses materiais podem incluir livros, artigos científicos, teses, dissertações, relatórios técnicos, entre outros. A pesquisa bibliográfica tem como objetivo fornecer uma visão abrangente e atualizada do estado da arte sobre o tema proposto, permitindo ao pesquisador situar sua investigação dentro do contexto mais amplo do conhecimento existente.

Uma das principais vantagens da pesquisa bibliográfica é sua capacidade de fornecer uma base teórica sólida para o estudo em questão. Ao revisar a literatura existente, o pesquisador pode identificar teorias, conceitos e abordagens metodológicas relevantes para sua pesquisa, fundamentando assim seu trabalho em uma base sólida de conhecimento acumulado.

Além disso, a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador identificar lacunas no conhecimento existente e áreas que necessitam de mais investigação. Ao analisar as

controvérsias, debates e lacunas na literatura, o pesquisador pode formular questões de pesquisa relevantes e significativas, contribuindo para o avanço do conhecimento em sua área de estudo.

No entanto, a pesquisa bibliográfica também apresenta algumas limitações e desafios. Uma das principais críticas é a questão da qualidade e confiabilidade das fontes consultadas. Nem todos os materiais bibliográficos são igualmente confiáveis, e é importante que o pesquisador avalie criticamente a qualidade e credibilidade das fontes antes de incorporá-las em sua pesquisa.

Ante o exposto, conclui-se que a pesquisa bibliográfica desempenha um papel fundamental na investigação acadêmica, fornecendo uma base teórica sólida, identificando lacunas no conhecimento existente e contextualizando o estudo dentro do contexto mais amplo do conhecimento acumulado. As contribuições de Gil (2002), destacam a importância da pesquisa bibliográfica como uma etapa essencial no processo de condução de estudos acadêmicos, contribuindo para o avanço do conhecimento em diversas áreas. Entretanto, é importante reconhecer as limitações e desafios inerentes à pesquisa bibliográfica e adotar abordagens metodológicas rigorosas para garantir a qualidade e credibilidade dos resultados obtidos.

### **Pesquisa de campo**

Visando dar início à coleta dados e tendo em vista que o presente trabalho conta com três participantes que estudam clarineta em duas escolas de música particulares em Brasília, opinou-se pela pesquisa de campo, que, segundo Lakatos (2003), tem como objetivo arrecadar informações a respeito de um problema que busca resposta, ou levantar uma hipótese que se queira comprovar. A pesquisa de campo é uma das estratégias fundamentais na investigação acadêmica, permitindo a coleta direta de dados a partir da interação com o ambiente estudado. Para Lakatos (2003), a pesquisa de campo envolve a coleta de dados diretamente no local onde os eventos ocorrem, por meio de observações, entrevistas, questionários, entre outros métodos. Esta estratégia de pesquisa é especialmente adequada para investigar fenômenos complexos e contextuais, permitindo uma compreensão mais profunda e detalhada do objeto de estudo. A pesquisa de campo é frequentemente utilizada em ciências sociais, ciências da saúde, ciências ambientais e outras áreas onde a interação com o ambiente é essencial para a obtenção de dados relevantes.

A pesquisa de campo traz em sua estrutura fases distintas que se complementam, tem como ponto de partida a pesquisa bibliográfica, que tem por objetivo demonstrar o estado atual

do problema. O próximo passo é determinar as técnicas de coleta de dados e de determinação de amostra que deverá ser suficiente para apoiar as conclusões. Por fim estabelecer as técnicas de coleta de dados e as técnicas para análise posterior dos dados.

[...] se a pesquisa de campo envolver um experimento, após a pesquisa bibliográfica deve-se: a) selecionar e enunciar um problema, levando em consideração a metodologia apropriada; b) apresentar os objetivos da pesquisa, sem perder de vista as metas práticas; c) estabelecer a amostra correlacionada com a área de pesquisa e o universo de seus componentes; d) estabelecer os grupos experimentais e de controle; e) introduzir os estímulos; f) controlar e medir os efeitos (Lakatos, 2003, p. 186).

Uma das principais características da pesquisa de campo é sua natureza empírica e exploratória. Ao coletar dados diretamente no campo, o pesquisador pode observar os eventos em seu contexto natural, capturando nuances e complexidades que podem ser perdidas em ambientes controlados ou simulados. Além disso, a pesquisa de campo permite ao pesquisador interagir com os participantes do estudo, facilitando a obtenção de informações detalhadas e *insights* valiosos sobre o objeto de estudo.

Outra vantagem da pesquisa de campo é sua capacidade de fornecer dados contextualizados e contextualmente relevantes. Ao coletar dados no ambiente onde os eventos ocorrem, o pesquisador pode considerar o contexto social, cultural, econômico e ambiental que influencia o fenômeno em estudo. Isso permite uma análise mais abrangente e holística do objeto de estudo, contribuindo para uma compreensão mais completa e precisa dos fenômenos investigados.

No contexto da pesquisa científica, a escolha adequada da metodologia é crucial para garantir resultados significativos e relevantes. Lakatos, citando Tripodi *et al.* (1975, p. 42-71), destaca três grupos de pesquisas de campo: quantitativo-descritivos, exploratórios e experimentais. Neste estudo, enfatizamos o campo experimental como a abordagem mais apropriada para investigar a trajetória de iniciação à clarineta com foco na realidade física das crianças.

Experimentais - consistem em investigações de pesquisa empírica cujo objetivo principal é o teste de hipóteses que dizem respeito a relações de tipo causa-efeito. Todos os estudos desse tipo utilizam projetos experimentais que incluem os seguintes fatores: grupos de controle (além do experimental), seleção da amostra por técnica probabilística e manipulação das variáveis independentes com a finalidade de controlar ao máximo os fatores pertinentes. (Tripodi *et al.* 1975, p. 42-71, *apud* Lakatos, 2003, p. 189).

## **Pesquisa experimental**

O estudo de campo experimental é particularmente relevante quando se deseja investigar os efeitos de determinadas intervenções ou práticas em um contexto específico. No caso da iniciação à clarineta, é essencial compreender como a utilização de clarinetas de proporções diversas influencia o desenvolvimento da prática musical e de habilidades motoras.

Além disso, o campo experimental oferece a vantagem de permitir a manipulação controlada de variáveis, como a intensidade e a frequência das aulas de clarineta, o que possibilita um estudo mais preciso dos efeitos dessas variáveis sobre o desenvolvimento musical das crianças. Dessa forma, o pesquisador pode ajustar o programa de iniciação à clarineta conforme necessário para otimizar os resultados.

A metodologia adotada se mostra adequada para os fins desta pesquisa, o estudo de campo experimental emerge como a abordagem mais adequada para investigar a trajetória de iniciação à clarineta por crianças na terceira infância. Ao permitir a implementação de um programa estruturado de iniciação à clarineta e a manipulação controlada de variáveis, essa metodologia possibilita uma análise precisa dos efeitos da prática musical com a utilização de instrumentos de diferentes proporções respeitando a condição física da criança. Assim, a escolha do campo experimental neste estudo é fundamentada na sua capacidade de proporcionar *insights* valiosos para a compreensão dos processos de aprendizagem da clarineta na infância, como hipótese a ser comprovada.

### CAPÍTULO III – TRAJETÓRIA DAS CRIANÇAS

O presente estudo de caso contou a participação de três crianças que estudam clarineta em duas escolas de música particulares em Brasília. As crianças iniciaram os estudos da clarineta entre seis e sete anos de idade utilizando clarinetas de menores proporções. As escolas ofertam aulas de música individuais e atividades coletivas, as aulas individuais têm duração de uma hora e possibilitam a oferta de atenção personalizada, permitindo que o professor adapte a maneira de ensinar de acordo com as necessidades específicas de cada criança. É uma abordagem eficaz para a educação musical infantil, oferecendo benefícios que vão além do domínio técnico do instrumento.

Ao promover o desenvolvimento técnico, emocional, social e cognitivo, essas aulas capacitam as crianças a explorar sua criatividade, construir autoestima e cultivar uma apreciação duradoura pela música. As aulas coletivas são realizadas aos sábados e têm duração de aproximadamente de duas horas, contando com a participação de pelo menos dois professores e oferecem uma plataforma única para o crescimento e o desenvolvimento das crianças, combinando os benefícios da educação musical com a dinâmica social e colaborativa de tocar em conjunto.

As crianças participantes do estudo de caso tiveram suas identidades preservadas por questões éticas e utilizaremos os pseudônimos Teresa, Diego e Lucas. As observações e a coleta de dados se deram durante alguns momentos das aulas, por meio de gravações em vídeo, registros feitos em casa pelos familiares dos participantes, bem como em diário de campo e entrevistas. Os primeiros registros ocorreram em janeiro de 2020 e seguiram até 2023, a maioria dos vídeos são curtos, mas contêm uma gama de informações, tais como: A felicidade das crianças em estarem tocando um instrumento musical, como estão segurando e manuseando a clarineta, a maneira como sopram, a embocadura, a qualidade sonora, suas preferências musicais, dentre outras.

Em sua estrutura, o estudo de caso conta a descrição das aulas e vídeos enviados a este pesquisador em um período de quatro anos, e se divide em quatro tópicos, nos quais se observa a evolução dos participantes em cada um dos instrumentos aqui propostos e suas trajetórias desde o *Dood* até a Clarineta em Si Bemol.

### Parece uma flauta doce



Figura 1 – Chalumeau<sup>4</sup>

Ao longo deste estudo haverá, em adição à investigação dos avanços individuais de Teresa, Diego e Lucas, a busca pela compreensão mais ampla sobre como a adaptação de instrumentos e abordagens de ensino pode influenciar significativamente o processo de aprendizagem da clarineta na infância. Essas histórias, permeadas de descobertas e desafios, convidam à reflexão sobre a importância de considerar cuidadosamente a capacidade física das crianças na iniciação musical instrumental.



Figura 2 – Dood<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> *Renaissance and Baroque musical instruments.* Disponível em: <https://gtmusicalinstruments.com/instruments/baroque-chalumeau/>. Acesso em: 05 de dezembro de 2023

<sup>5</sup> La Musa. Disponível em: <https://lamusainstrumentos.es/pt/clarinete-dood-2-0-nuvo-negro-azul-de-plastico-endo-pt.html>. Acesso em: 05 de dezembro de 2023.

## **A história de Teresa e seu *Dood***

Valéria, mãe de três filhos, começou a estudar clarineta com este pesquisador no ano de 2019, durante as aulas comentava que sua filha (Teresa) e um dos filhos (Elias) estudavam piano, e que o mais velho (Sérgio) estudava violão. No ano de 2020, em decorrência da pandemia, realizamos o recital de fim de ano em formato *on-line* com nossos alunos, reparei que a filha de Valéria estava na sala virtual e assistira ao recital, na aula subsequente perguntei a Valéria o que a Teresa havia achado do recital, e comentou que havia poucas meninas tocando. Naquele momento, fizemos o convite para que Teresa se juntasse à classe, Valéria ficou animada, mas iria conversar com a filha, que de pronto aceitou o convite.

Na véspera de Natal, Teresa, que na ocasião estava com seis anos de idade (muito fofinha), recebeu um *Dood* com uma palheta de plástico e uma única orientação: não colocar os dentes na palheta. As palhetas fornecidas pela fabricante são curvas e acompanham a abertura da boquilha de maneira a facilitar sobremaneira a emissão sonora, com esforço mínimo o som acontece.

Em poucos dias, Teresa envia um vídeo dizendo que iria fazer bom uso do *Dood* e toca sua composição “Eu amo clarinete”. Concentrada, leva a boquilha à boca e estabelece sua embocadura, envolve boquilha e palhetas com os lábios, desloca a mão esquerda para os orifícios, inspira profundamente, sopra e emite som, move os dedos de maneira aleatória começando com os da mão esquerda e em seguida os da mão direita buscando por mudança no som, repete a ação e transborda de felicidade por estar tocando o *Dood*, ao fundo é possível ouvir sua mãe estudando a música “Carinhoso”, de Pixinguinha.

Em janeiro de 2021, tivemos nossa aula experimental repleta de descobertas, foram apresentadas as notas Lá, Sol, Fá e Mi, o que exigiu de nossa pequena instrumentista uma gama maior de concentração para a vedação dos orifícios e das ventosas, a utilização de ambas as mãos se faz necessária para a execução das notas Fá e Mi. A outra novidade foi a substituição da palheta de plástico por uma de cana, foi necessário um pequeno ajuste na boquilha para viabilizar a utilização da palheta de cana, haja a vista a abertura da boquilha do *Dood* ser grande e a palheta proposta ser reta, não acompanhando a abertura da boquilha, deste modo a resistência que a palheta oferece é demasiadamente grande, para superar tal obstáculo se fez necessária a colocação de um calço na parte inferior da boquilha para diminuir o espaço entre boquilha e palheta de maneira a facilitar a emissão do som com a nova palheta que aproxima a sonoridade do *Dood* à da clarineta.

A palheta de cana oferece maior resistência comparada à palheta de plástico, desta forma, se busca por palhetas mais leves que oferecem menos resistência, em muitas das vezes as palhetas precisam ser raspadas, lixadas ou limadas para que a emissão aconteça mais facilmente. De posse das notas Lá, Sol, Fá e Mi, Teresa recebe de presente a primeira parte da música “Cai, Cai, Balão” (Domínio público), que até então era desconhecida para ela, embora esteja no Brasil desde outubro de 2017, ela estuda em uma escola francesa onde cantam e dançam músicas francesas.

Em nossas aulas, há sempre momentos lúdicos de brincadeiras, ora propostas por este pesquisador, ora propostas pela Teresa, que tem uma imaginação muito fértil, em uma de suas propostas, brincamos de amarelinha pisando apenas com um dos pés nas cerâmicas do piso da sala a cada nota tocada. Nas aulas posteriores à medida que o tônus muscular da embocadura ia se estabelecendo e a coordenação motora fina se desenvolvia, foram apresentadas as notas, Ré e Dó grave, que possibilitou a execução de toda a música “Cai, Cai, Balão”, primeiro cantávamos sem letra, depois Teresa inventava uma letra engraçada para a melodia e, por fim, com letra original, mesmo executando devagar nos trechos descendentes entre as notas Lá e Dó, Teresa segue até o final.

À medida que se consolidava a coordenação motora fina e o equilíbrio do instrumento, foi possível a execução da nota Si, nesta posição, o instrumento fica equilibrado nos dedos polegar da mão direita, indicador e polegar da mão esquerda e pelos lábios.

A coordenação motora fina é um aspecto importante do desenvolvimento infantil, especialmente durante a terceira infância. Nessa fase, as crianças estão passando por um período de crescimento e refinamento das habilidades motoras, o que inclui aprimoramento da destreza manual e coordenação fina, estudar um instrumento de sopro, é particularmente interessante devido à complexidade e precisão exigidas para manipular o instrumento.

Desde a primeira aula, Teresa era estimulada a desenhar e pintar símbolos musicais, a conhecer e reconhecer as notas no *Dood* e na pauta. Antes do início das aulas individuais, que teriam início em fevereiro de 2021, a mãe da Teresa enviou um vídeo com a Teresa tocando as notas Si, Lá e Sol apoiando o *Dood* com o polegar da mão direita e o dedo médio, assim como uma partitura escrita por ela sozinha para tocar junto com sua mãe. Teresa estava com seis anos de idade na época, ingressando na terceira infância, período em que a criança está em um estágio de rápido desenvolvimento físico e mental. Suas habilidades motoras finas estão se aprimorando, permitindo maior destreza e controle sobre suas ações. Além disso, estão desenvolvendo habilidades cognitivas mais complexas, como o raciocínio lógico e a capacidade de resolver problemas de forma mais abstrata.

Essa fase também é marcada pelo desenvolvimento da identidade e da autoestima, à medida que a criança explora seus interesses e habilidades e tocar clarineta, em particular, oferece uma série de desafios e benefícios únicos para os estudantes dessa faixa etária, pois requer disciplina, coordenação motora e habilidades auditivas e concentração.

As alunas individuais começam com alongamento dos braços, mãos, pescoço, exercícios de respiração, e brincadeiras de fazer caretas, sorrindo, triste, abrir e fechar a boca, tudo isso para estimular o desenvolvimento da motricidade orofacial, ao tocar a clarineta, as crianças precisam desenvolver habilidades específicas relacionadas à motricidade orofacial, como a coordenação precisa dos músculos faciais e sua resistência, a articulação dos lábios para produzir o som do instrumento e manipulação da língua.

É importante utilizar o lúdico para manter a atenção e o interesse da criança, assim como pequenos desafios que aguçam a curiosidade, a exemplo dos exercícios de percepção, que começam com uma nota entre Sol 3 e Si 3, o professor começa tocando e a Teresa busca a nota com o *Dood*, no decorrer do exercício são acrescentadas mais notas e o número de notas a serem percebidas vai aumentando, posteriormente uma inversão dos papéis, Teresa toca todas notas possíveis para o exercício de percepção do professor, normalmente as aulas terminam com um jogo da memória composto por figuras musicais e instrumento, na maioria das vezes, Teresa se consagra vencedora, e não tarda a informar sua mãe a respeito de sua vitória esmagadora.

Em nossas aulas, compomos juntos pequenas melodias, fazemos escalas descendentes partindo da nota Si-3 a Dó-3, cantamos músicas de roda e as tocamos. Sempre que possível, tocamos para a mãe de Teresa, que normalmente grava estes momentos. Os momentos de apresentação para os colegas ou familiares são muito ricos, pois são momentos de reconhecimento do trabalho desenvolvido pela criança, além de ser um painel onde podemos observar um grau maior de concentração de nossos jovens clarinetistas, que se colocam a toda prova em momentos de interação musical.

Tivemos aula coletiva e audição *on-line* em seis de fevereiro, foi a primeira participação da Teresa na aula coletiva, ela estava um pouco tímida pois ainda não conhecia os demais alunos, mesmo assim, a mãe relatou que ela amou a aula. Nas aulas coletivas, mesmo virtualmente, Teresa presta atenção a tudo e participa das atividades propostas, seja respondendo a perguntas ou tocando seu instrumento. Na medida em que a coordenação motora se desenvolvia, foi possível ensinar a posição do Dó 4, onde o *Dood* é equilibrado com os polegares e o dedo médio da mão esquerda, Tereza enviou um vídeo tocando a escala de Dó maior, na sequência informa que está com um dente mole, e toca sua composição que não está

escrita, ela diz que está apenas em sua cabeça, repleta de escalas descendentes com Dó 3 e muitos Dó 4.

Nessa idade, é comum a troca dos dentes, é o período conhecido como a fase de dentição mista, marcado pela substituição dos dentes decíduos (dentes de leite) pelos permanentes, e não é empecilho para se tocar, as crianças apoiam a boquilha no dente que ainda não caiu, quando este cai, elas usam embocadura dupla e seguem tocando. A embocadura dupla consiste na maneira como o músico posiciona seus lábios e utiliza a pressão do ar ao tocar o instrumento, envolvendo a palheta e boquilha apenas com os lábios, sem apoiar os dentes sobre a boquilha.

Chegou a vez de Teresa participar de seu primeiro recital, (virtual) e ela estava preocupada em se apresentar, como não é diferente de qualquer recital, o primeiro passo foi a escolha das músicas, onde optamos por algumas das músicas que tocávamos nas aulas, e foram escolhidas “Cai, Cai, Balão”, “Havia uma Barata na Careca do Vovô” (Domínio público), “Borboletinha” (Domínio público) e Escala de Dó maior (com coreografia e figurino da Teresa). A mãe informou que Teresa estava bastante ansiosa com o recital e gostaria que as aulas fossem mais sérias, ela gostaria de repetir os trechos que ela estava errando, pois pedíamos que ela seguisse em frente para ter uma ideia geral da música para depois trabalhar pontos específicos.

Teresa estava muito presa às partituras, ficava um pouco relutante de tocar sem as partituras, embora em sala de aula tocasse e cantasse as músicas com ela, essas não faziam parte do seu dia a dia, pedi à Teresa que escutasse as músicas em casa, no carro, onde pudesse e que me enviasse vídeos tocando as músicas ou falando de suas dúvidas, a mãe relata que Teresa estava treinando todos os dias para o recital.

Nas aulas que antecederam o recital, normalmente me sentava de frente para Teresa, buscando ficar na mesma altura que ela, ou ela em uma cadeira mais alta que a minha, de maneira que ela possa ver com clareza o *Dood* que estou utilizando, pedia apenas que ela me imitasse, toquei fragmentos das músicas que ela iria tocar no recital, por exemplo, de “Cai, Cai, Balão”, toquei as notas Lá, Sol, Fá, Mi e em seguida ela repetia, tocava novamente mudando a métrica ou intensidade, depois o fazia de forma ascendente, alternando a sequência das notas e finalmente tocamos a primeira parte da música.

Com o passar das aulas, acrescentamos as notas Ré e Dó ao nosso exercício e tocamos toda a música “Cai, Cai, Balão”, o mesmo processo com pequenas variações ocorreu com as demais músicas. Os recitais funcionam como um propulsor de motivação e interesse pelo tocar clarineta, as aulas coletivas e os recitais trazem consigo aspectos importante para o desenvolvimento sociocultural das crianças. Para Barbosa (2014), em seu relato a respeito da experiência com ensino coletivo de instrumentos, “a atividade em grupo causou interações

sociais e competitivas entre os alunos, que de alguma maneira os ligaram com o grupo reduzindo a taxa de desistentes” (Barbosa; Joel, 2014, p. 45).

O recital de nossa pequena clarinetista foi um sucesso, com direito a depoimentos dos familiares e, ao término do recital, entrevista com nossa artista, tudo com tradução quase simultânea do português para o francês. Do ponto de vista da educação musical, os recitais de formatura desempenham um papel fundamental na consolidação do aprendizado e na promoção da excelência artística.

A preparação para uma apresentação pública exige dedicação, disciplina e atenção aos detalhes, incentivando as crianças a praticarem de forma consistente e a se esforçarem para alcançar seus objetivos. Além disso, a experiência de se apresentar em um recital permite que os jovens músicos desenvolvam habilidades de comunicação não verbal, expressão emocional e trabalho em equipe, fechando assim o ciclo de passagem do *Dood* para o *Clarinéo*.

### **A história de Diego e seu *Dood***

Diego, nascido em Brasília em seis de agosto de 2013, trilhou seus primeiros passos no mundo da música ao ingressar no *Dood* em julho de 2020, sob os cuidados da professora Elizabeth em uma escola de música localizada em Brasília. Em um dos raros vídeos que recebemos, podemos testemunhar Diego em sua jornada musical, acompanhado de seu avô, dedicando-se ao seu *Dood* azul e branco.

Enquanto executava a primeira parte da animada melodia “Havia uma barata na careca do vovô”, Diego comete um pequeno deslize, prontamente reconhecido por ele próprio com um sincero “upis”. Seu avô, protagonista da filmagem, não hesita em encorajá-lo, incentivando-o a seguir adiante. Com determinação, Diego supera o contratempo e finaliza com êxito a primeira parte da música.

Em outro registro, vemos Diego no topo de uma escadaria, envolto pela atmosfera da melodia de “Bem-te-vi” (Domínio público). Atendendo aos pedidos de sua irmã mais nova, ele arrisca-se a tocar “Cai, Cai, Balão”, mesmo alertando que não domina as notas. Contudo, após uma breve tentativa, nosso jovem clarinetista desiste da empreitada musical e, com alegria contagiante, entrega-se à dança para entreter sua irmã. Demonstrando uma personalidade extrovertida, Diego é apaixonado por conversas animadas, brincadeiras e, acima de tudo, pela música que ecoa de sua clarineta.

## **A história de Lucas e seu *Dood***

A trajetória de aprendizado de Lucas na clarineta teve início em março de 2022, quando tinha apenas seis anos de idade. Ele se aventurou inicialmente nas aulas de *Dood*, sendo o pioneiro da escola a se dedicar a esse instrumento. Apesar de sua natureza agitada e sua energia transbordante, Lucas gradualmente direcionou seu foco para as aulas de *Dood*, revelando uma capacidade impressionante de absorver conhecimento, mesmo em meio a tanta agitação.

No primeiro semestre, Lucas demonstrou um talento natural ao manusear e emitir som no *Dood*, durante o semestre aprendeu cerca de doze músicas, surpreendendo a todos com sua habilidade e rapidez de aprendizado. O repertório variado incluía desde clássicos como “Hot Cross buns” (Domínio público), “Samba de uma nota só”, de Antônio Carlos Jobim, até melodias mais complexas como “Águas de março”, de Antônio Carlos Jobim e “Asa branca”, de Humberto Teixeira e Luiz Gonzaga.

Durante esse período inicial, Lucas utilizou uma palheta de plástico em suas sessões de prática, aprimorando sua técnica e desenvolvendo sua musicalidade. Ao final do semestre, em junho, Lucas teve a oportunidade de celebrar seu progresso em um emocionante recital de formatura no *Dood*.

No palco do recital, Lucas deixou a plateia maravilhada ao executar de memória as músicas que havia aprendido ao longo do semestre. Sua apresentação foi uma verdadeira jornada musical, abrangendo uma seleção diversificada de peças, desde clássicos infantis como “He-Man”, até temas mais desafiadores como a “Marcha dos Santos” (Domínio público).

Durante os ensaios que antecederam o recital, tivemos a oportunidade de observar um vídeo gravado pelos familiares, no qual Lucas estava ensaiando a música “Dorme a Cidade”, acompanhado por seu professor ao teclado. Nosso pequeno clarinetista parecia estar totalmente à vontade e feliz enquanto tocava, até mesmo demonstrando uma pequena dança ao ritmo de sua música.

Outro momento interessante durante os ensaios ocorreu com a música “Marcha dos Santos”. Em determinado momento, Lucas trocou uma das notas, e então seu professor, José Maia, pegou seu *Dood* e tocou o trecho. Imediatamente, Lucas fez a correção e, em seguida, tocaram juntos o trecho novamente. Com as dúvidas esclarecidas, o professor retornou ao teclado e reiniciaram a música, com direito a uma coreografia de Lucas e solfejo do professor para apoiar e fixar a melodia.

Esses momentos de interação entre aluno e professor não apenas aprimoraram o desempenho de Lucas, mas também destacaram a importância do apoio e da orientação

individualizada durante o processo de aprendizagem musical. Através dessas experiências, Lucas não apenas aprimorou suas habilidades técnicas, mas também desenvolveu confiança e expressão artística, elementos essenciais em sua trajetória.

O apoio e incentivo de sua família desempenharam um papel fundamental em sua jornada musical, proporcionando-lhe o suporte necessário para superar desafios e alcançar seus objetivos.

A jornada das nossas três crianças clarinetistas pelo *Dood* marcou o início de suas trajetórias na iniciação à clarineta, representando um período repleto de significativas descobertas e desafios. Ao longo desse percurso, nossas crianças deram os primeiros passos na formação da embocadura, enfrentaram o emocionante desafio da emissão dos primeiros sons. Além disso, avançaram na coordenação motora fina, aprendendo a equilibrar e manusear o instrumento de forma adequada, o que requer concentração e prática.

A construção de um pequeno repertório, proporcionou às crianças a oportunidade de explorar diferentes peças e estilos musicais. Essas experiências foram marcadas por momentos de alegria e euforia, à medida que descobriam novas melodias. No entanto, também enfrentaram desafios e momentos de nervosismo, especialmente durante os recitais de formatura, que representavam o encerramento de um ciclo de estudos com o *Dood*.

Assim, a jornada de Teresa, Diego e Lucas pelo *Dood* não foi apenas uma introdução à música, mas também uma exploração dos desafios físicos e emocionais envolvidos no processo de aprendizado da clarineta na infância. Essas experiências foram fundamentais para moldar sua compreensão da música e para prepará-las para os próximos passos em sua trajetória musical.

## Uma Clarineta de brinquedo

À medida que nossos jovens clarinetistas avançam para a próxima fase de sua iniciação à clarineta, eles encontram um novo desafio emocionante: o *Clarinéo*. Este instrumento, que se assemelha à Clarineta em Si Bemol, representa uma transição significativa na jornada musical desses jovens clarinetistas. Dotado de chaves e anéis característicos e semelhantes aos da Clarineta em Si Bemol, o *Clarinéo* apresenta uma diferença fundamental em relação ao seu antecessor: sua digitação é idêntica à da Clarineta em Si Bemol, o *Clarinéo* tem sua afinação em Dó, assim como o *Dood*, instrumento usado anteriormente. Essa afinidade permite que os jovens clarinetistas explorem sobre outra perspectiva o repertório aprendido no *Dood*, o que influencia sobremaneira o desenvolvimento da coordenação motora e o desenvolvimento cognitivo.



Figura 3 – Clarinéo<sup>6</sup>

## Teresa e a Clarineta de brinquedo

O *Clarinéo* foi entregue a Teresa em de março de 2021 com uma palheta de requinta número 1,  $\frac{1}{2}$  (cana) com a boquilha adaptada para que a palheta ficasse mais leve. Nos dias seguintes, recebemos vídeos da Teresa tocando o *Clarinéo* pela primeira vez, momentos de alegria e euforia, ela toca a música “Cai, Cai, Balão” com a mesma digitação do *Dood*, tocou de forma livre experimentando possibilidades sonora do novo instrumento. Em nossa primeira aula pós-*Dood*, apresento a Teresa a posições das notas no *Clarinéo*, pois a digitação já se assemelha à da clarineta propriamente dita, e tocamos “Cai, Cai, Balão” com a digitação correta

---

<sup>6</sup> NUVO. Disponível em: <https://clarinetandflute.com/products/nuvo-clarineo-black-silver>. Acesso em: 11 de dezembro de 2023.

das notas, pois, no *Dood*, “Cai, Cai, Balão” tem sua digitação idêntica à da Flauta doce, e, conseqüentemente, suas notas são Sol Sol, Fá Mi, Sol Sol, Fá Mi, Sol La Sol Fá Mi Ré, a mesma digitação no *Clarinéo* resulta nas seguinte notas, Dó Dó, Sib Lá, Dó Dó, Sib Lá, Dó Ré Dó Sib Lá Sol. É apresentada a Teresa a digitação do novo instrumento e as novas notas que ela pode tocar no *Clarinéo*, abrindo um leque de possibilidades maior que a oitava do *Dood* oferecia.

Em meio às descobertas do novo instrumento, chega a nova dentição da Teresa, que não teve dificuldade com o nascimento dos dentes, no início ela tocou com embocadura dupla e logo após o nascimento dos dentes começou a utilizar o apoio nos dentes incisivos, nada disso impedia nossa pequena clarinetista em tocar, sua mãe enviou um vídeo de Teresa estudando sozinha a música “Asa Branca”, lendo a partitura, ela não sabe que está sendo gravada, Teresa consegue perceber quando toca notas erradas, volta e as corrige, evidenciando um processo de autorregulação evidenciado por Alves (2013): “Estudantes autorregulados demonstram conhecer o uso de variedades de estratégias de aprendizado, como a autoeficácia, estabelecimento de metas e objetivos, bem como o desenvolvimento da habilidade de monitorar e avaliar os resultados de suas performances” (Alves, 2013, p. 26).

Ela está prestes a participar de mais um recital, que contará com a participação de outras crianças clarinetistas, o que a motiva a estudar as músicas que irá tocar. O recital ocorreu em junho de 2021 (*on-line*), e Teresa tocou “Havia uma barata na careca do vovô”, e nos brindou com uma música do folclore francês intitulada “Alouette” (Domínio público). Segundo Teresa, “Alouette” é um pássaro francês, embora ela nunca tivesse visto um.

Embora o *Clarinéo* tenha a mesma digitação da clarineta, o instrumento tem sua afinação em Dó, o que possibilita se manter as músicas aprendidas no *Dood* sem a necessidade de transposição, e sim adequação à nova digitação do *Clarinéo*.

Ainda em tempos de pandemia da Covid-19, em agosto de 2021, Teresa, com sete anos, viaja à França para visitar seus parentes, oportunidade em que nossa clarinetista participa de uma colônia de férias musical para crianças e adolescentes. Segundo Valéria, Teresa era a única criança tocando *Clarinéo*, os professores o percebiam mais como um brinquedo do que um instrumento, o *Clarinéo* de Teresa despertava a curiosidade de muitos participantes.

As atividades da colônia de férias musical iniciavam-se pela manhã com estudo individual dos participantes, oportunidade em que Teresa brincava com outras crianças, no período da tarde havia aulas coletivas, e Teresa tocava com uma menina de nove anos que estudava clarineta há aproximadamente um ano, todos os dias tocavam juntas por 45 minutos com a supervisão de um professor, faziam duetos e estudavam um pouco de lições do método Klosé para clarineta.

O método Klosé é reconhecido por sua abordagem abrangente e progressiva, que visa desenvolver habilidades técnicas, musicais e interpretativas do estudante de clarineta. Uma das características distintivas deste método é a sua organização sistemática do material, dividido em seções que abordam desde os fundamentos básicos, como a produção de som e a postura correta, até técnicas avançadas de execução e expressão musical. Além de seu valor pedagógico, o método em questão também é reconhecido por sua contribuição na formação de inúmeros clarinetistas em todo o mundo, sendo frequentemente utilizados por professores e estudantes como ferramentas essenciais para o desenvolvimento técnico e musical.

As atividades contavam com participação em orquestra sinfônica, conjunto de clarinetes e coral, uma hora em cada grupo. Teresa deixou a orquestra sinfônica, pois achou muito complicado, no grupo de clarinetes o professor adaptou as partituras para que Teresa pudesse participar, o encerramento da colônia de férias seria um grande concerto no qual Teresa iria tocar com o auxílio de um aluno mais velho, todavia o concerto foi cancelado em decorrência da pandemia.

De volta ao Brasil, Teresa e seus colegas de turma participam do recital (presencial) de lançamento do livro “Brincadeiras de Soprar”, de Rosa Barros, o livro é uma celebração da infância e da imaginação, destacando a importância do brincar e da criatividade no desenvolvimento humano. Foi o primeiro contato presencial de Teresa com as outras crianças e um reencontro das demais crianças após um longo período de isolamento e distanciamento social, foram momentos de pura emoção e alegria, repleto de significado e simbolismo, momento em que nossos pequenos clarinetistas tiveram a oportunidade de se reunir novamente, compartilhar sua paixão pela clarineta e reviver a magia de tocar juntos, era só felicidade em meio a notas e risadas.

Nos meses subsequentes, Teresa participou de um sarau de clarinetistas do Festival Infantojuvenil de Clarinetistas (*on-line*), que contou a participação de vários alunos de diversos estados Brasileiros. Em dezembro, recebemos um vídeo de Teresa tocando a música “Romance”, de Paul Read, com sua mãe, alternavam os compassos, nos momentos de pausa, Teresa está sempre atenta ao que sua mãe está tocando, e realiza sua entrada sem dificuldades, feliz por estar tocando com sua mãe, lembramos que o *Clarinéo* é afinado em Dó e Valéria toca Clarineta em Si Bemol desta forma, se fez necessário transpor a partitura para que Teresa pudesse tocar com sua mãe, a peça foi transposta para a tonalidade de Si Bemol maior, toquei a música para ela no *Clarinéo* e, em seguida, a convidei a tocar de ouvido, posteriormente apresentei a partitura para que Teresa pudesse confirmar o que estava tocando e fazer as correções que se fizessem necessárias.

Neste processo, após consolidar as habilidades auditivas, a introdução à leitura da partitura se torna uma progressão natural no processo de aprendizagem, desta forma, nossa pequena clarinetista já tem um conhecimento prático do instrumento e uma compreensão intuitiva das estruturas musicais, a aprendizagem da notação musical complementa e expande esse conhecimento, permitindo que Teresa traduza sua compreensão auditiva para o contexto visual da partitura, isso fortalece a compreensão da linguagem musical, assim a capacitando a explorar um repertório mais amplo de maneira eficaz.

### **Diego e a Clarineta de brinquedo**

Em janeiro de 2021, Diego embarcou em uma nova etapa de sua jornada musical ao adotar o *Clarinéo*, seu novo instrumento na deslumbrante cor branca. Determinado a explorar suas habilidades, ele se aventurou a executar “Havia uma barata na careca do vovô”. Contudo, sua performance foi interrompida pela empolgação de sua irmã mais nova, que exclamava sobre um assunto pertinente, “Diego bochecha! Diego tá com bochecha!”, mas Diego, com sua determinação característica, respondeu prontamente: “deixa eu!”

Apesar da distração momentânea, ele persistiu na execução da música até o fim, demonstrando não apenas habilidade musical, mas também uma forte determinação em alcançar seus objetivos. Ao término da peça, seu rosto pode ter exibido algumas bochechas infladas, mas sua expressão refletia a satisfação e alegria pelo feito alcançado.

É importante ressaltar que esse período coincidiu com os desafios impostos pela pandemia, tornando todas as aulas com a professora Elizabeth na modalidade virtual. Graças ao apoio incansável de seu avô, Diego não apenas superou esses obstáculos, mas também demonstrou um notável desenvolvimento em sua habilidade de tocar a clarineta. O incentivo e suporte de sua família foram pilares fundamentais em sua trajetória de aprendizado musical, proporcionando-lhe confiança e motivação para perseguir sua paixão pela música.

Nosso jovem clarinetista mergulha em sua jornada guiado pela paixão pela clarineta e pelo desejo de expressar-se através da música. Ao receber vídeos curtos de Diego dedicando-se à melodia “Fun Key”, de Graham Lyons, testemunhamos não apenas sua habilidade técnica em desenvolvimento, mas também sua dedicação e comprometimento com a prática.

No segundo vídeo, a introdução do *playback* traz uma nova dimensão à sua performance. Acompanhado pelo ritmo e harmonia pré-gravados, Diego demonstra uma melhora perceptível em sua desenvoltura e confiança. Esta mudança não só valida seu esforço anterior, mas também inspira uma nova ambição: compartilhar sua música com outros.

O quintal de sua casa se torna o palco improvisado para o *show* de *Clarinéo*. Diego, em seu momento de glória, transmite uma energia contagiante enquanto brinca despreocupadamente em um balanço sob a sombra da árvore. A transição suave de diversão para anúncio revela não apenas seu fazer musical, mas também sua capacidade de envolver e cativar sua plateia.

Ao optar por tocar a música “Fun Key “A cappella” neste evento improvisado, Diego desafia-se a um novo nível de expressão artística. Sua decisão mostra uma confiança renovada em suas habilidades, além de uma determinação em compartilhar a essência pura de sua música, sem apoio externo. Este momento, capturado em vídeo, não apenas documenta seu crescimento, mas também celebra a conexão íntima entre Diego e sua clarineta.

No próximo vídeo, observamos Diego, seu irmão mais velho ao teclado e seu avô o orientando no solfejo, o estudo da música “Ode à Alegria”, de Ludwig van Beethoven, uma ação conjunta e familiar que ajuda e impulsiona Diego a tocar a clarineta todos os dias, na sequência temos Diego tocando “Ode à Alegria” acompanhando uma gravação sendo supervisionado por seu avô, Diego está de posse de uma partitura que havia sido estudada anteriormente, gravam um vídeo que deverá ser enviado à Professora Elizabeth. Neste processo, Diego grava alguns *takes* até que ele e seu avô concordam que está bom para ser enviado à Professora, e posteriormente aos familiares e amigos.

A trajetória de aprendizagem de Diego na clarineta é enriquecida por uma atmosfera familiar e colaborativa, onde o apoio de seu irmão mais velho ao teclado e a orientação sábia de seu avô no solfejo desempenham papéis fundamentais. No estudo da música “Ode à Alegria”, testemunhamos não apenas uma prática musical individual, mas sim uma atividade compartilhada que une gerações e fortalece laços familiares.

A presença e o envolvimento de seu avô não apenas fornecem orientação, mas também transmitem valores de dedicação, perseverança e amor pela música e por seu neto. A ação conjunta de estudar e praticar a peça musical, cria um ambiente de encorajamento mútuo, incentivando Diego a se dedicar à clarineta com entusiasmo.

O momento em que Diego toca “Ode à Alegria” acompanhando uma gravação, sob a supervisão atenta de seu avô, é uma representação vívida da progressão em sua jornada musical. Munido da partitura previamente estudada, Diego demonstra não apenas habilidade técnica, mas também uma compreensão da música como elemento da vida.

A gravação do vídeo destinado à professora Elizabeth não é apenas um marco em seu desenvolvimento musical, mas também um testemunho do apoio e incentivo contínuos de sua

família. As diversas gravações e a colaboração entre Diego e seu avô refletem um compromisso com a excelência e a busca pela melhoria contínua de nosso jovem clarinetista.

Neste cenário, a aprendizagem da clarineta transcende os limites individuais e se torna uma experiência enriquecedora, que une família, amigos e professores em torno de uma paixão comum pela música.

No próximo vídeo, Diego está centrado e sozinho, estudando a música “La Cucaracha” (Domínio público). O ritmo é suave, cada nota é cuidadosamente tocada, e sua concentração é palpável, já que ele desafia a partitura, confiando apenas em sua memória. É um momento de profunda conexão com seu instrumento, uma demonstração de dedicação e habilidade adquiridas ao longo de sua jornada com o clarinete.

Logo em seguida, ele se une à sua família para um ensaio especial. Seu pai dedilha o violão, seu irmão acrescenta camadas de harmonia no teclado e sua irmã contribui com o chocalho. Este ensaio não é apenas mais um momento musical, mas sim um marco significativo: a gravação do vídeo de despedida do *Clarinéo*.

Esta apresentação tem um propósito maior do que apenas celebrar a transição para a Clarineta em Dó. É um ritual de passagem, encerrando um ciclo de aprendizado e dando as boas-vindas a uma nova fase na jornada musical de Diego. A presença ativa e entusiástica de sua família acrescenta de significado e emoção à performance.

A atmosfera é leve e descontraída, permeada pelo amor e apoio mútuos entre os membros da família. Diego, orgulhoso e confiante, apresenta sua família à sua audiência imaginária, atribuindo a cada um o seu papel musical.

A performance começa com um grito bem agudo da irmã de Diego, seguido pela exclamação hilária: “Uma barata!” Esse momento espontâneo desencadeia uma série de risadas e sorrisos, preparando o terreno para a apresentação do quarteto. A plateia, composta por sua mãe e avô, é pequena em número, mas grande em apoio, aplaudindo e gritando entusiasmadamente.

Esta apresentação simbólica celebra o progresso alcançado por nosso jovem clarinetista, e encerra sua passagem pelo *Clarinéo*.

## **Lucas e a Clarineta de brinquedo**

Agora de posse do *Clarinéo*, um instrumento que já se assemelha à clarineta, Lucas se deparou com novos desafios. Sua curiosidade em desbravar o novo instrumento o impulsionava a explorar as possibilidades sonoras do *Clarinéo*, mesmo sem ter plena consciência das notas

que estava tocando. Lucas chegava às aulas com fragmentos de músicas que gostaria de tocar, como temas de desenhos animados e jogos, a exemplo do tema de *Sonic*, em alguns casos era necessário mudar a tonalidade das músicas para tornar sua execução viável, pois muitas vezes que estavam em tonalidades que ele ainda não havia estudado.

O novo desafio que se apresentou foi a substituição da palheta de plástico pela palheta de cana, que era mais pesada, oferecendo maior resistência na emissão sonora. Em contrapartida, o som emitido se aproximava mais ao da clarineta propriamente dita. Para ajudar nessa etapa de adaptação, seu professor trouxe soluções lúdicas, como brincadeiras de recorde de respiração, em que consistia em cronometrar quanto tempo Lucas conseguiria manter uma nota. A cada aula, Lucas buscava vencer seu próprio recorde. Na primeira aula, seu recorde foi de 17 segundos sustentando a nota Fá; ao fim da terceira aula, seu recorde sustentando a mesma nota foi de 26 segundos. Cabe ressaltar que instrumentistas de sopro passam suas carreiras administrando entrada e saída de ar, o que nossa criança clarinetista vem fazendo muito bem, o que o ajuda a se concentrar nas aulas.

Em um dos registros em vídeo das aulas, podemos observar Lucas imerso no aprendizado da música “Marcha Soldado” (Domínio público). Seu professor, sentado de maneira que estabelece contato visual direto, inicia a atividade solfejando a melodia enquanto demonstra as posições das mãos no *Clarinéo*. Lucas acompanha com atenção, absorvendo cada detalhe. Em seguida, é a vez de Lucas tocar junto com seu professor, mantendo-se sempre atento às mãos habilidosas de José Maia. Esses momentos revelam que, apesar de sua energia e agitação naturais, Lucas é capaz de se concentrar plenamente durante o aprendizado, mostrando determinação em alcançar seus objetivos musicais.

Outro vídeo retrata Lucas aprendendo a música “Hot Cross Buns”. O professor aborda o aprendizado de forma progressiva, dividindo a música em trechos e aumentando gradualmente a velocidade. Conforme as peças desse quebra-cabeça musical se unem, a melodia começa a tomar forma. Em um momento crucial, José Maia apresenta a Lucas uma gravação da música e toca junto com ela, convidando Lucas a se juntar a ele nessa execução. Apesar de alguns tropeços pelo caminho, Lucas persiste e consegue acompanhar até o final da música.

Lucas estava muito feliz em progredir para um instrumento maior, mais um passo em direção à tão sonhada Clarineta em Si Bemol. Como o *Clarinéo* oferecia um leque maior de notas, Lucas pôde visitar as músicas que aprendeu anteriormente, só que agora em outras tonalidades. O professor optou que, neste semestre, Lucas iria trabalhar somente o registro

grave do *Clarinéo*, uma vez que a mudança de registro altera significativamente o posicionamento das mãos, o que pode resultar em vazamentos.

Ao ampliar seu repertório, que além das músicas aprendidas anteriormente e agora em outras tonalidades, somou a elas o tema de “Pokémon”, “Vassourinhas” e as primeiras músicas do livro “Clarinetas Fáceis”, de Cristiano Alves.

No recital de final de ano, um momento ímpar na vida musical de nossos jovens clarinetistas, onde tiveram a oportunidade de demonstrar o que aprenderam ao longo de seus estudos, todos os alunos participaram, se apresentando para seus familiares e amigos. Lucas se destacou ao tocar de memória uma variedade de músicas, incluindo “Hot Cross Buns”; música tema do “Canal 100”, de Waldir Calmon; “Samba de Uma Nota Só”; “Águas de março”; “Asa Branca”; “Dorme a Cidade”, de Chico Buarque; “Marcha dos Santos”; “Frère Jacques” (Domínio público) e “Vassourinhas”, de Matias da Rocha e Joana Batista Ramos. Sua performance marcou o encerramento de um ciclo no *Clarinéo*, refletindo o desejo de Lucas em tocar as mesmas músicas que seus colegas, consolidando assim sua trajetória na iniciação à clarineta.

Nossa jornada com o *Clarinéo*, a clarineta de plástico, trouxe consigo seus próprios desafios para nossos jovens clarinetistas, que anteriormente haviam iniciado sua caminhada na iniciação à clarineta com o *Dood*. Com o tubo um pouco maior, houve uma exigência adicional de ar para a emissão do som, além da necessidade de ajuste na digitação das notas, semelhante à da Clarineta em Si Bemol, e a habilidade de manusear o instrumento com as mãos abertas. No entanto, nossos jovens clarinetistas superaram essas tarefas com tranquilidade.

Uma vantagem do *Clarinéo* foi a possibilidade de revisitar as músicas tocadas no *Dood*, já que ambos os instrumentos são afinados em Dó. Isso permitiu que nossos alunos expandissem ainda mais seu repertório, explorando novas peças musicais e aprimorando suas habilidades musicais ao longo do caminho.

### **Uma Clarineta de verdade**

À medida que avançamos para a próxima página na história de nossos jovens desbravadores musicais, apaixonados pela clarineta, nos deparamos com uma nova e emocionante etapa em sua jornada de aprendizado: a introdução à Clarineta em Dó. Equipada com todos os aparatos característicos da tão sonhada Clarineta em Si Bemol, este novo instrumento representa um marco significativo na trajetória desses jovens clarinetistas. No

entanto, essa transição não ocorre sem desafios, especialmente no que diz respeito à capacidade física da criança e aos processos de aprendizagem na infância.

Diferentemente do *Clarinéo*, o instrumento anteriormente explorado, a Clarineta em Dó apresenta características que exigem um maior domínio técnico e físico por parte dos jovens clarinetistas. Seu peso é consideravelmente superior, a boquilha e a palheta são maiores, e os cuidados ao montar e desmontar o instrumento são mais minuciosos. O manuseio e a emissão do som tornam-se tarefas mais desafiadoras e exigem uma abordagem mais séria por parte dos alunos. No entanto, estão agora a apenas um passo de alcançar o tão almejado instrumento em Si Bemol, símbolo de excelência e maturidade musical.



Figura 4 – Clarineta em C<sup>7</sup>

### **Teresa e a Clarineta de verdade**

Agora eu tenho uma clarineta de verdade! A família comprou uma Clarineta em Dó, e foi entregue ao professor, a fim de preparar a transição do *Clarinéo* para o novo instrumento, que envolve a percepção do professor em observar se a criança já tem condições física para suportar o peso da clarineta e se consegue manuseá-lo, além, é claro, do marco do rito de passagem que se consagra em um pequeno recital com o *Clarinéo*.

No caso da clarineta, um aspecto frequentemente subestimado é a importância das dimensões e proporções do instrumento em relação ao tamanho e habilidades físicas da criança. A clarineta tem dimensões específicas, incluindo o comprimento do corpo, tamanho do tubo, a largura da chave e o peso total do instrumento. Essas dimensões podem variar de acordo com o modelo e fabricante, e é importante considerar como esses fatores podem afetar o conforto e a facilidade de uso para crianças em diferentes estágios de desenvolvimento físico. Durante a infância, as crianças passam por rápidas mudanças físicas, incluindo o crescimento corporal e

---

<sup>7</sup> Thomann. Disponível em: [https://www.thomann.de/pt/thomann\\_cl\\_17c\\_synthetic\\_c\\_clarinet.htm](https://www.thomann.de/pt/thomann_cl_17c_synthetic_c_clarinet.htm). Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

o desenvolvimento da musculatura. Portanto, é fundamental ao professor avaliar se uma criança reúne condições físicas e motoras para suportar o peso e manusear a próxima clarineta que se alinhe a suas necessidades ergonômicas.

Após as férias, as aulas reiniciaram em fevereiro, e continuamos utilizando o *Clarinéo*, tocando as músicas conhecidas e aprendendo novas músicas. Após algumas aulas, fizemos um teste onde Teresa tocava a minha Clarineta em Dó, que é de madeira, portanto mais pesada, e ela demonstrou estar bem à vontade e confortável com o instrumento. A expectativa foi um elemento importante para manter o interesse e motivação de Teresa na mudança de instrumento.

Após um mês de aulas, veio o grande dia, começamos a aula com o *Clarinéo* fazendo as escalas de Fá e Sol, subindo e descendo, de repente, pedimos para ela pegar um objeto no armário da sala. Quando ela achou a caixa com o instrumento novo, Teresa não se conteve de felicidade, em meio à euforia disse: “Agora eu tenho uma clarineta de verdade”. Momento mágico, cheio de sorrisos e com muita vontade de tocar em um instrumento semelhante ao do professor e da mamãe, não era mais tocar em instrumento “de criança” e sim subir de nível e tocar no instrumento de madeira.

Teresa pegou a caixa, abriu e começamos a montar o instrumento, em meio a brincadeiras ela quer mostrar e identificar as partes do instrumento como se estive nos ensinando a montar clarineta, cuidado com a lubrificação das cortiças e o ajuste de cada parte. Olhando com muito cuidado para encaixar o corpo superior e inferior do instrumento, com o barrilhete e boquilha, sempre mencionando que era importante ter muito cuidado no processo de montagem. Teresa prepara a boquilha, faz a embocadura e já começa a tocar, explorando partes de música que já conhecia, explorando da nota sol grave até o Dó 3, e diz que o instrumento era mais pesado, e agora está feliz com a clarineta de verdade.

Na aula seguinte, iniciamos uma batalha de polegares onde o polegar da mão direita deve ser forte, estendo a mão para Teresa e peço que segure firme o polegar com seu polegar e não deixe que se erga, depois alternamos, explico que este polegar direito sustenta a clarineta e o da mão esquerda deve ser ágil, e brincamos de pegar o polegar um do outro, digo a Teresa que é ele responsável para se tocar as notas Fá e Sol, assim como acionar a chave do registro agudo sem que o orifício da nota fá se abra.

Na aula posterior, compomos a Música “Arco-íris”, compasso 4/4, sua estrutura é formada por duas mínimas, semibreve, desenho de um arco-íris, quatro semínimas e duas mínimas, a composição tinha uma única regra: “não repetir notas”. Marcamos o tempo com os pés, Teresa fez questão de começar e alternamos sempre com repetição da célula rítmica do 1º

e 2º compassos e, na sequência, 3º e 4º compassos, Teresa sempre brincando enquanto eu tocava, fingindo estar cantando minhas notas.

Em nosso próximo encontro, Teresa chegou à aula cantarolando a música “Für Elise”, de Ludwig van Beethoven, disse que era música da aula de piano, pedimos então que ela tocasse na clarineta, ela montou a clarineta e tentou tocar, acertou as primeiras notas, inventou outra melodia e terminou cantando o início da melodia. Em meio as atividades da aula, Teresa nos ensina os dias da semana em francês, escrita e pronúncia, destaca e antecipa os possíveis problemas de pronúncia, e o alerta de que se não aprender receberá uma bronca, essas aulas são engraçadas – sou um péssimo aluno – porém é interessante refletir que é um momento de troca e de interação. As interações entre professor e aluno desempenham um papel importante no desenvolvimento musical e pessoal, um ambiente positivo, colaborativo, acolhedor e estimulante pode inspirar, motivar e levar o aluno e o professor a alcançar seu pleno potencial musical.

Em 08 de abril de 2022, recebemos um vídeo de Teresa tocando notas no registro agudo, tentando tocar Dó 5 e Si 4 e uma escala do Dó 4 ao Dó 5 subindo e descendo, conta uma história engraçada a nosso respeito, é o aniversário de Teresa e ela reclama que não recebeu um presente nosso, e sim que nos deu um presente, e começa a rir.

Teresa participa do 1º Clarinteração, evento que tem como objetivo fomentar o aprendizado da clarineta, com a realização de *masterclass*, roda de debates, recitais, aulas coletivas com diversos professores dentre outras atividades. Teresa teve oportunidade de participar de aulas coletivas com outros professores, trocar experiências com outras crianças clarinetistas, tocou com o coral de clarinetas do evento e ainda participou do quarteto de Clarinetas em Dó, tocaram um arranjo da música “Asa Branca” feito especialmente para o quarteto, que era composto por crianças da mesma faixa etária que Teresa. O arranjo em questão foi elaborado por este pesquisador, buscando atender às expectativas das crianças, se utilizando de uma grafia simples que pudesse ser compreendida pelas crianças e que seu resultado sonoro atendesse a expectativa do público. Durante os ensaios, o arranjador pode conversar e transmitir aos nossos pequenos intérpretes a suas intenções, todavia, as interrupções durante os ensaios foram mínimas, pois o quarteto tinha uma liderança, mesmo que de forma intuitiva.

Nossa pequena clarinetista estava sempre contente, tocando e brincando com as crianças de sua idade, criança sendo criança. O 1º Clarinteração funcionou como uma mola propulsora de motivação. Agora com a musculatura da embocadura mais firme, Teresa toca as notas agudas com mais clareza e facilidade, ao realizar uma filmagem de parte da aula, ela brinca que estamos fazendo vídeos para o seu *Blog* (Tetê do Brasil), nos pede para fazer perguntas a respeito das

notas agudas, explica como tocar as nota agudas nas mesmas posições das notas graves, e para o agudo tem que abrir a chave de registro com polegar da mão esquerda, perguntamos como estão os lábios, se estão doendo, ela disse que não, porém para algumas pessoas pode doer se forem iniciantes, e tem que treinar muito para fazer as notas agudas, não pode fazer como um peixe dourado (fazer bochechas), as bochechas devem estar bem durinhas, como um muro.

No início de junho recebemos mais um vídeo com Teresa fazendo exercício de oitavas com as notas naturais começando com o Mi 2 e terminando com o Dó 5. Ela toca sempre duas oitavas, conseguiu tocar com desenvoltura até a nota Sol 4, a emissão da nota Lá 4 deu mais trabalho, o som agudo não saía, emitia um som grave não definido, tentou fazer uma escala ascendente começando com a nota Dó, só que a nota Lá 4 não saía, ela confere se o polegar da mão esquerda está vedando o orifício, tenta tocar novamente o Lá 4 e o som grave não definido acontece novamente e ela exclama “Não é o Bombeiro, é minha Clarineta” remetendo à sirene do carro dos bombeiros, e faz novamente a escala e consegue tocar o Lá 4, repete o mesmo caminho da escala para alcançar as notas Si 4 e Dó 5. Entendemos que ocorreu um vazamento, o que na clarineta pode ser atribuído a diversos fatores, incluindo a má posição dos dedos sobre os orifícios, a pressão inadequada do ar, o desgaste das sapatilhas dos chaveamentos e até mesmo a falta de manutenção do instrumento, resultando em uma emissão sonora imprecisa.

Após o período de férias, recomeçamos nossa aula, soprando apenas na boquilha, brincando com o som, imitamos uma sirene, de forma a alcançar maior flexibilidade do trato vocal. Fizemos exercícios de pergunta e resposta, notas separadas, colcheias, tercinas e semicolcheias. Observamos como as notas estavam agrupadas, de duas em duas, de três em três e de quatro em quatro. Conferimos no afinador as notas emitidas apenas com a boquilha e Teresa pôde perceber que, na medida em que abria ou fechava o a mandíbula e que conseguia deixar os lábios mais ou menos inflados, havia mudança das notas tocadas apenas com a boquilha.

Fizemos exercícios de percepção, que consistem em desenvolver a capacidade de distinguir sons e reconhecer padrões, reproduzir melodias com mais precisão e diferenciar nuances de timbre na clarineta, desempenhando um papel fundamental no aprendizado musical. Em nossas atividades reversávamos no exercício, ora ela percebia e, em seguida, era nossa vez de perceber, e Teresa não poupava a criação de notas nem melodias a serem percebidas por este pesquisador naquele momento.

Teresa pede para gravar um vídeo para seu *Blog* “Tetê do Brasil”, a imaginação fértil da criança influencia sua motivação, criatividade e impulsiona o progresso na aprendizagem, desta forma, este pesquisador preza e respeita a imaginação da criança, logo, gravamos o vídeo

para o Blog da Tete do Brasil. Teresa toca as notas Si e Dó em três oitavas e escreve o que tocou na pauta existente no quadro branco. Ainda é possível observar que Teresa está tocando a Clarineta em Dó de maneira confortável, seus dedos vedam todos os orifícios e alcançam todas as chaves, o diâmetro, o peso do instrumento e o tamanho são compatíveis com seu grau de desenvolvimento motor e força física.

Começamos os preparativos para o próximo recital, no qual Teresa será acompanhada por um pianista, novidade que causa um pouco de ansiedade, e a motiva a estudar sua música. Para nossa pequena clarinetista, ao se aventurar a tocar acompanhada por um pianista pela primeira vez, faz com que um mundo de descobertas musicais se abra diante dela. Este momento, tão significativo em sua jornada musical, é rico em aspectos teóricos que refletem não apenas os desafios técnicos e interpretativos, mas também os aspectos psicológicos e sociais envolvidos na performance musical colaborativa.

Agora com a musculatura da embocadura mais consolidada, Teresa se interessa um pouco mais pela região aguda da clarineta, e começamos a estudar os detalhes das articulações das músicas para o recital, as músicas escolhidas foram “Caresse Sur L’océan” – Composta por Bruno Coulais para o filme “Les Choristes” (Os Coristas) – com acompanhamento transcrito para piano e solos de clarineta, que foram transpostos para Clarineta em Dó, com tonalidades originais em Mi Bemol Maior. Lançado em 2004, “Les Choristes” é um filme francês dirigido por Christophe Barratier, ambientado na França pós-Segunda Guerra Mundial. É uma das peças mais icônicas da trilha sonora, conhecida por sua melodia delicada e evocativa, emprega uma instrumentação cuidadosamente selecionada, incluindo piano, cordas e coro infantil, para criar uma atmosfera de serenidade e esperança.

Teresa tocou também “O Cravo brigou com a Rosa” (Duo de clarinetas), que é uma das canções infantis mais populares do folclore brasileiro. O processo de aculturação para crianças estrangeiras pode ser desafiador, pois envolve a adaptação a uma nova cultura, língua e ambiente social. No entanto, a música desempenha um papel significativo nesse processo, proporcionando uma ponte entre a cultura de origem e a cultura de acolhimento. Um exemplo marcante é a música folclórica brasileira “O Cravo brigou com a Rosa” (Domínio público), que não apenas oferece uma introdução à cultura brasileira, mas também promove a integração e a compreensão mútua entre crianças de diferentes origens.

A música promove um senso de pertencimento e camaradagem entre crianças de diferentes origens culturais, além de servir como ferramenta eficaz para quebrar barreiras culturais e promover a compreensão mútua entre crianças de diferentes origens. Ao explorar a

música e sua cultura associada, as crianças podem desenvolver empatia e respeito pela diversidade, promovendo assim, um ambiente escolar inclusivo e acolhedor.

Teresa participa do 13º Encontro Brasileiro de Clarinetistas, que aconteceu em Recife e contou com a participação de várias crianças, incluindo colegas de turma. Os encontros brasileiros de clarinetistas vêm abrindo espaço para jovens iniciantes e profissionais que têm seu trabalho voltado para crianças e iniciantes na clarineta. Teresa participou de oficinas com outros professores, que destacaram que ela se movimentava muito quando tocava.

Ela teve a oportunidade de experimentar palhetas, boquilhas e Clarinetas em Si Bemol de marcas variadas, quando chegou a Brasília já estava usando outra boquilha, recomendada por um dos professores do encontro. A boquilha é um componente essencial para o clarinetista e desempenha um papel fundamental na produção de som e na expressão musical do instrumentista, sua construção e acabamentos são responsáveis por criar uma vedação hermética entre a palheta e a câmara de ar, garantindo uma resposta consistente e controlada, a geometria da boquilha, incluindo a abertura da ponta, o comprimento da mesa e a forma da câmara de ar afetam diretamente a resposta, projeção e timbre, exercendo uma influência significativa sobre o timbre e a qualidade sonora do clarinete.

Nossa pequena clarinetista se apresentou no recital de alunos tocando “Caresse Sur L’océan”, além de “Urubu Malandro”, autor desconhecido com letra de “João de Barro”, e “Frevo Vassourinhas” com o coral de clarinetas formado pelas crianças participantes. Assistiu várias apresentações, dentre elas, um concerto com a Banda sinfônica da Base Aérea de Recife, orquestra experimental de Frevo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), além de recitais e palestras.

Seguindo para o próximo recital, o qual teve como proposta a música brasileira, fomos surpreendidos com um vídeo da Teresa tocando um choro composto por ela, intitulado “Choro Italiano”, em Fá Maior, com diversos fragmentos de escalas e repetições de pequenas linhas melódica de sua autoria. O choro, gênero musical genuinamente brasileiro, é uma expressão cultural rica em história, emoção e exige certo grau de técnica, o gênero choro auxilia diretamente no processo de aculturação e educação musical de crianças estrangeiras no Brasil, o choro se mostra parte integrante do processo de desenvolvimento e de sua compreensão e apreciação da música brasileira, bem como construtor de conexões emocionais e culturais.

Na aula coletiva que acontece aos sábados, realizamos nosso recital de final de semestre, as crianças se apresentaram para os colegas de turma, familiares e crianças convidadas, na ocasião, Teresa pôde estreiar seu choro acompanhada por um Violão 7 cordas, tocou também “Aquarela”, de Toquinho e “Asa Branca”.

Em março de 2023, realizamos o recital de passagem para a Clarineta em Si Bemol, Teresa estava bastante animada com a mudança de instrumento, nos enviou um vídeo tocando a Clarineta em Si Bemol de sua mãe: tocando uma escala em Fá Maior até o Dó -5 e descendo até o Fá-2, com bastante desenvoltura e feliz ao término de seu feito. O repertório escolhido foi o seguinte: “O Caderno”, de Toquinho, “Ursinho Pimpão”, de Edgard Poças, T. Cruz e T. Landa, “Luar do Sertão”, de João Pernambuco, “Asa Branca” e uma seleção de nossas composições.

### **Diego e a Clarineta de verdade**

No desbravar do universo musical, cada criança trilha uma jornada única, onde a relação entre o instrumento e seu corpo é fundamental. Nesse contexto, em maio de 2021, Diego trilha uma emocionante jornada de iniciação à Clarineta em Dó, sob os cuidados e orientações dos professores Elizabeth e José Maia.

Desde o primeiro contato com a nova clarineta, Diego, nosso jovem clarinetista em ascensão, recebeu um vídeo inspirador, revelando os primeiros passos nessa nova aventura. A transição do seu antigo *Clarinéo* para esse instrumento mais robusto, dotado de todas as chaves e anéis característicos da Clarineta em Si bemol, parecia desafiadora para alguns, mas não para Diego. Estudando a música “Marcha dos Santos”, ele mergulhou no universo musical com uma concentração admirável, seus olhos fixados nos dedos, como se estivesse descobrindo os segredos da nova clarineta. Ao seu lado, seu avô, um apoio constante, o incentivava a persistir e a explorar os limites da música.

Logo em seguida, Diego surpreendeu a todos ao assumir novos papéis: cantor e maestro. Com “London Bridge”, ele canta a melodia em inglês, regendo os compassos com determinação. Depois, solfejou as notas da partitura, internalizando cada ritmo, antes de finalmente dar vida à música através de sua clarineta. Como todo aprendizado genuíno, houve erros no caminho. Porém. Ao perceber um equívoco, não hesitou em recomeçar, determinado a tocar a música corretamente.

Entretanto, foi com o tema envolvente de “Missão Impossível” que Diego encontrou uma sintonia perfeita entre ele e seu instrumento. O vídeo revela um momento de pura harmonia, onde a clarineta parece uma extensão natural de seu corpo. Com destreza e fluidez, nosso jovem clarinetista manipula o instrumento, emitindo sons claros e definidos, evidenciando uma conexão entre o clarinetista e sua arte.

Na jornada de iniciação à clarineta para crianças na terceira infância, acompanhamos o progresso notável de Diego, guiado pelo professor José Maia. Em um dos vídeos registrados, podemos observar o meticuloso processo de aprendizado. O professor José Maia, com sua didática cuidadosa, demonstra o ritmo de acompanhamento da famosa melodia “Bolero de Ravel” para Diego. Primeiramente, ele entoa o ritmo, incentivando Diego a repeti-lo e cantá-lo também. Somente após Diego ter internalizado completamente o ritmo é que ele começa a tocá-lo, enquanto o professor executa a melodia principal. Em seguida, o professor passa a ensinar as primeiras frases da melodia, utilizando apenas a percepção auditiva e mostrando a digitação das notas.

Em um segundo vídeo, Diego surge com a partitura do “Bolero”, de Maurice Ravel, um presente valioso de seu avô encontrado na *internet*. Seu avô explica o conceito de transpor uma melodia e instrui-o a interpretar a música uma oitava abaixo. Apesar de sua leitura ainda não estar totalmente fluente, Diego começa a tocar a peça lentamente, cometendo pequenos erros que ele rapidamente corrige, demonstrando sua dedicação e perseverança.

Diego mantém uma rotina de treinos diários com seu avô, o que o motiva a aprimorar suas habilidades na clarineta. Além disso, ele desenvolve um gosto eclético pela música, ouvindo uma variedade de estilos, o que enriquece sua compreensão musical. Sua paixão pela performance o leva a uma série de apresentações em diferentes ambientes, desde recitais organizados pelo Espaço das Sete Notas e pela Escola de Música MiFá-Sol-Lá, até Rodas de Choro locais, como Copacabana, no Grao, Choro no Eixo, Roda do Teta Cheese Bar e Roda de Choro do CIVEBRA. Diego também se apresentou na Escola de Música de Brasília, no Café com Chorinho, Parque Olhos D’água, Garden Café, na Escola Classe onde estuda, além de participar de lançamentos de livros no Espaço Cultural Alexandre Innecco (ECAI) e no Quanto Café. Em cada uma dessas ocasiões, Diego compartilha sua música com entusiasmo, deixando uma marca por onde passa.

Seu recital de formatura da Clarineta em Dó foi um momento memorável. Diego surpreendeu e encantou a todos ao cantar e tocar de memória a música “Conversa de Botequim”, de Noel Rosa, demonstrando sua habilidade técnica, sua sensibilidade artística e sua conexão com a música.

### **Lucas e a Clarineta de verdade**

No início de 2023, Lucas iniciou seus estudos com a Clarineta em Dó, estava muito entusiasmado para começar a tocá-la, no primeiro contato com a clarineta surgiu o primeiro

desafio, a emissão do som, pois sua mãe havia comprado uma palheta de cana muito dura, então seu professor a substituiu por outra palheta de cana mais macia, o que o ajudou a reavivar a memória muscular. Outro ponto de dificuldade foi de adaptar-se ao peso da nova clarineta, que era bem mais pesado que o antigo *Clarinéo*, isso afetou a velocidade de seu desenvolvimento, que vinha acontecendo com muita facilidade nas duas primeiras clarinetas. O desafio com o peso afetou o manuseio, o que dificultou a abertura da chave do registro, pois no momento do acionamento da chave de registro, o dedo anelar da mão esquerda saía do lugar, o que exigiu um pouco mais de trabalho no que diz respeito à postura com instrumento.

Apesar de ser uma criança muito agitada, agora Lucas teria que se concentrar mais e desenvolver mais autonomia e responsabilidades em seus estudos, para vencer esses desafios nos meses adiante, e foi o que aconteceu, pois Lucas começou a ter um foco um pouco maior durante as aulas, principalmente quando o professor apresentava uma música nova, quando solicitava o envio de vídeos das músicas que estavam sendo aprendidas em aula por Lucas, e assim ele o fazia, normalmente gravava os vídeos antes de ir para escola, por volta das seis da manhã, e não falhava, estava sempre gravando, demonstrando senso de responsabilidade e organização.

Em um dos vídeos enviados ao professor José Maia, podemos observar Lucas praticando a música “Bella Ciao” (Domínio público). Ele aborda a peça trecho a trecho, buscando de memória as notas que percebe estarem erradas. Persiste com determinação para encontrar a nota correta e tocar o trecho com precisão, demonstrando sua habilidade em ouvir e reproduzir melodias com facilidade.

Recebemos também um vídeo onde Lucas foi convidado a participar de uma apresentação de jovens talentos em sua escola. Na ocasião, ele executou a versão “A cappella” da música “Bella Ciao”, conhecida como um dos temas do seriado “La Casa de Papel”. Ao final de sua performance, arrancou aplausos da plateia e deixou o palco com um sorriso de realização estampado no rosto. Essa experiência não apenas reforçou sua paixão pela música, mas também aumentou sua confiança em suas habilidades como clarinetista que busca alcançar seus objetivos.

Apesar de suas aulas ainda estarem organizadas para permitir que ele participe, por alguns momentos, com os alunos que estão tocando a Clarineta em Si Bemol, Lucas encontra-se motivado a superar os obstáculos impostos pela Clarineta em Dó. Não obstante o período que passou estudando o *Clarinéo*, Lucas ainda almeja tocar as músicas das crianças que estudam a Clarineta em Si Bemol, alimentando assim seu desejo de progresso e de enfrentar os desafios constantes em sua caminhada musical. Essa determinação e força de vontade em

superar limitações são sinais promissores do seu desenvolvimento musical e refletem a essência das trajetórias de iniciação à clarineta centradas na realidade da criança.

A motivação social desempenha um papel crucial neste processo de aprendizagem. As interações com outras crianças clarinetistas são ricas em trocas de experiências, e as brincadeiras durante os intervalos são de suma importância para estreitar laços de amizade e fortalecer o ambiente de aprendizado.

No entanto, ao final do semestre, Lucas teve que viajar com a família. Embora estivesse preparado com várias músicas para seu recital de formatura na Clarineta em Dó, como “Ode à Alegria”, “Humoresque, de Dvorak”, “Peixe Vivo”, “Marcha Soldado” e outras, nosso jovem clarinetista, desta vez, não pôde participar do recital de final de semestre.

### **Reflexões sobre a trajetória de aprendizagem das crianças**

Nessa fase de suas trajetórias de iniciação, nossos jovens clarinetistas se deparam com a Clarineta em Dó, que é consideravelmente mais pesada que o *Clarinéo*. Para Diego e Lucas, que estão utilizando a palheta de cana pela primeira vez, a transição aumenta a dificuldade na emissão sonora. No entanto, Teresa, que já estava acostumada com a palheta de cana desde o *Dood*, não enfrentou estranhamento nesse aspecto.

O peso do novo instrumento também causa certo desconforto no polegar direito, que sustenta o peso da clarineta. Além disso, no início, há dificuldades em equilibrar e manusear a nova clarineta, o que prolonga o período de adaptação. Essa adaptação mais longa impacta significativamente o processo de evolução, que vinha ocorrendo rapidamente com os instrumentos anteriores.

Considerando as trajetórias de iniciação à clarineta, é evidente que o fascínio ao tocar uma clarineta de verdade, as diversas possibilidades sonoras que se abrem e a perspectiva de explorar novos repertórios são fatores significativos de motivação e entusiasmo. Esses elementos aproximam nossas três crianças clarinetistas do sonho de executar o instrumento, almejando tocar com a mesma maestria de seus professores e colegas mais avançados. Esse desejo impulsiona-os a manter o ânimo e a perseverança, mesmo diante dos desafios inerentes a esta etapa de aprendizado. Com isso, criam-se condições propícias para que nossas crianças possam alcançar voos mais altos em suas trajetórias musicais, rumo à Clarineta em Si Bemol.

Todavia, precisamos lembrar que a Clarineta tem dimensões e características específicas, como o comprimento do corpo, o tamanho do tubo, a largura das chaves e o peso total, que precisam estar adequadas ao tamanho e habilidades motoras da criança clarinetista.

O professor desempenha um papel crucial ao observar se a criança possui a força e coordenação necessárias para suportar o peso e manusear adequadamente a clarineta. Este cuidado é fundamental para garantir que a experiência inicial seja positiva e não cause frustrações ou desconforto, que podem desmotivar o aluno. A introdução gradual a instrumentos maiores deve ser feita de maneira cuidadosa, sempre alinhando as necessidades ergonômicas da criança com a próxima clarineta.

Um aspecto motivacional importante é a expectativa de migrar para uma clarineta maior e mais complexa. Esse processo deve ser abordado com paciência e encorajamento, mantendo o interesse e a motivação do aluno. Eventos como o Clarinteração desempenham um papel vital nesse sentido, proporcionando oportunidades para aulas coletivas, trocas de experiências com outros clarinetistas, performances em grupo e recitais. Essas atividades não apenas incentivam a prática e o desenvolvimento técnico, mas também fortalecem o senso de comunidade e pertencimento entre os jovens clarinetistas.

No entanto, a transição para uma Clarineta em Dó, com todas as chaves e anéis característicos e um peso consideravelmente maior do que o *Clarinéo*, apresenta desafios significativos. A maior resistência da palheta de cana e o aumento de peso do instrumento podem inicialmente afetar o progresso das crianças. Superar esses obstáculos requer resiliência, tanto dos alunos quanto dos professores. Intervenções como a troca de boquilha para facilitar a produção do som, raspagens nas palhetas para melhorar a vibração e o uso de correias de sustentação são estratégias eficazes para ajudar na adaptação.

A resiliência demonstrada pelos jovens clarinetistas e o suporte contínuo dos professores são fundamentais para superar as dificuldades inerentes à transição entre os instrumentos. A paciência, a adaptação e a inovação nas abordagens pedagógicas permitem que os alunos continuem a progredir e a desenvolver suas habilidades, transformando os desafios em oportunidades de crescimento e aprimoramento musical.

### **Uma Clarineta igual à dos adultos**

A transição para a Clarineta em Si Bemol representa um momento ímpar na jornada de iniciação a prática instrumental de nossas crianças clarinetistas, marcando uma conquista pessoal significativa e um avanço notável em seu desenvolvimento musical. Apesar dos novos desafios físicos impostos pelo instrumento um pouco mais pesado e maior, como a necessidade de mais ar para a produção de som, manter as mãos um pouco mais abertas, cuidados com a montagem e desmontagem do instrumento, proporcionam uma continuidade na aprendizagem.

A felicidade expressa por Teresa, Diego e Lucas ao alcançarem essa etapa é contagiante, evidenciando não apenas a importância da capacidade física da criança no processo de aprendizagem, mas também sua resiliência e paixão pela música.



*Figura 5 – Clarineta em Bb<sup>8</sup>*

### **Teresa e a Clarineta igual à dos adultos**

Na aula seguinte, entregamos à Teresa uma Clarineta em Si Bemol, ela exclama que agora sim está tocando uma clarineta como a da mamãe. Em um momento após o entusiasmo, se observa um pequeno estranhamento com relação a diferença de tamanho das clarinetas, o dedo anelar da mão esquerda escapa um pouco do orifício, o que provoca ruídos indesejáveis, o tubo, por ser maior, exige uma quantidade um pouco maior de ar e, tocando por mais um pouco de tempo, houve a reclamação de desconforto no polegar direito devido ao peso um maior em relação à Clarineta em Dó, o que foi resolvido com a utilização de uma correia (talabarte) que auxilia no sustento do peso do instrumento, aliviando a pressão sobre o polegar direito, contudo, o resultado sonoro é muito satisfatório.

Foi perceptível que as notas tocadas soam diferentes no novo instrumento, apesar de a posição das notas ser a mesma, ela observa que o Ré na Clarineta em Si Bemol parece o Dó da clarineta antiga. Animada com a nova clarineta, Teresa nos envia vídeos tocando “Romance” na tonalidade original para Clarineta em Si Bemol e “Urubu Malandro” com uma boa sonoridade, sua mãe informou que Teresa havia mudado da palheta nº 1, ½ para a nº 2, e que estava gostando do som com a nova palheta.

Em abril, Teresa se apresentou em uma audição de jovens clarinetistas, realizado no Auditório da Banda de Música da Polícia Militar do Distrito Federal, Teresa tocou acompanhada por piano e compôs o quarteto de clarinetas 7 notas, formado exclusivamente por crianças, e tocaram a música “Asa Branca”, que fora arranjada para o grupo.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://plander.com.br/produtos/clarinete-sib-michael-wclm30n-fosco-chaves-niqueladas/>. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

Na semana seguinte, Teresa recebeu a visita de seus avós e não tardou a tocar sua clarineta para eles, sua mãe informou que ela tocou todas as músicas que tinha disponível, um mini-recital particular “A cappella.” Na mesma semana, recebemos uma fotografia de Teresa ensinando clarineta para seu pai, ela enviou um áudio dizendo que o pai nunca havia tocado clarineta e não sabia as notas, mas que era um bom aluno.

Nas próximas aulas seguem os preparativos para o próximo recital com músicas do compositor Salatiel Ferreira, que compôs um álbum dedicado ao público infantil, para que crianças clarinetistas possam executar suas peças, que se baseiam em motivos folclóricos. No recital, além das músicas “Um presente”, de Salatiel Ferreira e “Lago dos Cisnes”, de Piotr Ilitch Tchaikovski, Teresa dividiu o palco com sua mãe, tocando “Carinhoso”, de Pixinguinha, a própria Teresa dividiu os trechos que cada uma iria tocar, como deveria interpretar cada trecho – se era mais forte ou piano.

### **Diego e a Clarineta igual à dos adultos**

Diego, agora munido da tão desejada Clarineta em Si Bemol, embarca em uma nova jornada musical repleta de emoção e desafios. Ao se deparar com a música “Chiclete com Banana”, de Gordurinha e Almira Castilho, ele se dedica completamente à execução, seguindo atentamente o vídeo tutorial enviado por seu professor. Utilizando uma técnica peculiar para fortalecer a musculatura do queixo, Diego posiciona uma borracha entre o queixo e a palheta, mantendo-a no lugar durante toda a performance. Sua concentração é palpável enquanto ele domina a música sem contratempos, mantendo a borracha firmemente no lugar, demonstrando seu compromisso e determinação.

Em seguida, Diego mergulha na energia contagiante da música “Sonoroso”, de K-Ximbinho, acompanhando uma gravação de um regional com um ritmo vibrante. Durante um momento de improvisação, ele deixa-se levar pela música, dançando com sua clarineta e transmitindo uma alegria contagiante. Mesmo durante a performance, ele mantém a borracha no queixo, mostrando-se cada vez mais à vontade com seu novo instrumento.

Após seis meses de estudo dedicado, Diego comemora seu progresso com seu primeiro recital como solista. O evento é marcado por uma atmosfera de celebração, onde ele é acompanhado por seu irmão ao piano, o amigo Carlos no violão de sete cordas, professor José Maia no clarone e pandeiro, e pela professora Elizabeth na clarineta. O repertório diversificado inclui uma ampla variedade de estilos musicais, desde clássicos brasileiros como “Carinhoso” e “Brasileirinho”, de Waldir Azevedo, passando por pérolas internacionais como “Mazel Tov”,

de Marcello Pompeu e “Summertime”, de George Gershwin, até uma seleção de músicas nordestinas em um pot-pourri emocionante.

Este recital não é apenas uma apresentação de habilidades musicais, mas também uma celebração do encontro entre um instrumento versátil e um músico que se sente à vontade para explorar um repertório eclético, sem fronteiras de gênero ou estilo. Desde o cancionário brasileiro até o jazz internacional, Diego demonstra seu entusiasmo e paixão pela música, abraçando cada desafio com coragem e determinação. Este momento marca não apenas um marco em sua jornada musical, mas também o início de uma promissora carreira como clarinetista.

### **Lucas e a Clarineta igual à dos adultos**

A mudança para a Clarineta em Si Bemol representou um marco significativo na jornada musical de Lucas. Agora, ele sentia-se mais motivado do que nunca, pois tinha acesso às mesmas músicas que seus colegas mais experientes. A transição para o novo instrumento trouxe-lhe uma sensação de conforto, já que estava familiarizado com o peso e tamanho, facilitando assim a adaptação.

Esse novo desafio foi impulsionado pelo incentivo do Professor José Maia, cujas aulas foram estruturadas de forma a promover uma atmosfera colaborativa e motivadora. A oportunidade de tocar junto com colegas mais avançados inspirou Lucas a superar seus limites e buscar novas conquistas.

Atualmente, ele está se preparando para seu primeiro recital com um repertório diversificado, abrangendo tanto músicas populares quanto clássicas. Sua determinação em acompanhar o ritmo dos colegas mais adiantados é evidente, e ele está se esforçando ao máximo para alcançá-los. Apesar dos desafios inerentes à Clarineta em Si Bemol, Lucas enfrenta sua caminhada com alegria e determinação, ansioso por progredir e demonstrar todo o seu potencial.

Para facilitar a transição para o novo instrumento, o Professor José Maia realizou uma pesquisa de mercado e encontrou uma Clarineta em Si Bemol confeccionada em resina, proporcionando a Lucas um instrumento mais leve e de fácil manuseio. Embora algumas dificuldades decorrentes do tamanho da clarineta ainda persistam, Lucas está confiante de que, com o tempo, conseguirá superá-las.

À medida que desenvolve sua técnica e musculatura da embocadura, Lucas começa a explorar novas possibilidades musicais, utilizando palhetas mais duras e dominando tanto os

registros grave quanto agudo da Clarineta em Si Bemol. Sua determinação em tocar as mesmas músicas de seus colegas mais experientes é um reflexo de seu comprometimento com a excelência musical.

Para seu próximo recital, que também contará com a participação das demais crianças clarinetistas. Lucas está se preparando para interpretar peças do compositor paraense Salatiel Ferreira, cujo trabalho é dedicado ao público infantil e baseado em motivos folclóricos. Além disso, ele incluirá clássicos populares como “Garota de Ipanema”, “A rã”, de João Donato, “Estrada do sol”, de Dolores Duran e Antônio Carlos Jobim e “Águas de março”, prometendo uma apresentação repleta de alegria e novas interpretações.

Durante uma de suas aulas, Lucas embarcou na jornada de aprendizado da música “Dança Alemã”, de Joseph Haydn. Seu professor, buscando facilitar o processo, gravou vídeos tutoriais com fragmentos da melodia. Nesse método passo a passo, Lucas se dedica, ouvindo atentamente o fragmento por duas vezes. Na terceira repetição, solfejou junto com o professor as notas da melodia e, em seguida, fez uso do que aprendeu tocando com sua clarineta. Ao final da aula, mesmo trocando algumas notas, não parava de tocar a música, comprometendo-se com seu professor a enviar um vídeo executando a peça completa no dia seguinte, cumprindo sua promessa pontualmente às seis horas da manhã do próximo dia.

Em breve, teremos a oportunidade de testemunhar mais uma vez o talento e a dedicação de Lucas em seu recital. Ele continuará a encantar o público com sua música e a inspirar outras crianças clarinetistas em sua trajetória musical. Esses momentos não apenas destacam o progresso individual de Lucas, mas também evidenciam o poder do comprometimento e da prática deliberada no processo de aprendizado musical.

### **Reflexões sobre a trajetória de aprendizagem das crianças**

A jornada de nossas três crianças clarinetistas, Teresa, Diego e Lucas, que iniciaram sua caminhada na iniciação da clarineta com o *Dood, Clarinéo*, Clarineta em Dó, e agora com a Clarineta em Si Bemol, representa a realização de um sonho e o início de novos caminhos em suas trajetórias de iniciação instrumental. A transição para a última clarineta trouxe consigo desafios físicos, mas também uma expressão de felicidade evidente por parte dos três jovens músicos.

Ao se depararem com a diferença de tamanho entre as clarinetas, inicialmente sentiram certo estranhamento. O desconforto no polegar direito foi uma questão enfrentada, mas

prontamente resolvida com a utilização de uma correia, ou com o apoio da clarineta no joelho, permitindo que se adaptassem melhor ao novo instrumento.

Com o passar do tempo, as crianças perceberam que as notas tocadas soavam de forma diferente na Clarineta em Si Bemol, em comparação com a Clarineta em Dó. No entanto, essa percepção não as desanimou; pelo contrário, impulsionou-as a explorar as possibilidades sonoras do novo instrumento e a aprimorar suas habilidades musicais.

Durante suas apresentações, Teresa, Diego e Lucas demonstraram concentração e dedicação enquanto buscavam aprender as músicas, dividindo o palco com seus professores, familiares e amigos, desfrutando assim da companhia de outras crianças clarinetistas. Com um repertório diversificado, mostraram-se verdadeiros artistas em ascensão, prontos para enfrentar os desafios e conquistar novos horizontes em sua trajetória musical.

## CAPÍTULO IV – ENTREVISTAS COM AS CRIANÇAS E PROFESSORES

As entrevistas têm como propósito essencial dar voz às experiências das crianças e professores que estiveram envolvidos nas trajetórias de iniciação à clarineta, permitindo uma visão mais abrangente e aprofundada sobre os percursos trilhados por nossas crianças clarinetistas. Por meio desses depoimentos, é possível elucidar eventuais lacunas que podem ter passado despercebidas durante o processo de observação, além de suscitar questionamentos pertinentes sobre as etapas de iniciação à prática instrumental por crianças na terceira infância. Essa abordagem centrada nas experiências pessoais e nas percepções dos envolvidos enriquece a compreensão dos desafios e das conquistas enfrentadas pelos pequenos músicos durante sua jornada de aprendizado da clarineta na infância.

### **Entrevista com Teresa**

Teresa chegou toda arrumada para entrevista, que foi realizada na escola onde lecionamos; antes do início da entrevista, expliquei à Teresa que eu iria lhe mostrar fotografias e vídeos que retratavam algumas fases de sua trajetória de iniciação na clarineta, para que ela comentasse a respeito. A primeira fotografia que mostrei foi uma tirada pela mãe no dia em que foi entregue o *Dood* à Teresa. De imediato, ela lembrou que foi o primeiro dia dela com a clarineta e que gostou muito, mas não tinha certeza de sua idade na época; comentou, ainda, que eu não havia mudado nem um pouco.

Passamos para um vídeo em que Teresa está tocando *Dood* comigo, um dueto composto por nós dois. Teresa assistiu atentamente e ao final do vídeo exclamou: “o que que eu tenho a dizer sobre isso?” E completou com um sorriso nos lábios: “é, eu toco muito melhor agora.” Na sequência, assistimos a outro vídeo no qual a Teresa está tocando “Cai, Cai Balão”; Teresa ficou feliz e admirada, e disse que estava se preparando para o recital, comentando que, no começo, foi um pouco difícil tirar som no *Dood*. No vídeo seguinte, Teresa estava com o *Clariné* e tocávamos um dueto que também fora composto por nós. Ela observou atenta a execução e, ao término, tomou a dianteira, dizendo: “então, eu não vou esperar que você me pergunte... Eu acho que lembro, que era mais diferente quando a gente passava do *Dood* para o *Clariné*; eu me perdia às vezes nas notas, porque tinha muitas coisas, mais notas, notas agudas, mais e mais chaves também.” Comentou ainda que a mudança na digitação das notas a confundia no início.

No vídeo seguinte, Teresa está brincando de “Blog da Tetê”, e apresenta no quadro branco um desenho meu; na sequência, toca uma escala cromática e, ao término, pede para quem gostou dar um “joinha” (*like*). Teresa observou sorridente e afirmou que daria o like, e comentou sobre o vídeo: “Então, eu posso dizer que eu desenhei muito bem e ainda desenho muito bem. Isso daqui que é o seu retrato, mostra que você não mudou nada, viu? É igualzinho.”

A respeito da escala cromática, ela acreditou que fora a primeira escala cromática que havia tocado, e que sua execução estava boa, porém soprar no *Clarinéo* era mais fácil; com o *Dood* ela começou o trabalho com a embocadura, e quando passou para o *Clarinéo*, já tinha embocadura formada. Em seguida, mostrei-lhe o vídeo do seu primeiro contato com a Clarineta em Dó. Teresa ficou mais descontraída e começou com suas brincadeiras; perguntei se lembrava daquele dia e ela ironicamente responde que não. Pedi que falasse a respeito da clarineta em Dó, e Teresa respondeu que ela é muito mais pesada que o *Dood* e o *Clarinéo*, e que pensou que esse peso seria o maior problema para tocá-la, mas se adaptou a ele na segunda semana. Ela disse acreditar que era mais fácil emitir o som no *Clarinéo* e descreveu a Clarineta em Dó como sendo menor que a clarineta em Si Bemol e maior que o *Dood*, e que na clarineta as chaves são de prata e tem mais chaves que o *Clarinéo*. A partir deste momento sua imaginação fértil despertou e a escova de cabelos, que estava escondida, passou a ser seu microfone.

O próximo vídeo que assistimos foi o de sua apresentação com um quarteto de Clarinetas em Dó tocando a música “Asa Branca”, na Sala de Ensaio da Banda de Música da Polícia Militar do Distrito Federal. De posse de seu microfone, Teresa exclamou: “Eu ainda lembro disso!” Disse que lembrava de ter tocado a primeira voz, o Sérgio a quarta, o Diego a segunda, e a Manuela a terceira. Explicou que estava muito agoniada com a responsabilidade da primeira estante, pois tinha que dar o sinal das entradas para os demais tocarem, mas que gostou muito da parte que tinha tocado, pois era a voz mais aguda, enquanto as outras vozes eram mais graves. E arrematou: “Eu gosto muito dessa música!” A respeito dos recitais, disse que eram empolgantes, além do mais, ela iria ter uma nova clarineta, e que era bom tocar para outras pessoas, e afirmou se lembrar de todas as clarinetas que tocou desde o *Dood* até a Clarineta em Si bemol “a última clarineta”, e que se sentia leve como um passarinho ao tocá-la; ao final, pediu que se inscrevessem em seu canal, como se novamente estivesse no “Blog da Tetê”.

### **Entrevista com o professor de Teresa**

Este pesquisador é professor de Teresa e a acompanha durante toda sua trajetória de iniciação à clarineta, desde o *Dood* até a Clarineta em Si Bemol. Para fins desta pesquisa e em

relação às entrevistas, sigo o mesmo protocolo utilizado com os demais professores entrevistados. Pedimos que eles fizessem um relato da trajetória de seus alunos, passando pelo *Dood*, *Clarinéo*, Clarineta em Dó e, finalmente, pela Clarineta em Si Bemol, e que, por último, fizessem suas observações a respeito da utilização das quatro clarinetas no processo de aprendizagem de seus alunos.

Relembrar a jornada de Teresa na clarineta me transporta ao dia em que visitei sua casa e deixei um *Dood* para que ela experimentasse, brincasse de tocar clarineta, seguindo o exemplo de sua mãe, que é minha aluna de clarineta. Minha única recomendação foi que não mordesse a palheta. Algumas semanas depois, tivemos nossa primeira aula, na qual substituí a palheta original do *Dood*, feita de plástico, por uma palheta de cana número 1, ½ raspada para torná-la mais leve e facilitar a emissão sonora.

Teresa não teve dificuldades em produzir som no *Dood*, e já em nossa terceira aula, nossa pequena clarinetista conseguia tocar, mesmo que lentamente, uma oitava completa, o que nos permitiu explorar variadas músicas infantis, dado que Teresa tinha cerca de sete anos na época. Ela era uma menina adorável e persistente em seus objetivos. Algumas das músicas eram novidade para ela, pois Teresa é francesa, embora tenha passado a maior parte de sua vida no Brasil e estude em uma escola francesa. Antes de tocar, ela aprendia a cantar as músicas, primeiro vocalizando sem letra e depois com a letra, para então tocá-las no instrumento.

Teresa permaneceu no *Dood* por cerca de seis meses. Sua desenvoltura era notável, e houve um progresso significativo na coordenação motora e na formação da embocadura, que no início fazia um pouco de bochechas. Após aprender músicas como “Borboletinha”, “O sapo não lava o pé” (Domínio público), “Ode à alegria” e “Cai, Cai, Balão”, Teresa realizou seu recital de formatura do *Dood*, demonstrando um entusiasmo contagiante por estar prestes a trocar de instrumento.

Teresa transbordava de alegria ao receber o *Clarinéo*, e logo após aprender como montar o novo instrumento, mergulhou de cabeça na tentativa de tocar as músicas de seu repertório. No início, estranhou um pouco a digitação do *Clarinéo*, pois as posições das notas são diferentes das do *Dood*. No entanto, em apenas duas aulas, esse obstáculo desapareceu, assim como a necessidade de abrir um pouco mais a mão para manusear o *Clarinéo*, que tem uma distância ligeiramente maior entre seus orifícios em comparação com o *Dood*. Entretanto, como mencionado anteriormente, nossa pequena clarinetista é extremamente persistente e logo se adaptou à situação.

Continuamos utilizando a palheta de cana, buscando assim uma sonoridade mais próxima à da Clarineta em Si Bemol. Foi necessário fazer uma pequena adaptação na boquilha

para viabilizar a utilização da palheta de cana. Uma reclamação recorrente de Teresa foi o desconforto do apoio do polegar direito, que sustenta o peso do instrumento. Para resolver esse problema, forramos o apoio com tecido e esparadrapo, e o desconforto foi rapidamente resolvido.

Durante as férias, Teresa viajou para a França e participou de uma colônia de férias musical. Ela foi a única criança a tocar um *Clarinéo*, e os professores inicialmente o encararam como se fosse um brinquedo. No entanto, isso não impediu a participação entusiástica de Teresa nas atividades da colônia de férias musical. Além disso, ela também participou de outros eventos, como o Encontro Feminino de Clarinetistas do DF e o Festival Infantojuvenil de Clarinetistas (*on-line*), que contou com a participação de professores e alunos de todo o Brasil. Teresa teve a oportunidade de tocar presencialmente no recital de lançamento do livro “Brincadeiras de Soprar”, de Rosa Barros.

A Clarineta em Dó foi o primeiro instrumento realmente próprio de Teresa, pois os outros eram emprestados. Sua mãe comprou a clarineta na última viagem que fizeram à França e a entregou a mim, aguardando o momento em que eu julgasse que nossa jovem clarinetista reunisse as condições físicas e motoras necessárias para tocar a clarineta em Dó com o mínimo de dificuldades. Quando esse dia finalmente chegou, foi só alegria para Tetê. Ensinei-a a montar e desmontar a clarineta, a cuidar das cortiças, entre outras coisas. Imediatamente, ela pediu para gravarmos um vídeo para o *Blog* da “Tetê do Brasil”, onde explicou como montar a clarineta e deu dicas sobre os cuidados a ter com o instrumento. Ela tocou e comentou sobre como agora tinha uma clarineta de verdade e o quanto estava feliz.

Após a euforia inicial, nas aulas seguintes observei uma melhora significativa na sonoridade. Teresa já estava tocando com uma palheta número 2. No entanto, houve uma reclamação de dor no polegar direito, que suporta todo o peso do instrumento. Isso foi resolvido com a utilização de uma correia de sustentação durante duas semanas. É normal sentir esse estranhamento com o peso, especialmente dada a grande diferença entre os instrumentos.

Em alguns momentos, principalmente do meio para o final da aula, ocorriam alguns ruídos devido a vazamentos decorrentes de falhas na vedação, que os dedos anelares são responsáveis por selar. Com a Clarineta em Dó, Teresa começou a explorar o registro agudo, o que ampliou o leque de melodias que ela podia tocar.

Montamos um quarteto de Clarinetas em Dó com crianças da mesma faixa etária que Teresa. Era uma energia contagiante; antes de começar o ensaio, era só bagunça, risadas, às vezes até correria, com brincadeiras como pisar no pé um do outro. No entanto, quando o ensaio começava, a atmosfera mudava completamente. Eu dava início ao ensaio, fazia as intervenções

necessárias e depois os deixava por conta própria. Era incrível ver as crianças clarinetistas assumirem o controle do ensaio, combinando as entradas e descobrindo quem tocava com quem, como verdadeiros músicos profissionais.

No final do semestre, tivemos nosso recital na Sala de Ensaio da Banda de Música da Polícia Militar do Distrito Federal. Nosso quarteto de pequenos talentos tocou um arranjo especialmente elaborado para eles da música “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga, e na ocasião, Teresa liderava o quarteto, dando entradas e fazendo cortes. Fiquei extremamente orgulhoso como professor ao ver o desempenho desses jovens músicos.

Teresa finalmente fez a tão esperada transição para a Clarineta em Si Bemol, que foi a última clarineta emprestada por mim para nossa jovem clarinetista em ascensão. Dias antes, recebi um vídeo dela tocando a clarineta de sua mãe e se vangloriando de seu feito, utilizando uma palheta número 3.

Com a nova Clarineta em Si Bemol, Teresa estranhou um pouco o tamanho do instrumento, que é um pouco maior e requer uma abertura maior entre os dedos. Além disso, seu peso é um pouco maior do que o da antiga clarineta, e a câmara interna maior exige um pouco mais de ar para a emissão do som.

A emissão das notas agudas provou ser difícil, exigindo um trabalho de conscientização sobre a embocadura, o controle do ar, o domínio dos lábios, o posicionamento da boquilha e da palheta sobre os lábios, a coordenação motora e a habilidade de manusear a clarineta com a chave de registro aberta. Esses obstáculos levaram Teresa a sentir vontade de desistir, especialmente porque ela é uma criança imediatista, que deseja alcançar seus objetivos rapidamente, sem ter que passar por dificuldades.

No entanto, sua mãe conversou com ela sobre a possibilidade de viajarem para a França e escolher uma clarineta, desde que ela não desistisse de tocar o instrumento, considerando o valor do investimento. Teresa concordou, e ao chegar à França, experimentou três clarinetas de marcas diferentes e comprou a que mais lhe agradou.

De volta ao Brasil, Teresa enviou um vídeo tocando sua clarineta para sua família, irradiando alegria e orgulho por ter seu próprio instrumento. Em uma apresentação no Parque Olhos D’água, todas as crianças tocaram as músicas que prepararam, e Teresa ficou fascinada com a música “Ciranda da Bailarina”. Ela enviou um áudio dizendo que adorou a música e que também queria tocá-la, independentemente do tom ou da altura das notas, pois simplesmente gostou muito dela. Decidimos então aprender a letra, buscamos a música na *internet* e, por fim, a partitura. Foi um desafio para Teresa, pois a música permaneceu predominantemente na região aguda do instrumento. No entanto, ela não mediu esforços para superar esse desafio.

Aos poucos, Teresa foi vencendo a dificuldade de tocar na região aguda, apesar de alguns pequenos deslizes ao reconhecer as notas na pauta. A Clarineta em Si Bemol se tornou como uma extensão das mãos de Teresa, permitindo que ela a manuseasse, equilibrasse e produzisse som com tranquilidade.

A utilização das quatro clarinetas – *Dood*, *Clarinéo*, Clarineta em Dó e Clarineta em Si Bemol – na trajetória de iniciação à clarineta por Teresa foi fundamental para atender às suas expectativas e facilitar seu processo de aprendizagem, especialmente considerando sua capacidade física. Cada um desses instrumentos oferece um nível de dificuldade adequado à realidade de cada faixa etária, permitindo uma transição suave e progressiva entre os instrumentos.

Essa sequência de instrumentos proporcionou um início precoce no aprendizado instrumental, e abriu novas possibilidades para crianças que, no passado, teriam que esperar anos até estarem prontas para iniciar o estudo da Clarineta em Si Bemol, geralmente por volta dos onze anos de idade. Essa espera prolongada poderia desencorajar muitas crianças de perseguir o sonho de aprender música. Ao introduzir as diferentes clarinetas em estágios iniciais da aprendizagem, oferecemos às crianças a oportunidade de começar a tocar um instrumento musical o mais cedo possível. Além de manter o interesse e entusiasmo pela música, promove um desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas e emocionais.

Portanto, a proposta de utilizar clarinetas de diversas proporções no processo de aprendizagem instrumental não só torna o caminho da criança para a realização do sonho de tocar um instrumento musical mais breve e acessível, mas também enriquece sua jornada de descoberta através da música.

### **Entrevista com Diego**

Diego chega a nossa entrevista acompanhado de seu avô, que prefere nos deixar a sós para a entrevista. Explico a Diego como se daria a entrevista, que iríamos assistir alguns vídeos de sua trajetória com a clarineta para que ele comentasse a respeito daqueles períodos. Iniciamos com um vídeo em que ele está tocando o *Dood*, ele assistiu atento e feliz, sorri um pouco e comenta que naquela época ele fazia muita bochecha, e que no início era um pouco difícil de soprar pois era a primeira vez que utilizava os pulmões para tocar um instrumento, e que ele era novinho, mas com o passar do tempo ficou fácil, se lembra que tocava utilizando palheta de plástico.

No próximo vídeo, Diego está tocando o *Clarinéo*, em um primeiro momento sozinho e depois com um acompanhamento, ele assiste ao vídeo bastante concentrado e comenta que a sonoridade no primeiro vídeo estava pior, e que no segundo vídeo estava bem melhor, acredita que estava utilizando palheta de plástico.

Pergunto a respeito da transição do *Dood* para o *Clarinéo* e Diego revela que estranhou um pouco o tamanho do instrumento, o jeito de segurar, pois *Clarinéo* é maior que o *Dood*, e a maneira de soprar, a digitação, se lembrou que chegou a tocar com a palheta de cana, e que, embora fosse um pouco mais difícil de soprar, percebeu que o som estava muito melhor mais parecido com o som da clarineta, o som estava mais cheio, pois a palheta vibra mais, e que tocar o *Clarinéo* com palheta de cana ajudou quando progrediu para a Clarineta em Dó.

Então foi reproduzido o vídeo da música da “Pantera cor-de-rosa”, de Henry Mancini, com a Clarineta em Dó, Diego assistiu acompanhando a música batendo palmas no ritmo. Ao final constatou que houve uma grande mudança em sua sonoridade que o som estava muito melhor, o peso do instrumento também mudou, e sentia um pouco de dificuldade na digitação.

E disse Diego: “Um fato legal é que, como fiz uma despedida pro *Clarinéo*, eu fiz um vídeo para professora Elizabeth e eu estava no jardim de pijama tocando Clarineta em Dó para a Elizabeth.” Pergunto a respeito do recital de formatura na Clarineta em Dó, e Diego revela que embora estivesse nervoso, foi divertido e gostou de fazer aquela apresentação, estava ansioso para tocar a Clarineta em Si Bemol para experimentar os sons, e que ficou muito feliz por dar tudo certo naquele recital.

Buscando o próximo vídeo, percebo que Diego está sempre a batucar seja nas próprias pernas ou nos braços. Agora, o vídeo de “Asa Branca”, em que Diego integra o quarteto de clarinetas, foi acompanhado por ele com palmas e ao término fez o corte da música como se fosse um maestro, e diz que “foi muito divertido e legal, pois estava com seus amigos, além disso havia outras vozes diferentes da minha, escutar as combinações das notas, o som ficava bem legal.”

Diego descreve a Clarineta Si Bemol como sendo um pouco mais pesada, o som é uma tonalidade abaixo, é um pouco mais difícil de segurar devido ao seu tamanho, porém ela é muito boa, ele gosta do som, acha confortável segurá-la, e consegue tocar todas as suas chaves. “Chiclete com Banana”, segundo Diego, é um vídeo muito recente, e a roupa que está usando no vídeo é a mesma que está vestido na entrevista. Durante o vídeo, Diego canta a melodia e acompanha batendo palmas, na gravação Diego toca acompanhando o vídeo enviado por seu professor, para que ele ouvisse a música e, na sequência, tocasse na clarineta junto com o vídeo, sem ter a partitura. Ao assistir o vídeo de “Brejeiro”, acompanhado com violão sete cordas,

disse que é muito bom ser acompanhado, é uma sensação como se estivesse carregando algo muito pesado e alguém chega para ajudar a carregar, é um auxílio.

Finalizando, Diego fala um pouco da Clarineta em Si Bemol, que está muito feliz em estar tocando a Clarineta em Si Bemol embora tenha um pouco de dificuldades com as notas muito agudas, mas que está lidando bem com isso, e que o resto está tudo certo, e que teremos um recital logo em breve.

### **Entrevista com a professora de Diego**

Inicialmente, Elizabeth descreve os desafios iniciais de convencer Diego a começar com um instrumento mais básico, o *Dood*, antes de avançar para o *Clarinéo*, Clarineta em Dó e, finalmente, para a Clarineta em Si Bemol, haja vista ter ganhado de seu avô tal clarineta. Essa progressão foi vital para garantir que Diego desenvolvesse uma base sólida em sua trajetória.

O entusiasmo de Diego pelo aprendizado musical era evidente desde o início. Sua disposição para enfrentar desafios e seu interesse em aprender eram pontos fortes que Elizabeth procurava incentivar. Ela descreve como planejava cuidadosamente suas aulas, garantindo que cada promessa feita a Diego fosse cumprida, o que contribuiu significativamente para seu crescimento durante o processo de aprendizagem.

Um dos aspectos mais interessantes da jornada de Diego foi sua transição para o uso de palhetas de cana. Inicialmente começando com palhetas de plástico, Diego eventualmente mudou para palhetas de cana, o que exigiu algumas adaptações. Elizabeth destaca como Diego gravava trechos musicais usando ambos os tipos de palhetas, demonstrando seu compromisso em buscar a excelência e desafiando Elizabeth a descobrir que tipo de palheta ele estava utilizando.

Quando questionada sobre as adaptações necessárias na boquilha do *Clarinéo* para acomodar a palheta de cana, Elizabeth explica que, embora não fosse possível fazer grandes modificações, com a utilização de um pequeno calço na parte posterior da boquilha e raspagem das palhetas para que ficassem mais leves, a emissão sonora foi facilitada.

Para Elizabeth, quando se trata da transição entre diferentes tipos de palhetas, como a de cana ou mesmo de plástico, é comum fazer pequenas adaptações, como ajustar a posição da palheta para facilitar a emissão do som. Essas adaptações são frequentemente feitas em colaboração com o aluno, a fim de alcançar o melhor resultado possível. No caso específico da palheta de cana, as mudanças podem ser particularmente significativas, resultando em uma melhoria notável na qualidade do som produzido.

A professora acredita que esse processo de transição, que pode envolver vários estágios, desde o *Dood* até a Clarineta em Si Bemol. São realizados recitais para marcar a evolução do aluno, e são essenciais para que tanto o aluno quanto o professor reconheçam e celebrem os progressos alcançados. A alegria e motivação do aluno durante essas mudanças de instrumento são palpáveis, impulsionando-os a explorar novos repertórios e desafios técnicos.

O uso da palheta de cana pode ser um desses desafios, pois exige uma abordagem diferente em termos de técnica, controle de ar, e desenvolvimento da musculatura da embocadura, utilização da chave para alcançar o registro agudo, no entanto, a superação desses desafios resulta em um som mais rico e próximo ao desejado para o instrumento. Essa jornada de aprendizado mútuo entre aluno e professor é marcada por momentos de satisfação e realização, fortalecendo a relação e o compromisso com os objetivos a serem alcançados.

Durante essas passagens de um instrumento para o outro, como do *Dood* para o *Clarinéo*, são realizados recitais para marcar oficialmente o progresso do aluno. Esses eventos são fundamentais para que o estudante perceba sua evolução e se sinta encorajado a continuar se dedicando ao aprendizado. O reconhecimento do avanço em cada etapa do processo é essencial para manter a motivação e o entusiasmo do aluno, além de fortalecer sua confiança em suas habilidades musicais.

Elizabeth revela que a alegria de Diego é evidente durante essas mudanças de instrumento, acompanhada pela vontade de explorar novos repertórios e desafios técnicos adequados ao novo instrumento. Essa motivação mútua entre aluno e professor impulsiona a busca por um repertório que atenda às necessidades específicas do instrumento em questão.

Além disso, há momentos em que o professor também é desafiado a encontrar peças musicais adequadas para o instrumento e ao aluno. Isso pode levar a uma exploração criativa e expansão do repertório, resultando em uma experiência enriquecedora para ambas as partes envolvidas.

Elizabeth considera que a prática com a palheta de cana pode ser um desses desafios, exigindo mais habilidade e controle por parte do aluno. No entanto, superar esses desafios resulta em um som mais cheio, bonito, próximo ao da Clarineta em Si Bemol, o que é motivo de orgulho tanto para o aluno quanto para o professor.

Ela ressalta que iniciar o ensino mais cedo, por volta dos seis ou sete anos, é benéfico, pois permite que os alunos tenham uma base sólida antes de avançar para instrumentos mais complexos. Além disso, enfatiza a necessidade de evitar traumas musicais e físicos ao introduzir instrumentos grandes em mãos pequenas, defendendo a utilização de ferramentas que facilitem os processos de aprendizado.

Ela alerta também sobre a ansiedade dos pais em relação ao progresso dos filhos no aprendizado da música, enfatizando a importância de respeitar o tempo de cada aluno e a necessidade de comunicar aos pais sobre as diferentes etapas do aprendizado, e que cada criança tem seu tempo, que os desenvolvimentos físicos, psicológicos e cognitivos são individuais, variando de aluno para aluno.

A professora destaca a importância da disciplina na vida de Diego, um aluno que se destaca por seu interesse em participar de recitais e apresentações em diversos ambientes de forma mostrar resultados alcançados. Ressalta ainda que Diego é incentivado em casa, tanto pelo avô quanto pelos pais, a manter essa disciplina. Essa atitude é vista como crucial, mesmo quando não é possível estudar todos os dias, pois ela estabelece uma base para o desenvolvimento musical do aluno.

Elizabeth enfatiza que a disciplina não requer necessariamente o estudo diário, mas sim uma consistência e uma cobrança por parte dos responsáveis. Isso sugere que a disciplina não se limita apenas ao tempo dedicado aos estudos, mas também engloba uma postura mental e um compromisso com metas e responsabilidades.

A respeito da utilização de clarinetas diferentes proporções até a tão sonhada Clarineta em Si Bemol, no contexto do ensino para crianças, Elizabeth discute como essa abordagem se tornou um facilitador no processo de aprendizagem musical para crianças, especialmente considerando a mudança de paradigma na idade de início do ensino da clarineta.

Inicialmente, a professora reconhece a importância de oferecer uma introdução gradual aos instrumentos musicais para crianças, mencionando que antes havia uma tendência de iniciar o ensino da clarineta apenas quando as crianças atingiam os nove ou dez anos de idade. No entanto, ela observa que atualmente as escolas de música no Brasil já estão introduzindo o ensino da clarineta para crianças a partir dos oito anos de idade, a exemplo da Escola de Música de Brasília.

Elizabeth destaca o impacto positivo do uso de instrumentos como o *Dood*, o *Clarinéo* e a Clarineta em Dó para crianças mais jovens. Ela argumenta que essa abordagem permite que as crianças desenvolvam suas habilidades musicais desde tenra idade, preparando-as melhor para o futuro aprendizado da Clarineta em Si Bemol.

Enfatiza que essa progressão gradual nos instrumentos é essencial para o desenvolvimento adequado das crianças como músicos. Ela ressalta que forçar crianças pequenas a tocar instrumentos de tamanho padrão pode ser prejudicial tanto fisicamente quanto musicalmente e intelectualmente. A utilização de instrumentos adaptados às necessidades

físicas e cognitivas das crianças, é vista como uma prática benéfica que promove um desenvolvimento musical mais saudável e eficaz.

### **Entrevista com o professor de Diego**

Diego começou a estudar com o professor José Maia durante a transição do *Clarinéo* para a Clarineta em Dó, recordando-se de que seu avô havia presenteado Diego com uma Clarineta em Si Bemol. Diego, por sua vez, ansiava por migrar diretamente do *Clarinéo* para a Clarineta em Si Bemol, mas sua estatura ainda não permitia o manuseio confortável desse instrumento, dada a sua grandeza e peso. Isso resultou em um esforço persuasivo tanto para o avô quanto para Diego, convencendo-os de que, naquele momento, a melhor escolha seria a Clarineta em Dó, já que outras crianças da mesma faixa etária estavam tocando esse instrumento. Isso ocorreu no ano de 2022, durante o 1º Clarinteração, um evento que promove a interação entre clarinetistas de diferentes níveis, proporcionando momentos únicos na trajetória dos participantes.

O professor recorda que, naquele período, havia mais três crianças tocando a Clarineta em Dó e, juntamente com Diego, formaram um quarteto de Clarinetas em Dó. No mesmo ano, Diego começou a tocar repertório de choro, pois as tonalidades eram mais acessíveis na Clarineta em Dó em comparação com a transposição para a Clarineta em Si Bemol. José Maia lembra-se de que o primeiro choro que Diego executou foi “Carinhoso”, de Pixinguinha, ampliando, assim, seu repertório e se apresentando em rodas de choro, onde a Clarineta em Dó tornou-se um instrumento com grande valor social e motivador para ele.

José Maia acredita que a Clarineta em Dó inseriu Diego em ambientes onde adultos também tocavam, como nas rodas de choro, o que impactou positivamente sua motivação. Nessas situações, Diego tocava com adultos e outras crianças, explorando o prazer da música em conjunto, onde a performance estava relacionada à realização pessoal. Tocar clarineta proporcionou a Diego uma identidade social no grupo de crianças de sua faixa etária, que também buscavam aprender músicas, compartilhando ideais e momentos de estudo almejando a Clarineta em Si Bemol, o que ocorreu no ano de 2023.

O professor José Maia revela que Diego enfrentou dificuldades com articulações, mas o momento crucial foi quando ele interpretou “Conversa de Botequim”, entendendo que a divisão métrica não era o fator determinante para a execução, mas sim a compreensão da melodia, associada à pronúncia das palavras. Cantar a música permitiu a Diego compreender todas as nuances de articulação, encantando a plateia em seu próximo recital.

Nos recitais subsequentes, Diego buscou um discurso musical mais amplo, tocando e cantando em português, espanhol e inglês, buscando entender o propósito de sua música e compartilhando experiências com a família, que desempenhou um papel fundamental em sua motivação. Quanto à transição para a Clarineta em Si Bemol, Maia observa as dificuldades de vedação dos dedos anelares e a adaptação do repertório. Diego tocava nas duas clarinetas até dominar o repertório na Clarineta em Si Bemol, priorizando o ouvido em vez da digitação para otimizar o aprendizado.

A passagem de Diego para a Clarineta em Si Bemol desencadeou sua inclusão no grupo total de alunos. Ele já podia tocar as mesmas partituras e músicas que os demais, não sendo mais um membro de um pequeno grupo separado como na Clarineta em Dó. Essa inclusão em um novo universo ofereceu-lhe uma nova perspectiva de crescimento. Como o objetivo era chegar à Clarineta em Si Bemol, Diego teve acesso a um repertório maior, podendo tocar muitas mais músicas e buscar outras referências. A sonoridade da Clarineta em Si Bemol é diferente; seu som é mais cheio e sua projeção é distinta da Clarineta em Dó, o que contribuiu muito para o desenvolvimento da criança. Agora, com uma clarineta igual à dos adultos, a referência não é apenas os outros alunos, mas também os adultos.

Quanto ao peso e tamanho do novo instrumento, o professor entende que ainda representam um desafio. As crianças encontram soluções para as dificuldades de sustentação do instrumento, o que muitas vezes resulta em vícios que precisarão ser corrigidos posteriormente. Por exemplo, aplicar muita tensão na embocadura para segurar o instrumento pode levar a problemas de postura que precisarão ser corrigidos. A criança provavelmente conseguirá contornar o obstáculo do peso e tamanho do instrumento por volta dos doze anos de idade, durante o período de crescimento.

Para José Maia, é fundamental que as crianças permaneçam mais tempo nos instrumentos anteriores para consolidar sua postura e embocadura, garantindo que o trabalho desenvolvido não se perca durante a transição para a próxima clarineta. Ele enfatiza a importância do apoio mútuo entre os alunos durante esse processo, o que os motiva a seguir adiante em suas trajetórias.

### **Entrevista com Lucas**

Antes do início da entrevista, informei a Lucas, nosso jovem clarinetista, que seria uma conversa descontraída sobre sua trajetória na música, focando principalmente em sua iniciação

na clarineta. Com uma energia vibrante, Lucas compartilhou suas experiências desde os primeiros dias com o *Dood* até a Clarineta em Si Bemol.

Ao ser questionado sobre seu início na música, Lucas afirmou que sua jornada começou com o *Dood*, seu primeiro instrumento, e como o achou “muito fácil”, referindo-se à sua facilidade inicial em tocar o instrumento. Com uma palheta de plástico em mãos, ele explorava as notas curioso com os sons que poderia produzir. Ele mencionou que não se lembrava quanto tempo ele ficou tocando o *Dood*. Questionado a respeito do recital de formatura no *Dood*, diz não se lembrar o nome das músicas que tocou, mas que estava feliz em se apresentar, e estar indo para um instrumento maior.

Transitando para o *Clarinéo*, Lucas reconheceu que as coisas ficaram um pouco mais desafiadoras. Ele admitiu que, no início, não tinha certeza do que estava fazendo, mas sua curiosidade o impulsionava a explorar as possibilidades do instrumento, especialmente porque ele estava aprendendo a fechar corretamente as chaves e os orifícios da nova clarineta. Lucas revelou que alguns dedos teimosos dificultavam o domínio completo das chaves do *Clarinéo*.

No entanto, Lucas não se deixou desanimar, encontrando maneiras de superar os obstáculos à medida que avançava. Um dos obstáculos foi a mudança da palheta de plástico para a palheta de cana, pois exigia um pouco mais de esforço, de ar, pois com a palheta de plástico, por exemplo, no *Dood*, o som saía muito facilmente, mas estava muito feliz com o *Clarinéo*. A respeito do recital, ao passar para a clarineta, diz não se lembrar o nome de todas as músicas, mas que eram cerca de sete músicas, se lembra de “Samba de uma nota só”, “Águas de março” e “He-Man”.

Seu entusiasmo era notável ao descrever como progredia de um instrumento para outro, agora com a Clarineta em Dó. Embora transbordasse de felicidade com a nova aventura, Lucas discutiu os desafios que enfrentou ao aprender a manusear o novo instrumento, como a dificuldade em segurar a Clarineta em Dó devido ao seu peso e a necessidade de ajustar sua técnica de digitação. Mencionou que, em determinado momento, o instrumento ficava escorregando de suas mãos e com o auxílio do professor providenciou apoio para a clarineta, o que aliviou o seu peso.

Lucas revela que não houve recital de formatura na Clarineta em Dó, pois estava viajando com a família quando recebeu sua clarineta. Seus olhos brilhavam ao falar que recebeu de presente uma Clarineta em Si Bemol, pois as clarinetas que usava eram emprestadas pelo professor, e que agora desfrutava da companhia de outras crianças clarinetistas, pois em sua trajetória até a Clarineta em Si Bemol ele estava só, pois as outras crianças estavam tocando uma clarineta à frente da que ele estava tocando ou a anterior.

Com relação à Clarineta em Si Bemol, Lucas diz não ver grandes diferenças da clarineta em Dó, pois tem o mesmo número de chaves, usa a mesma palheta e boquilha, é apenas um pouquinho mais pesada e tem que soprar um pouco mais. Nossa entrevista terminou com Lucas expressando sua satisfação por estar tocando na Clarineta em Si Bemol e descrevendo como ele se sentiu mais realizado por estar tocando com mais crianças agora.

### **Entrevista com o professor de Lucas**

Iniciamos nossa entrevista com o Professor José Maia fazendo uma descrição irônica de Lucas, que segundo ele é um menino muito quietinho. Sempre foi assim, comparecia às aulas, mantinha-se tranquilo, sem grandes movimentações pela sala, evitando pulos ou agitação excessiva. Por sorte, ele teve aula sozinho, sendo o primeiro aluno da escola a estudar o *Dood*. Lucas passou um semestre tocando *Dood* com a palheta de plástico original do instrumento. O Professor revelou ter um caderno com anotações de todas as músicas que Lucas tocou no *Dood*, incluindo a sequência em que foram executadas.

No final do semestre, Lucas realizou seu recital de formatura do *Dood* em julho e depois fez a transição para o *Clarinéo*. Durante esse período, ele continuou utilizando a palheta original de plástico, pois o Professor José Maia não tinha palhetas de cana adequadas para o *Clarinéo*, já que eram de numeração alta e, conseqüentemente, mais rígidas, inviáveis para uma criança. A transição do *Dood* para o *Clarinéo* foi tranquila, e Lucas ficou contente por progredir para um instrumento maior.

A partir desse momento, eles começaram a usar o método “Clarineta fácil”, de Cristiano Alves, professor de clarineta na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Eles seguiram a sequência de músicas do método “Clarineta Fácil”, tocando até “Humoresque”. O professor se recorda de que havia músicas que Lucas conhecia do *Dood*, mas agora com a digitação e as tonalidades do *Clarinéo*. Quando perguntado se havia algum *playback*, ele respondeu que não, pois o *playback* era o professor tocando no piano. Ao ser questionado se Lucas estava lendo a partitura durante esse processo, José Maia explicou que ele se baseava principalmente na memória auditiva e visual, utilizando a partitura apenas como um registro.

Sobre a nova digitação, o professor afirmou que foi tranquilo para Lucas tocar as músicas, pois assim que ele mostrou a diferença das notas entre os dois instrumentos, Lucas seguiu em frente. Ele permaneceu seis meses no *Clarinéo* e, no final do primeiro ano, mudou para a Clarineta em Dó, onde também fez seu recital de formatura.

Foi na Clarineta em Dó que ele atingiu um platô, começando a encontrar um pouco mais de dificuldade com as palhetas de cana, que eram um pouco mais duras. Lucas estava progredindo rapidamente no *Dood* e no *Clarinéo*. José Maia relata que houve uma estagnação e uma diminuição na motivação de Lucas nesse ponto, devido ao fato de ser o único aluno a tocar sempre em um instrumento diferente dos outros. Quando ele estava no *Clarinéo*, os outros já estavam na Clarineta em Dó, e vice-versa. Para o professor, esse momento da Clarineta em Dó, mais pesada que o *Clarinéo* e com palhetas de cana mais duras, juntamente com o fato de tocar sempre sozinho, foram obstáculos que causaram desânimo em Lucas.

No final do ano, Lucas passou para a Clarineta em Si Bemol e, durante as férias, participou de um curso de verão, onde teve a oportunidade de tocar junto com outras crianças clarinetistas. Isso o ajudou a recuperar sua motivação e a superar os obstáculos que o desanimavam. José Maia explicou que teve que mudar as rotinas das aulas para incluir mais atividades coletivas, pois isso motivava os alunos a progredir mais. No caso de Lucas, isso significava tocar o que os alunos mais avançados estavam tocando.

Agora, com a mudança para a Clarineta em Si Bemol, Lucas está mais tranquilo em relação ao peso e tamanho do instrumento, pois estava acostumado com o peso da Clarineta em Dó, facilitando a transição. Lucas trocou a boquilha e não teve problemas com as palhetas, pois está se adaptando a palhetas mais duras.

Quanto à utilização das quatro clarinetas, o professor José Maia observa dois aspectos fundamentais: a sustentação e a postura. Nos instrumentos mais leves, como o *Dood* e o *Clarinéo*, a sustentação é mais fácil. Nos outros instrumentos, como a Clarineta em Dó e a em Si Bemol, a sustentação é mais difícil. Ele enfatiza a importância de trabalhar a postura desde o início, para que os alunos desenvolvam consciência postural antes de chegarem às clarinetas mais pesadas. Ele conclui que os alunos devem permanecer mais tempo nos instrumentos mais leves para consolidar a postura e trabalhar a questão da sustentação, que está relacionada à força física. A postura correta, com o posicionamento adequado dos ombros, cabeça e queixo, é crucial para evitar problemas na transição para a próxima clarineta.

No caso de Lucas, que sentiu bastante a diferença de peso ao passar para a Clarineta em Dó, uma das soluções foi apoiar o instrumento na perna, já que a maioria do tempo as crianças tocam sentadas. Outra situação observada pelo professor foram os vazamentos nos orifícios que deveriam ser vedados pelos dedos anelares, devido ao peso da clarineta, à postura das mãos e à sustentação do instrumento, que tem seu peso depositado sobre a mão direita. Além disso, o acionamento da chave de registro para as notas agudas faz com que os dedos se movam de maneira a não selar completamente os orifícios, resultando em guinchos.

Portanto, passar mais tempo nos instrumentos mais leves, como o *Dood* e o *Clarínéo*, é fundamental para desenvolver a força física, coordenação motora e cognitiva necessárias para lidar com os instrumentos mais pesados. Essa abordagem permite que a criança fortaleça gradualmente seus músculos, aprimore sua habilidade de coordenação e expanda sua compreensão cognitiva da música e do instrumento. Assim, quando chegar a hora de fazer a transição para os instrumentos mais pesados, como a Clarineta em Dó e em Si Bemol, ela estará mais preparada para enfrentar os desafios físicos e técnicos que esses instrumentos exigem.

## CAPÍTULO V – ENTREVISTAS COM OS FAMILIARES DAS CRIANÇAS

As entrevistas têm como propósito essencial dar voz às experiências dos familiares que estiveram envolvidos nas trajetórias de iniciação das três crianças à clarineta, permitindo uma visão mais abrangente e aprofundada sobre os percursos trilhados por crianças clarinetistas. Por meio desses depoimentos, é possível elucidar eventuais lacunas que podem ter passado despercebidas durante o processo de observação, além de suscitar questionamentos pertinentes sobre as etapas de iniciação à prática instrumental por crianças na terceira infância. Essa abordagem centrada nas experiências pessoais e nas percepções dos envolvidos enriquece a compreensão dos desafios e das conquistas enfrentadas por crianças durante sua jornada de aprendizado na infância.

As entrevistas foram estruturadas de forma a permitir que os entrevistados expressassem livremente suas perspectivas sobre os diversos períodos ou etapas do processo de aprendizagem da clarineta na infância, desde a utilização do *Dood* até a transição para a Clarineta em Si Bemol. Durante esse momento inicial, o entrevistador manteve intervenções mínimas, garantindo que os discursos dos participantes não sofressem influências externas.

O objetivo era compreender as experiências dos alunos, professores e familiares em relação à eficácia da utilização de instrumentos de diferentes proporções na iniciação da clarineta, bem como identificar quaisquer necessidades ou pontos de conflito que surgissem durante o processo. Para isso, optou-se por uma abordagem de entrevista semiestruturada, na qual o pesquisador utilizou um roteiro com uma lista de questões ou tópicos a serem abordados, mantendo uma certa flexibilidade para que novas questões pudessem surgir organicamente ao longo da conversa. Essa abordagem permitiu uma análise mais profunda e abrangente do contexto dos entrevistados e das dinâmicas envolvidas no processo de aprendizagem da clarineta na infância.

### **Entrevista com a mãe de Teresa**

A entrevista começa com o relato de Valéria a respeito da trajetória de Teresa na iniciação à clarineta, ela se lembra de vídeos que enviamos dos recitais e aulas coletivas de nossos alunos, e que Teresa, ao assistir, disse que havia poucas meninas tocando e pediu para ter aula de clarineta, e que, após conversarmos, entreguei o *Dood* a Teresa na véspera de natal. Segundo Valéria, Teresa não teve dificuldades para tocar o *Dood*, e com as músicas que passamos, foi engraçado para ela tocar, pois haviam algumas notas que ela não conseguia tocar,

e mesmo sendo uma menina com pouca paciência, ela persistiu e conseguiu tocar. A mãe acredita que Teresa tinha vontade de tocar como os outros alunos mais avançados que já estavam tocando o *Clarinéo*, isso a motivava a estudar o *Dood* para mudar de instrumento.

Quando Teresa passou para o *Clarinéo*, ela não teve dificuldades para tocar o instrumento, Valéria observou que, por serem leves, os instrumentos de plástico não apresentavam muitas dificuldades, e que Teresa havia iniciado as notas agudas e teve um pouco de dificuldades no começo. Valéria comenta que participaram de uma colônia de férias musical na França, e achou estranho, pois apenas Teresa estava tocando *Clarinéo*, e que os professores percebiam o instrumento como um brinquedo, o que não foi empecilho para que ela participasse das aulas, se lembra que Teresa foi muito feliz em apresentar as músicas que havia aprendido conosco no Brasil.

A passagem para Clarineta em Dó teve suas dificuldades, principalmente relacionadas ao peso do instrumento, porém trouxe momentos de satisfação quando Teresa disse: “agora eu tenho um instrumento de verdade!” Dentre as dificuldades estava a emissão das notas agudas, porém, com um pouco de persistência, Teresa conseguiu tocar as notas agudas.

Com a ida para a Clarineta Si Bemol, Valéria percebeu um pouco de dificuldades de Teresa em soprar os instrumentos, provavelmente devido ao tamanho maior, e mais pesado. Nessa etapa de adaptação, as dificuldades para tocar as notas agudas desestimularam Teresa, como dito antes, ela é uma menina com pouca paciência, portanto, o fato de ter que aprender novas notas, novas posições e de ter que tocar corretamente exigiam que ela treinasse o instrumento — e ela não tem paciência para isso — quer sair tocando de uma vez, e como sem seu esforço ela não conseguiria vencer esses obstáculos, Teresa disse que queria parar com a clarineta porque era difícil demais.

Valéria comenta que a Clarineta Si Bemol era emprestada, e que conversou com Teresa que haveria a possibilidade irem para França e visitar uma casa de instrumentos musicais e experimentar algumas clarinetas de marcas diferentes, porém, se comprasse a clarineta, Teresa não poderia desistir, haja vista o investimento que iriam fazer, deixou sua filha refletir por alguns dias e finalmente Teresa concordou com os termos. Então viajaram e, chegando à loja de instrumentos em Paris, Teresa experimentou três clarinetas de marcas diferentes, escolheu uma, e ficou muito feliz em ter sua própria clarineta, o que a motivou a treinar mais e vencer os obstáculos que o novo instrumento oferecia.

Valéria comenta que Teresa é fascinada com a informática, e que quando tem de enviar vídeos para o professor, ela treina bastante, grava mais de um vídeo até que ela observe que esteja satisfatório o que ela está tocando, para aí sim enviar. Pergunto a respeito das aulas

coletivas, e Valéria diz que são motivadoras, pois Teresa faz comparações de como ela está tocando e as outras crianças, e que Teresa entende que precisa estudar um pouco mais para acompanhar os demais, uma espécie de competição saldável.

A respeito da transição entre os instrumentos, ela diz que a passagem para um instrumento maior é muito legal, que Teresa ficava muito feliz, acredita que as crianças venciam uma etapa, e isso é muito importante para elas, pois elas estão crescendo com o instrumento.

Valéria acredita que começar a tocar com cinco ou seis anos é muito cedo, e que os instrumentos de menores dimensões tornam fácil o início da aprendizagem, pois são fáceis de tocar por serem pequenos. Ademais, tocar músicas infantis que as crianças normalmente conhecem ajuda bastante, observa que as crianças veem que há uma evolução quando passam para o próximo instrumento, que é o resultado dos estudos, e que essa evolução é importante para evitar frustrações, e a ordem dos instrumentos foi compatível para o tamanho da Teresa em cada etapa do aprendizado.

### **Entrevista com o avô de Diego**

Iniciamos a entrevista pedindo ao avô que comentasse a respeito da trajetória do Diego com a clarineta: o avô se lembra que no ano de 2020 havia presenteado o irmão mais velho de Diego com uma Clarineta em Si Bemol, seu neto abriu a caixa da clarineta e não se interessou pelo instrumento, o avô disse a seu neto que escolhesse outro presente então, que não teria problema, neste momento, Diego se aproxima de seu avô esfregando as mãos e exclamou “Vovô, me dei bem”, este momento foi muito especial para o avô, que estuda clarineta há alguns anos.

Dias depois, mesmo em meio à pandemia da Covid-19, procurou a escola onde lecionamos, pois há tempos atrás ele mesmo fora nosso aluno. Conversou com a professora Elizabeth para saber a viabilidade de seu neto iniciar os estudos na clarineta, haja vista ter apenas cerca de sete anos de idade. A professora explicou que é viável, e que poderiam começar já, porém iniciariam os estudos com o *Dood*, seguindo uma hierarquia de instrumentos até chegar à Clarineta em Si Bemol. Assim, Diego iniciou seus estudos com o *Dood*, demonstrando bastante desenvoltura, e feliz por estar tocando um instrumento.

O avô acredita que seu neto permaneceu com o *Dood* cerca de dois meses, tocando todos os dias com a sua supervisão, e que a professora, ao observar a evolução de seu neto, fez a troca do instrumento pelo *Clarinéo*. Apesar de as aulas seguirem em formato virtual (devido à pandemia), nada impedia seu progresso no instrumento, e com pouco mais de quatro mês de

estudos, seu avô pôde observar a precisão rítmica e afinação de Diego em suas execuções musicais, ao ver a facilidade que seu neto demonstrava ao tocar, ficou claro para ele o que era aptidão para se tocar um instrumento.

O avô de nosso jovem clarinetista estudava na Escola de Música de Brasília à época, e estava perto de concluir o curso básico de clarineta, estava preparando seu recital de formatura, porém, ao observar as façanhas de Diego ao clarinete, decidiu se dedicar a otimizar o potencial de seu netinho nesta fase de iniciação à clarineta. O avô relata que na rotina de estudos de Diego contemplavam duetos, *playbacks*, lições de métodos, de forma que Diego se desenvolvesse rapidamente no *Clarinéo*. Cerca de nove meses depois, seu neto passou para a Clarineta em Dó, de posse da nova clarineta, Diego abraçou um repertório bastante variado, demonstrando interesse por todo tipo de música que ele via pela frente, seja canções populares, samba ou frevo.

O avô de Diego é um grande entusiasta da música na vida de seu neto, diz que a sua função nessa trajetória era organizar o material utilizado nas aulas, bem como gravar as aulas, organizar as gravações por temas e trabalhar os tópicos durante a semana, de modo que o contato com a clarineta fosse diário. O avô revela que sempre gostou de tocar choro e decidiu que esse seria um bom caminho a ser seguido por seu neto, e uma das coisas que o motiva nessa empreitada é ver Diego tocar o que o avô gostaria de estar tocando.

O avô fala orgulhoso da participação de seu neto em diversas rodas de choro, assim como apresentações em diversos espaços da cidade, e percebe que estas apresentações são prazerosas para seu neto, e que é muito bonito poder acompanhar essa fase de crescimento dele. O avô fala do recital de passagem para a Clarineta em Si Bemol, o que iria proporcionar a Diego um recital solo com duração de uma hora em que teria que tocar doze músicas, o que demandou cerca de quatro meses de preparativos, haja vista o repertório escolhido ser bastante eclético, perpassando pelo Jazz, música latino-americana, brasileira, entre outros estilos.

Com relação à utilização de clarinetas de diferentes tamanhos no processo de aprendizagem por crianças, este caminho desde cedo foi utilizado pela professora Elizabeth, e que deu certo, os resultados dizem mais do que qualquer observação que ele faça, os resultados mostram que foi uma boa escolha.

### **Entrevista com a mãe de Lucas**

Monica relata que Lucas foi introduzido à música por influência da irmã dela, que estudava na UnB. Ao se deparar com a oportunidade do projeto Música Para Crianças, mesmo

ainda durante a gravidez de Lucas, Monica decidiu inscrever seu nome na lista de participação, abrindo assim as portas para sua jornada musical.

Desde então, Lucas seguiu firme em suas aulas, passando por diferentes etapas ao longo do caminho, até encontrar na clarineta um verdadeiro interesse. Apesar de inicialmente não terem contato com esse instrumento em casa, Lucas demonstrou uma habilidade natural, especialmente em reproduzir melodias de ouvido, mostrando uma memória musical apurada.

Monica destaca a importância de incentivar Lucas a assumir a responsabilidade por sua prática musical, deixando claro que a decisão de continuar com o instrumento é inteiramente dele. Ela relata momentos de desânimo e dificuldades enfrentadas por Lucas, especialmente em fases de transição entre diferentes instrumentos, como a adaptação ao peso da Clarineta em Dó.

No entanto, ao oferecer apoio e criar um ambiente propício para a prática musical em casa, como deixar o instrumento montado em seu quarto, Monica percebeu um aumento no envolvimento e na dedicação de Lucas à música. Ele passou a demonstrar interesse em se apresentar, tocando para familiares e até mesmo em eventos escolares.

Embora não tenha um costume de se apresentar regularmente para parentes e amigos, Lucas mostrou entusiasmo em participar de apresentações na escola e em compartilhar seu talento musical com outros. Sua jornada até o momento evidencia não apenas sua habilidade musical, mas também sua determinação e paixão pela música, guiadas pelo apoio e incentivo de sua família.

A respeito da trajetória de Lucas na clarineta, Monica compartilha que seu filho estabeleceu um vínculo de amizade com o professor José Maia nos últimos semestres das aulas de musicalização, em especial no período do pré-instrumental, que antecede a escolha do instrumento que a criança deseja tocar. Disse: “E me surpreendeu. Ele escolheu a clarineta, que até então era um instrumento que a gente não tinha contato. Não tinha nenhum convívio.”

Lucas surpreendeu sua mãe, por demonstrar tamanha facilidade em tocar o *Dood*, tocando de memória e demonstrado ter um ouvido apurado para executar as músicas que gosta sem conhecer ao menos a partitura. “Ele não tem essa desenvoltura aí pela partitura. E tem muita essa facilidade. Então me surpreendeu vê-lo escutar alguma coisa e reproduzir ali”.

A mãe relata que, embora ajude na organização dos materiais e o acompanhe nas aulas, sempre fez questão de deixar claro para Lucas que a escolha de continuar é exclusivamente dele, e confessa. “E aí, ele vai às aulas de clarineta porque ele quer, ele gosta. Ele tem uma satisfação muito grande.” Embora houvesse momentos em sua trajetória com dificuldades ou desânimo em decorrência dos novos desafios propostos pela próxima clarineta, Lucas superou e seguiu em frente.

Questionada sobre o que ela observou em cada uma das clarinetas que fizeram parte da trajetória de Lucas na iniciação instrumental, Monica acredita que no *Dood* era tudo muito fácil, provavelmente por causa da boquilha, era muito direto. E na segunda clarineta, o *Clarinéo*, não teve muita dificuldade, o instrumento era um pouco maior, mas logo ele se acostumou. Na terceira, a Clarineta em Dó, ele sentiu muita diferença, principalmente relacionado ao peso, como todos os instrumentos aqui foram emprestados pelo professor, ele teve que trocar uma Clarineta em Dó por outra mais leve, provavelmente de outra marca. Apesar das dificuldades, Lucas apoiava a clarineta em uma cadeira por um período, pois o instrumento escorregava de suas mãos, até que, em pouco tempo, ele se adaptou ao peso.

Com relação ao tempo de permanência com cada uma das clarinetas, ela acredita que Lucas passou aproximadamente seis meses em cada uma. Agora ele está muito feliz com a Clarineta em Si Bemol, não demonstrando dificuldades como na Clarineta em Dó, pois está mais crescido e continua entusiasmado com seu sonho de tocar clarineta.

### **Reflexões sobre as trajetórias de aprendizagem das crianças a partir das entrevistas**

Com relação a utilização do *Dood*, é possível observar que a emissão do som se dá facilmente com a palheta de plástico original, disponibilizada pelo fabricante, a abertura da boquilha é demasiadamente grande e a palheta original é curva, acompanhando a abertura da boquilha de modo a emitir o som de maneira fácil. Contudo, no momento em que a criança necessitar fazer a mudança para a palheta de cana, não conseguirá emitir som, pois a palheta de cana é reta, ficando um intervalo exagerado entre boquilha e palheta, não permitindo a emissão sonora. Para que a criança conseguisse emitir som com a palheta de cana, se fez necessário uma adaptação na parte inferior da boquilha para diminuir esse intervalo, garantindo a emissão sonora.

Embora o instrumento tenha ventosa, para alguns alunos, devido ao tamanho das mãos, a vedação dos orifícios para se alcançar as notas mais graves como o Ré-3 e o Dó-3 é uma tarefa difícil, sendo necessário aguardar o crescimento das mãos e o desenvolvimento da coordenação motora fina. Enquanto isso, inicia-se com as notas mais agudas, como Si, Lá e Sol, deste modo o *Dood* estará apoiado nos lábios e polegares e o indicador da mão esquerda, de forma a equilibrar o instrumento e tocar melodias com três notas. Com o passar do tempo são inseridas mais notas e novas melodias, até que a criança possa tocar todas as notas.

A transição do *Dood* para o *Clarinéo* envolve questões de ordem ergonômica, pois o *Dood*, por ser pequeno, é manuseado com os dedos unidos pela criança. Por outro lado, no

*Clarinéo* há um espaçamento maior entre os orifícios, o que vai exigir das crianças abrir mais as mãos e mantê-las assim, o que não ocorre num primeiro momento e remete novamente a dificuldades na emissão das notas graves, que dependem de chaves para serem executadas, a exemplo das notas Fá-2 e Mi-2. Outro ponto que causa estranhezas à criança é o fato da mudança de digitação das notas, uma vez que o *Dood* tem sua digitação próxima à da Flauta doce, e o *Clarinéo* tem a mesma digitação da clarineta. A adaptação feita na boquilha do *Dood* também se faz necessária no *Clarinéo* para se manter a utilização da palheta de cana.

A passagem para a Clarineta em Dó também envolve questões ergonômicas, motoras e força física, pois o instrumento é dotado de todo o aparato que uma Clarineta em Si Bemol tem: anéis vazados, chaves, chave para o registro agudo, com orifício e anel para o polegar esquerdo, que é responsável pelo acionamento da chave de registro. A Clarineta em Dó utiliza palheta de cana, o que pode causar estranhamento às crianças que só tocaram em palhetas de plástico nos instrumentos anteriores, pois as palhetas de cana oferecem maior resistência à emissão do som.

O peso do instrumento é relativamente bem maior do que o peso do *Clarinéo*, na maioria dos casos, as crianças não conseguem sustentar o peso da clarineta com o polegar direito, o que acarreta vazamento ao tentar fechar os orifícios, normalmente os dedos anelares não conseguem vedar os orifícios, haja vista estarem erroneamente envolvidos na sustentação do instrumento. Neste caso, a fim de sanar a dificuldade de sustentação da Clarineta em Dó, se faz necessária a utilização de uma correia, ou que a criança apoiasse a clarineta em seu joelho, tendo em vista que na maior parte do tempo ela tocará sentada.

A transição da Clarineta em Dó para a Clarineta em Si Bemol, sonho de consumo das crianças, traz consigo seus desafios: embora menor, o instrumento é mais pesado, e o tamanho de seu tubo exige um ligeiro aumento na quantidade de ar; por ser maior, o acionamento das chaves do Fá-2, Fá#-2 e Mi-2, são feitos em chaves B (alternativas), posteriormente, a criança irá tocar nas chaves A. Não diferente da Clarineta em Dó, o dedo anelar também é responsável por vazamentos, talvez seja necessário uma adaptação em ambas as Clarinetas, de forma a se diminuir o tamanho dos orifícios para evitar os vazamentos.

Todas as transições que ocorreram devem partir de uma decisão do professor, que deve estar atento ao desenvolvimento da criança, para que os desafios impostos por cada instrumento possam ser superados pelo jovem clarinetista, pois sua decisão poderá implicar em motivação ou desmotivação.

Estar atento ao desenvolvimento físico, motor, cognitivo e às interações sociais das crianças, é fundamental para a tomada de decisão: se a criança está apta ou não a iniciar seus estudos na próxima clarineta e se esta atende, naquele momento, às necessidades físicas e

ergonômicas de cada criança, que muitas vezes tem a mesma idade, porém com estatura e porte físico diferentes. Desta forma, a permanência de tempo em cada uma das clarinetas pode variar de criança para criança.

Apesar das adaptações necessárias para que as crianças pudessem tocar cada um dos instrumentos sugeridos, observou-se que a utilização destes nos processos de aprendizagem da clarineta para crianças na terceira infância é promissora, sem impeditivos para que a criança comece seus estudos com qualquer uma das clarinetas aqui dispostas, desde que o instrumento atenda às suas necessidades ergonômicas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, que se debruçou sobre as trajetórias de três crianças iniciantes na clarineta, desde o *Dood* até a Clarineta em Si Bemol, buscou-se compreender os fatores que influenciam o sucesso da aprendizagem instrumental na infância. Observou-se que cada etapa desse percurso foi cuidadosamente planejada, levando em consideração não apenas a evolução técnica, mas também a realidade física e as necessidades ergonômicas de cada criança.

Ao analisar as trajetórias de iniciação à clarineta das três crianças clarinetistas, que percorreram seus caminhos desde o *Dood* até a Clarineta em Si Bemol, foi possível notar que a utilização de quatro clarinetas de diferentes proporções influenciou significativamente o processo de aprendizagem instrumental por crianças na terceira infância. Cada instrumento foi cuidadosamente selecionado com base na condição física e nas necessidades ergonômicas das crianças. Essa abordagem permitiu uma transição gradual, levando em consideração o desenvolvimento físico e motor de cada uma delas.

A progressão através dos diferentes instrumentos proporcionou uma oportunidade para as crianças explorarem e desenvolverem suas habilidades musicais, adaptando-se progressivamente às demandas técnicas de cada clarineta. A partir do *Dood*, que facilitou a emissão dos primeiros sons, passando pelo *Clarinéo*, que exigiu uma abertura maior das mãos, até a Clarineta em Dó, bem mais pesada do que seu antecessor, que introduziu as palhetas de cana, um pouco mais pesadas do que as de plástico, as crianças enfrentaram desafios que contribuíram para seu crescimento musical e motor.

A adaptação às características de cada instrumento também promoveu a motivação e o engajamento das crianças no aprendizado da clarineta. A superação gradual das dificuldades, aliada ao suporte e orientação do professor, estimulou o interesse das crianças pela música e pelo instrumento.

A influência das diferentes proporções dos instrumentos no processo de aprendizagem instrumental, como no caso do *Dood*, que proporcionou uma introdução ao mundo da clarineta de forma acessível, com a emissão sonora facilitada pela palheta de plástico. Além disso, as dimensões reduzidas do *Dood* facilitam seu manuseio e equilíbrio, o que propiciou a execução de diversas músicas do cancionário infantil.

A passagem para o *Clarinéo* apresentou desafios ergonômicos, sendo maior que o *Dood* e dotado de algumas chaves e alguns anéis. Por ser confeccionado de plástico, o novo instrumento é bastante leve e emite o som facilmente com a palheta de plástico original, chama a atenção das crianças com suas cores e por parecer com a clarineta propriamente dita. Com um

conjunto maior de notas superiores à oitava que o *Dood* oferecia, as crianças puderam alcançar voos mais altos no que tange ao repertório.

Ao avançar para a Clarineta em Dó, que já é dotada dos mesmos aparatos que a Clarineta em Si Bemol, há o fascínio, a motivação e o envolvimento das crianças na concretização de um sonho. Com o novo instrumento em mãos, as crianças clarinetistas mergulham em uma outra realidade de sua trajetória, que envolve os cuidados de montar e desmontar o instrumento, com as palhetas e boquilha. A mudança da sonoridade produzida é evidente e perceptível, agora o repertório avança brevemente para músicas mais desafiadoras, propostas pelo professor e pelos jovens clarinetistas que, além dos recitais de formatura, se apresentam para seus familiares, tocam em eventos de suas escolas e continuam a enviar vídeos a seus professores demonstrando suas façanhas.

Finalmente, a transição para a Clarineta em Si Bemol, a “clarineta igual à dos adultos”, permitiu que as crianças clarinetistas finalmente alcançassem seu ápice, ao tocar o mesmo instrumento que os alunos mais avançados, buscando tocar as mesmas músicas que o demais, sentindo-se parte integrante do grupo e das atividades coletivas ao tocar as mesmas partituras que os demais, o que exige deles mais tempo de estudos e um nível mais elevado de concentração nos ensaios.

A atenção do professor ao desenvolvimento individual de cada criança foi fundamental para o sucesso das trajetórias aqui dispostas. Portanto, fica evidente que a escolha adequada de instrumentos, considerando as características físicas e ergonômicas das crianças, é essencial para o desenvolvimento musical na terceira infância.

Inicialmente, ao utilizar o *Dood*, nota-se que a emissão do som é facilitada com a palheta de plástico original, porém, a mudança para a palheta de cana requer uma adaptação na boquilha para garantir a emissão do som. Ademais, as dimensões reduzidas do *Dood* exigem uma abordagem especial, para que as crianças mais jovens possam alcançar as notas graves, enquanto a transição para o *Clarinéo* envolve questões ergonômicas devido ao espaçamento maior entre os orifícios, demandando uma abertura maior das mãos, bem como a adaptação na boquilha para a utilização da palheta de cana, que muda de maneira significativa a sonoridade do instrumento.

A transição para a Clarineta em Dó e, posteriormente, para a Clarineta em Si Bemol, apresenta desafios ergonômicos, motores e de força física significativos. Essa transição requer adaptações específicas, como a utilização de correia para sustentação do instrumento, em alguns casos também se faz necessário trocar a peça de apoio do polegar direito, que recebe o peso da clarineta, por outra peça que possa engatar a correia de sustentação. O apoio da clarineta no

joelho da criança também representa uma solução para aliviar o peso sobre o polegar direito. Além disso, a mudança para a Clarineta em Si Bemol demanda ajustes nos orifícios, que devem ser vedados pelos dedos anelares, para evitar vazamentos pode-se optar por uma sutil diminuição no diâmetro dos orifícios com a utilização de resina, por exemplo.

A análise do estudo de caso das trajetórias de três crianças clarinetistas, que iniciaram suas jornadas com instrumentos de menores proporções, mostra que cada clarineta foi selecionada levando em consideração a condição física e as necessidades ergonômicas das crianças. Isso permitiu uma transição gradual entre cada instrumento, em consonância com o desenvolvimento físico e motor das crianças.

Ao longo desse percurso, foram identificados diversos fatores que contribuem para o sucesso da aprendizagem na infância. A motivação e alegria das crianças ao tocar um instrumento musical foram aspectos marcantes, impulsionando-as a vencer desafios e a se dedicarem aos estudos. O convívio com outras crianças clarinetistas também foi enriquecedor, proporcionando um ambiente de colaboração e aprendizado mútuo. Evidenciou-se, ainda, o desejo das crianças de alcançar o nível dos alunos mais avançados, o que as incentivou a persistir e a buscar melhorias constantemente.

Os desafios enfrentados ao longo do processo foram condizentes com a realidade de cada criança, respeitando seus limites e promovendo desenvolvimento gradual e consistente. Outro aspecto relevante foi o desejo de tocar uma clarineta maior, o que demonstra o engajamento e o entusiasmo das crianças pelo aprendizado musical. Essa progressão, aliada à adaptação dos instrumentos às necessidades ergonômicas de cada criança, contribuiu significativamente para o desenvolvimento musical e motor de cada uma.

Diante das trajetórias de iniciação à clarineta das três crianças clarinetistas, que utilizaram quatro clarinetas de diferentes proporções, constata-se um impacto significativo em seus processos de aprendizagem instrumental. A escolha de instrumentos que atendessem às necessidades físicas e ergonômicas das crianças permitiu uma transição alinhada com seu desenvolvimento físico e motor.

Aliando a adaptação dos instrumentos às necessidades ergonômicas de cada criança, foi possível contribuir para seu desenvolvimento musical e motor. Conclui-se, assim, que as clarinetas utilizadas neste estudo foram escolhas apropriadas para a iniciação aos estudos da clarineta por crianças na terceira infância, proporcionando o desenvolvimento de suas habilidades musicais e preparando-as para os novos desafios, tendo ao seu lado a tão sonhada Clarineta em Si Bemol.

## REFERÊNCIAS

ALVES, A. C. **Expertise na clarineta: possibilidades de construção da performance musical de “alto nível”**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Instituto de Artes, Departamento de Música, Brasília, DF, 2013.

ALVES, C. S. **O Processo de Emissão do Som na Clarineta: proposição e validação de um plano de instrução**. 2013. 201 p. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Campinas, SP, 2013.

BARBOSA, J. L. S. **Considerando a Viabilidade de inserir Música Instrumental no Ensino de Primeiro Grau**. Revista da ABEM, 2014. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br>. Acesso em: 22 de setembro de 2023.

BARROS, R.; FREIRE, R. J. D. A improvisação como processo criativo na aprendizagem da clarineta. *In: X Simpósio de Cognição e Artes Musicais: Anais do X Simpósio de Cognição e Artes Musicais, Campinas-SP, v.1. p.191 – 199, 2014.*

CLARIPERU. *El clarinete en Latinoamérica*. Peru, 2006. Disponível em: [http://www.clariperu.org/Biografia\\_Santos.html](http://www.clariperu.org/Biografia_Santos.html). Acesso em: 10 de outubro de 2023.

FERREIRA, S. **10 Peças Fáceis Para Clarineta e Piano**. 2021.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LAGE, G. M; BORÉM, F.; BENDA, R.N.; MORAES, L.C. **Aprendizagem motora na performance musical: reflexões sobre conceitos e aplicabilidade**. *Per Musi*: Belo Horizonte, 2002. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Guilherme-Lage-3/publication/283151761\\_Aprendizagem\\_motora\\_na\\_performance\\_musical\\_reflexoes\\_sobre\\_conceitos\\_e\\_aplicabilidade/links/562d01e408ae04c2aeb4a031/Aprendizagem-motora-na-performance-musical-reflexoes-sobre-conceitos-e-aplicabilidade.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Guilherme-Lage-3/publication/283151761_Aprendizagem_motora_na_performance_musical_reflexoes_sobre_conceitos_e_aplicabilidade/links/562d01e408ae04c2aeb4a031/Aprendizagem-motora-na-performance-musical-reflexoes-sobre-conceitos-e-aplicabilidade.pdf). Acesso em: 17 de novembro de 2023.

LAWSON, C. *The Early Clarinet: A Practical Guide*. [S. l.]: Cambridge University Press, 2000.

MACHADO, David Joel Gomes. **Saxonette**: uma alternativa para a iniciação do clarinete? 2017. 125 p. Relatório de Estágio (Mestrado em Ensino de Música - Instrumento - Clarinete) Instituto Politécnico de Castelo Branco, Castelo Branco-Portugal, 2017.

Museu da Imagem e do som. *In: Abel Ferreira*. Rio de Janeiro: Daniel Cardoso, 23 jul. 2020. Disponível em: <http://www.mis.rj.gov.br/colecao/abel-ferreira/>. Acesso em: 10 de outubro de 2023.

OLIVEIRA, R. G. C.; FREIRE, R. J. D. Estudo de caso – Trajetória de iniciação à clarineta com instrumentos adaptados à realidade física da criança. *In: Anais do XI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Performance Musical*, Uberlândia-MG, 2023. V.1. p. 95 – 101.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. e FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PEDERIVA, P. L. M.; TRISTÃO, R. M. *In: Ciências & Cognição*; Vol. 09. p. 83-90. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org>. Acesso em: 29 de agosto de 2023.

RAMBO, Z. R.; ALMEIDA, B. F. C.; WOLFFENBÜTTEL, C. R. Educação musical na infância: uma investigação sobre sua importância. **Revista da FUNDARTE**, Montenegro-RS, ano 18, v. 36, p. 15-30, 17 dez. 2018. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/issue/view/59>. Acesso em: 29 de agosto de 2023.

CLARINÉO. NUVO, 2024. *Copyright* © 2024. Nuvo Instrumental (Asia) Ltd. *All rights reserved*. Disponível em: <https://www.nuvoinstrumental.com/products/clarineo/>. Acesso em: 05 de dezembro de 2023.

PENNA, Maura. **Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

TOSSINI, R. B. **A construção de *chalumeau* soprano infantil em impressão 3D**: Novas possibilidades para iniciação instrumental. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, 2021.

TOSSINI, R. B.; FREIRE, R. J. D. **A improvisação na aprendizagem instrumental**: o estudante como sujeito de sua própria aprendizagem. *In*: XI Simpósio Internacional de Cognição e Artes Musicais, Pirenópolis, 2015.

